

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

BEATRIZ TEIXEIRA MORETTINI MEDEIROS

**AS CONCEPÇÕES DO MASCATE NA HISTÓRIA DE
SUA ATIVIDADE NA REGIÃO PANTANEIRA:
PRODUZINDO E TROCANDO SABERES**

**CAMPO GRANDE/MS
2013**

BEATRIZ TEIXEIRA MORETTINI MEDEIROS

**AS CONCEPÇÕES DO MASCATE NA HISTÓRIA DE SUA ATIVIDADE NA
REGIÃO PANTANEIRA: PRODUZINDO E TROCANDO SABERES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Educação, da Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul, como requisito final à obtenção do
título de Mestre.

Prof^ª. Dr.^ª Sônia da Cunha Urt.

CAMPO GRANDE/MS

2013

Medeiros, Beatriz Teixeira Morettini.

As concepções do mascate na história de sua atividade na região pantaneira: produzindo e trocando saberes– Campo Grande, MS, 2013.

137 p. il ; 30 cm.

Orientadora: Sônia da Cunha Urt

Dissertação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Campo Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Psicologia. 2Atividade. 3Concepção de sujeito. 4. Mascate.– Pesquisa I. Urt, Sônia da Cunha. II Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestrado em Educação. III. Título.

CDD

BEATRIZ TEIXEIRA MORETTINI MEDEIROS

**AS CONCEPÇÕES DO MASCATE NA HISTÓRIA DE SUA ATIVIDADE NA
REGIÃO PANTANEIRA PRODUZINDO E TROCANDO SABERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Mestre

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª. Dr.ª. Sônia da Cunha Urt / UFMS



Prof.ª. Dr.ª Jacira Helena do Valle Pereira Assis / UFMS



Prof. Dr. Edgar César Nolasco dos Santos / UFMS

Campo Grande-MS, 21 de junho de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudaram.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Prof^ª Dra. Marly Teixeira Morettini, a quem mais devo agradecer, pois como bem disse o poeta Drummond, “mãe não tem limite, é tempo sem hora.

Mãe, na sua graça, é eternidade”, Obrigada!

Ao meu marido Arnaldo, pela ajuda e compreensão.

À Prof.^ªDr.^ª Sônia da Cunha Urt, pelo seu empenho e dedicação em orientar-me.

Aos pantaneiros entrevistados, por terem me permitido entrar em suas casas e remexer em suas memórias.

À Banca de Professores.

A todos os que acreditam, pois sem acreditar, a vida o que seria?

**Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.**

(PESSOA, 2012, p. 47)

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar as concepções dos pantaneiros acerca do sujeito mascate, retomando-a, por meio de entrevistas colhidas das memórias de sujeitos que conviveram com ele, utilizaram os seus serviços ou participaram de suas vidas e de seu trabalho. O referencial teórico-metodológico adotado foi a abordagem histórico-cultural da Psicologia, representada por Vigotski e seus colaboradores, principalmente Luria e Leontiev. Foram utilizadas as contribuições dos psicólogos soviéticos para a compreensão da constituição do psiquismo humano que se faz por meio da apropriação da cultura expressa nos processos educativos. Buscou-se verificar como se deu a atividade do mascate pantaneiro, no contexto onde ele viveu e ainda vive, reconhecendo que, esse sujeito, para bem desempenhar a sua função, teve que lançar mão de diferentes estratégias por força das circunstâncias do locus geo-histórico cultural. Optou-se por uma pesquisa-empírica para que fossem registrados os depoimentos sob a forma de memórias a respeito desses sujeitos. Foram selecionados dez pantaneiros, sendo cinco fazendeiros, um peão, um capataz, um praieiro, uma cozinheira e um mascate, residindo no Pantanal, ou não, que utilizaram os serviços dos mascates. Como procedimento foi utilizada a entrevista oral com a análise das respostas dos entrevistados. Evidenciou-se que o mascate, na sua atividade de comerciar os mais diversos produtos nas diferentes fazendas da região pantaneira, realizou trocas de saberes, com os moradores da região, repassando para as pessoas o seu gosto pela música, pela leitura, pelas histórias, pela matemática. Constatou-se também que, o grande inconveniente da atividade do mascate, foi a venda de bebida alcoólica (pinga) para os peões nas fazendas, visando o lucro e desrespeitando a lei seca que fez com que os pecuaristas os expulsassem do pantanal, apesar do bom serviço que prestavam. Muitas outras questões sobre o significado e sentido do sujeito mascate do ponto de vista da forma de organização de seu trabalho, de possíveis explorações e de encaminhamento para sua quase inexistência na região pantaneira, podem ser pensadas a partir dessa pesquisa.

Palavras-chave: Mascate; Teoria Histórico-cultural; Concepções.

ABSTRACT

This research aims to investigate the pantaneiro's conceptions about the peddler subject, resuming it, through interviews collected by the individuals memories who lived with him, used their services or participated in their lives and their job. The theoretical and methodological approach adopted was the cultural-historical of Psychology, represented by Vigotski and his collaborators, especially Luria and Leontiev. We used the contributions of Soviet psychologists to understand the constitution of the human psyche that is done through the appropriation of culture expressed in the educational processes. We attempted to verify how was the pantaneiro peddler subject's , in the context in which he lived and still lives, recognizing that, this guy to perform well his function, had to resort to different strategies of the geo-historical and cultural locus. We opted for an empirical research for that the testimonies were recorded in the form of memories about these subjects. They were selected ten pantaneiros, five farmers, one farm worker, one foreman, one praieiro, one cook and one peddler, living in Pantanal or not, that used the services of the peddlers. As procedure we used the oral interview with the analysis of respondents' answers. It was evidenced that the peddler, in his activity to commercialize several products in different farms in the Pantanal region, achieved exchange knowledge with local residents, retracing for people the love for music, reading, stories, mathematics. It was also found that the main inconvenient of peddler's activity was the sale of alcohol (pinga) for workers on farms, aiming profit and disregarding the drink-driving law that made the farmers expel them from Pantanal, despite their good service rendered. Many other questions about the meaning and significance of peddler subject from the viewpoint of the organization form of their work, possible explorations and referring to their almost absence in the Pantanal region, can be thought from this research.

Keywords: Peddler; Historic-Cultural Theory; Conceptions.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Caracterização dos sujeitos pesquisados.....	63
---	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa da Bacia do Alto Pantanal Sub-regiões do Pantanal	39
FIGURA 2 - Mapa da Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai	43
FIGURA 3 - Lista de Compras.....	69
FIGURA 4 – Lista 1 de encomendas para o mascate	72
FIGURA 5- Lista 2 de encomendas para o mascate	73
FIGURA 6- Lista 3 de encomendas para o mascate.....	76
FIGURA 7 - Recibo de pagamento das prestações	82
FIGURA 8 - Carnê de pagamento	83

LISTA DE DIAGRAMAS

DIAGRAMA 1 - Episódios Identificados 65

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro das perguntas das entrevistas.....	101
APÊNDICE B - Entrevista 1	102
APÊNDICE C - Entrevista 2	104
APÊNDICE D - Entrevista 3	106
APÊNDICE E - Entrevista 4	108
APÊNDICE F - Entrevista 5.....	110
APÊNDICE G - Entrevista 6.....	112
APÊNDICE H - Entrevista 7	114
APÊNDICE I - Entrevista 8.....	115
APÊNDICE J - Entrevista 9	117
APÊNDICE K - Entrevista 10.....	118
APÊNDICE L – Quadros de análise dos episódios identificados	120
APÊNDICE M – TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	132
APÊNDICE N – Aprovação do comitê de ética.....	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL - CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	19
1.1 A CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO HUMANO	19
1.2 A APROPRIAÇÃO DA CULTURA E A EDUCAÇÃO	29
1.3 A ATIVIDADE COMO EXPRESSÃO DO SUJEITO MASCATE.....	33
2 LOCUS GEO-HISTÓRICO CULTURAL: FALANDO DO PANTANAL	38
2.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS	38
2.2 QUESTÕES DE CULTURA - O MASCATE COMO SUJEITO DE SUA ATIVIDADE NAS BITOLAS DO PANTANAL	45
3 AS CONCEPÇÕES ACERCA DOS MASCATES E SUAS TRAJETÓRIAS	58
3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	58
3.1.1 Nas fontes da historiografia regional.....	58
3.1.2 Na voz dos sujeitos	62
3.2 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS ACHADOS	64
3.2.1 A atividade do mascate nos cinco episódios identificados - uma Síntese	84
3.3 A VOZ DO MASCATE : ACELINO EM BUSCA DE SI MESMO - NA VISÃO DA PESQUISADORA.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	101

INTRODUÇÃO

O que se pretende com esta pesquisa é retomar a história da atividade do mascate pantaneiro, por meio das concepções dos sujeitos que conviveram com eles, utilizaram os seus serviços ou participaram de suas vidas e de seu trabalho, para que fossem colhidas suas entrevistas.

O referencial teórico-metodológico adotado é a Teoria Histórico-Cultural da Psicologia¹, representada por Vigotski e seus colaboradores, principalmente Luria e Leontiev. São utilizadas as contribuições dos psicólogos soviéticos para a compreensão da constituição do psiquismo humano que se faz por meio da apropriação da cultura expressa como processo educativo.

O objetivo é investigar como se deu a atividade do sujeito mascate pantaneiro, no contexto onde ele viveu e ainda vive, reconhecendo que, esse sujeito, para conseguir bem desempenhar a sua função, teve que lançar mão de diferentes estratégias por força das circunstâncias do locus geo - histórico cultural.

Neste trabalho, a representatividade da atividade do mascate não se deu via direta na totalidade e sim pela voz “do outro” expressas nas suas memórias, histórias de convivências com esses personagens.

A opção em fazer uma pesquisa sobre o sujeito que percorreu a região pantaneira, em tempos passados, surgiu da minha vivência, no Pantanal, onde morei de 1993 a 1997 e ainda hoje passo parte do meu tempo e, por experiência própria conheço as dificuldades de transitar nas bitolas de uma fazenda a outra numa região de difícil acesso e sem comunicação. Pesou também a necessidade de conhecer melhor a figura social do mascate² pantaneiro que, desde o início da fundação das primeiras fazendas, no século XVIII, até os dias de hoje, vem lutando com a precariedade dos meios de comunicação e de transporte, ainda morosos e insuficientes para o avanço do progresso na região. Mascate foi o nome vulgarmente dado, no Brasil, aos mercadores ambulantes e vendedores que iam de fazenda em fazenda, levar os seus produtos. No início, comerciavam apenas objetos de grande necessidade como roupas, calçados e remédios, mais tarde, com o aumento do capital, começaram também a oferecer tecidos, roupas prontas, miudezas e outros artigos. Chama-se de pantaneiro, neste trabalho, o

¹ Utiliza-se, neste trabalho, a denominação Psicologia Histórico-Cultural, por ser uma expressão originalmente cunhada por Vigotski, embora existam outras denominações com o mesmo significado, como Psicologia Sócio-Histórica, Teoria Sócio-Histórica ou Escola de Vigotski.

² Vendedor ambulante de objetos manufaturados, tecidos, joias etc. (Aurélio, 2004)

homem que é nascido, vive e/ou trabalha na região do Pantanal, o peão, o vaqueiro, o fazendeiro (dono de fazenda) que têm terras no Pantanal.

Este trabalho vincula-se também a outra pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação (GEPPE) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), ligado à Linha de Pesquisa Educação, Psicologia e Prática Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu). O GEPPE desenvolveu uma pesquisa financiada pela FUNDECT/MS 2008-2010: “A Educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano” contendo 3 (três) eixos para a realização de análise da constituição do sujeito – primeiro Eixo: inventário nas *Produções Científicas*: teses, dissertações, artigos de periódicos, livros e capítulos de livros 2) segundo Eixo – inventário da produção na *Literatura e Expressões Regionais*; 3) terceiro Eixo – inventário da produção na *Comunicação* – formas de divulgação desses produtos - sites, documentários, mídia impressa e eletrônica. Esta investigação liga-se ao Eixo 2 da referida pesquisa, que se iniciou com o propósito de analisar a constituição do sujeito pantaneiro, a partir do que dizem sobre ele sobre a nossa Historiografia Regional.³

Na realização do inventário da produção existente sobre o Pantanal⁴, tomamos como eixo central a articulação de três categorias: homem/educação/cultura. Neste espaço, conseguimos catalogar 80 (oitenta) obras. Isso não significa que não existam mais obras por analisar. Levantamos as que atendiam objetivamente os nossos critérios. Ao selecionar aquelas, cujo foco centrava o interesse no homem, destacamos 45 (quarenta e cinco) para análise o que significa que muitas das obras sobre o Pantanal estão direcionadas para o “Santuário Ecológico”, lugares lindos, pássaros, bichos, e interesses ambientais. Nas 45 obras selecionadas, procuramos analisar as temáticas e os focos privilegiados sobre a constituição do homem que habita a região do Pantanal.

A constituição desse homem, conhecido como pantaneiro e conceituado como concreto, social e cultural, é entendida em seu espaço, cheio de especificidades. Estudamos este ambiente, valorizando o singular, dentro de um todo maior, onde cada especificidade faz parte da pluralidade, decorrente das relações sociais estabelecidas.

Para compreender esse homem que vive e trabalha nesse contexto tão singular, buscamos as colaborações de Vygotsy e Leontiev com a teoria da Atividade, em suas explicações que poderão nos ajudar nas análises, procurando entender os fenômenos subjetivos como um reflexo da realidade objetiva. Nesse sentido, o objetivo é romper com as

³ Chamamos de Historiografia Regional ao estudo crítico e à escrita criteriosa da nossa região.

⁴ Inventário das produções existentes sobre o Pantanal realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação (GEPPE) para a publicação do livro “Cancioneiro do Pantanal”, 2009.

ideias cristalizadas a respeito do desenvolvimento do psiquismo humano, na tentativa de estudar o processo de constituição desse sujeito em suas transformações. O trabalho realizado por ele aparece como um elemento importante em seu processo de constituição.

Nesta concepção, é pela dialética apropriação/ objetivação - o processo através do qual o sujeito internaliza e objetiva o significado das experiências de suas atividades no mundo, que ele se torna histórico. Portanto, ao se apropriar de uma objetivação, o sujeito está se relacionando com a história social.

A partir desta abordagem, para poder levantar novas possibilidades de ações em relação à prática, é necessário retomar conceitos básicos que funcionam como suporte das práticas educativas, problematizando a questão da educação e entendendo-a como apropriação da cultura que se dá, não necessariamente na escola, mas durante os processos educativos.

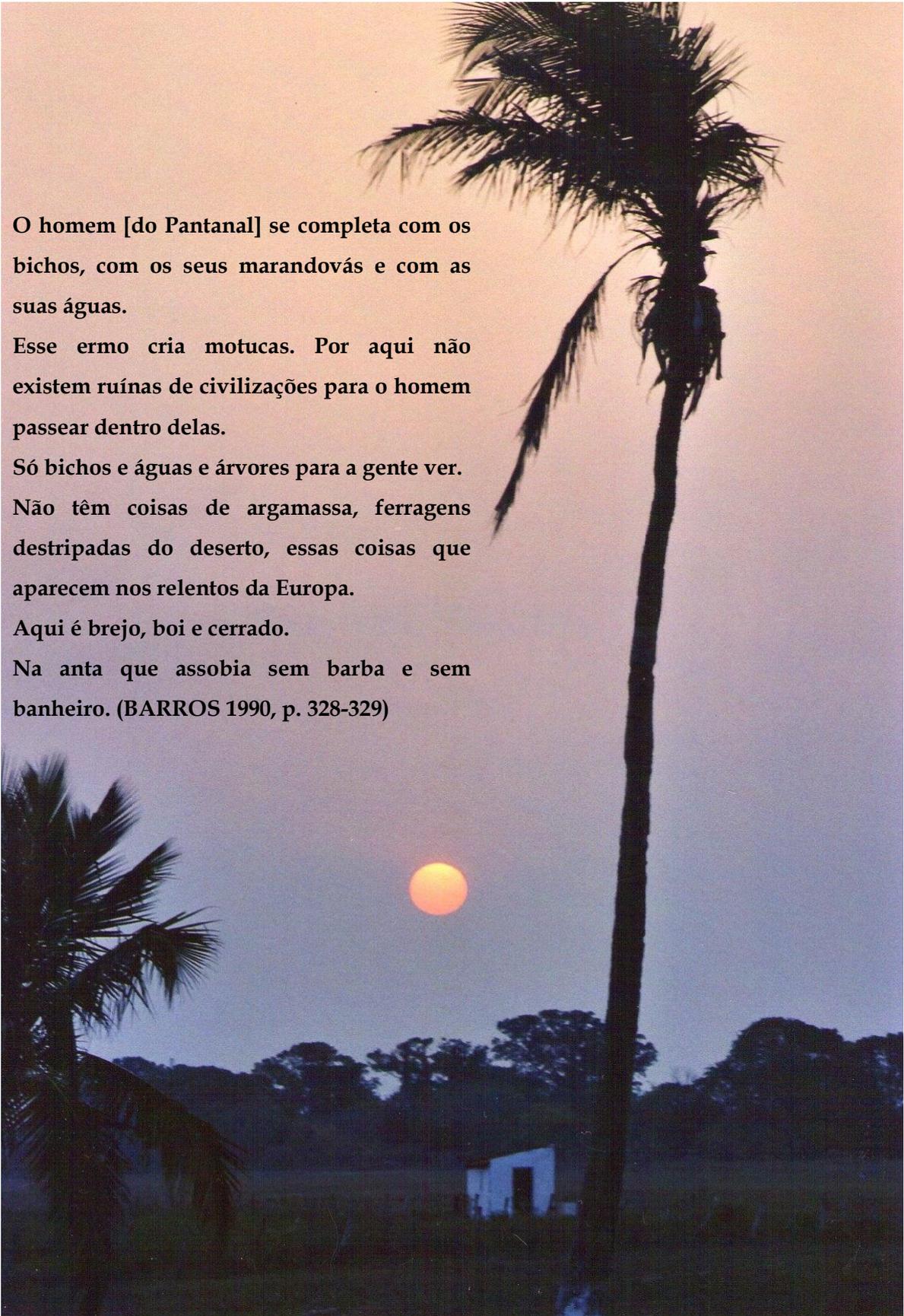
Para esta pesquisa, foram selecionados 10 (dez) pantaneiros, sendo 5 fazendeiros, 1 peão, 1 capataz, 1 prairieiro, 1 cozinheira e 1 mascate pantaneiro, residindo no Pantanal, ou não, que utilizaram os serviços dos mascates ou participaram de suas vidas e de seu trabalho, para que fossem colhidas suas entrevistas, fatos guardados em suas memórias. É uma pesquisa empírica e como procedimento de análise, é utilizada a análise de conteúdo das entrevistas dos sujeitos.

No primeiro capítulo deste trabalho, “A Teoria Histórico-Cultural: Contribuições Para O Estudo do Desenvolvimento Humano” colocamos a Teoria Histórico-Cultural, pressupostos e concepções para dar suporte às nossas análises, enfocando a atividade humana em Leontiev. Enfatizamos também o sujeito-mascate, enquanto exerce a sua atividade de palmilhar os difíceis caminhos da região pantaneira, comercializando os seus produtos.

No segundo capítulo, “Locus Geo-Histórico Cultural: falando do Pantanal”, pontuamos os aspectos geográficos e culturais da região e o estudo das temáticas regionais que deverão levar à compreensão da singularidade cultural do homem dessa região.

No terceiro capítulo “Concepções acerca dos Mascates e suas trajetórias” apresentamos todo o desenvolvimento da investigação e de que forma foram feitos os procedimentos. São apresentadas as análises que procuram captar, por meio das entrevistas selecionadas, a compreensão do significado que os sujeitos têm da história da atividade do mascate, como era essa atividade antes, como é agora e que relevância ela teve para o processo educativo de sua constituição e de seus interlocutores pantaneiros.

O trabalho é fechado com as Considerações Finais, respondendo algumas questões deixando outras para futuras investigações. Os Apêndices estão colocados no corpo do trabalho.



O homem [do Pantanal] se completa com os bichos, com os seus marandovás e com as suas águas.

Esse ermo cria motucas. Por aqui não existem ruínas de civilizações para o homem passear dentro delas.

Só bichos e águas e árvores para a gente ver. Não têm coisas de argamassa, ferragens destripadas do deserto, essas coisas que aparecem nos relentos da Europa.

Aqui é brejo, boi e cerrado.

Na anta que assobia sem barba e sem banheiro. (BARROS 1990, p. 328-329)

1 A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL - CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Não é exagero dizer que Vigotski era um gênio. Mais de cinco décadas de trabalho no meio científico, nunca mais encontrei qualquer pessoa cujas qualidades se aproximassem das de Vigotski: sua clareza mental, sua habilidade na identificação da estrutura essencial de problemas complexos, a extensão de seu conhecimento em vários campos, e a capacidade que tinha de antever o desenvolvimento futuro de sua ciência. (LURIA, 1992, p.43).

Apresentamos, neste capítulo, as contribuições da Teoria Histórico-Cultural com Vigotski para a compreensão do psiquismo humano, mais especificamente a Teoria da Atividade com Leontiev, que explica o sujeito em condições de desenvolver seu pensamento, por meio da atividade prática, para a produção de sua existência. Pontuamos a temática regional, compreendendo-a como importante, para o resgate da atividade desempenhada pelo mascate, no contexto onde vive e realiza as suas experiências.

1.1 A CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO HUMANO

O homem identifica-se com a natureza enquanto ser biológico. Tanto o homem como o animal atuam sobre a natureza para sua sobrevivência. O que os diferencia é a forma como o homem atua sobre ela. Na atividade de produzir a sua existência, ele transforma a natureza e a si próprio. Esta atividade prática que é o trabalho, garante não só a sobrevivência da espécie humana, como diferencia o homem dos outros animais, pois é uma atividade prática intencional e planejada.

Ao considerarmos que o homem produz a sua história temos que compreendê-lo na relação homem/mundo e como se dá esta relação, o que lhe confere consciência. O homem, ao desenvolver a sua atividade prática, o trabalho, cria instrumentos, formas de relações sociais com outros homens, cria ideias, maneiras de pensar que vão ajudá-lo em outras transformações, pois, as relações sociais foram criadas pela atividade do trabalho.

É com o trabalho que o homem vai desenvolvendo a diferenciação, tanto pela fabricação de instrumentos úteis, como pela linguagem na transmissão de conhecimentos.

Para estudarmos o processo de constituição desse sujeito, através das implicações em sua atividade, recorreremos à Psicologia Histórico-Cultural, mais especificamente aos fundamentos teóricos de Vigotski, Leontiev, e outros interlocutores.

A retomada da história do sujeito e da atividade em questão, constitui-se como importante aspecto para o desenvolvimento do presente estudo. Abordamos a relevância do

significado dessas experiências realizadas para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores do sujeito.

Esta nova concepção entende o homem como social e segundo Leontiev (1978a, p.8) “o homem é um ser de natureza social, e tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade”

No século XIX, pouco tempo após o aparecimento do livro de Darwin, "A origem das Espécies"(1859), Engels sustentava a ideia de que o homem é profundamente diferente de seus antepassados animais, que a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho, e que esta passagem deu início ao desenvolvimento diferente do desenvolvimento dos animais, que foi o sócio-histórico.

O trabalho é, em primeiro lugar, um processo de que participam igualmente o homem e a natureza, e no qual o homem espontaneamente inicia, regula e controla as relações materiais entre si próprio e a natureza. Ele se opõe à natureza como uma de suas próprias forças, pondo em movimento braços e pernas, as forças naturais de seu corpo, a fim de apropriar-se das produções da natureza de forma ajustada a suas próprias necessidades. Pois, atuando assim sobre o mundo exterior e modificando-o, ao mesmo tempo ele modifica a sua própria natureza. Ele desenvolve seus poderes inativos e compele-os a agir em obediência à sua própria autoridade. Não estamos lidando agora com aquelas formas primitivas de trabalho que nos recordam apenas o mero animal. Um intervalo de tempo imensurável separa o estado de coisas em que o homem leva a força de seu trabalho humano ainda se encontrava em sua etapa instintiva inicial. Pressupomos o trabalho em uma forma que caracteriza como exclusivamente humano. (MARX, 1985, p. 197-198).

Conforme as necessidades eram satisfeitas pelo sujeito, por meio do trabalho, novas necessidades mais elaboradas surgiam, igualmente fundamentais, uma vez que produzidas nas relações sociais, pelas gerações humanas coletivas, portanto, orientadoras de novas ações.

A formação do homem continuava a ser feita por transformações transmitidas de geração em geração pela hereditariedade e, ao mesmo tempo, elementos novos apareciam no seu desenvolvimento. Nesta perspectiva, as características, tipicamente humanas, formaram-se ao longo da história da humanidade e desenvolveram-se durante toda a vida do sujeito, resultantes da interação dialética do homem e do meio cultural.

Entendemos que o processo evolutivo do homem deu-se de maneira diferente dos animais, por ele possuir o trabalho que é uma atividade especificamente humana e originariamente social.

O trabalho distingue o ser social do ser natural e alguns estudiosos (LEONTIEV, 1978b; RUBINSTEIN, 1977) explicam que ele supre as necessidades do homem, é a lei básica do desenvolvimento da humanidade.

Leontiev questiona a forma como se deu a evolução do homem, qual o “mecanismo” que ela produziu, pois, desde o princípio da história humana, os próprios homens e as suas condições de vida não deixaram de se modificar e as aquisições da evolução de se transmitir de geração em geração, o que era a condição necessária da continuidade do progresso histórico. Como não era possível que estas aquisições se fixassem só com a herança biológica, elas se fixaram por meio da atividade humana fundamental chamada trabalho.

Leontiev (1978a) observa que a passagem ao homem pôs fim à ação das leis da variação e da hereditariedade ou que a natureza do homem, uma vez constituída, não tenha sofrido qualquer mudança. O que é verdade é que as modificações biológicas hereditárias não determinam o desenvolvimento sócio-histórico do homem e da humanidade; este é doravante movido por outras forças que não as leis da variação e da hereditariedade biológicas. A hominização, enquanto mudanças essenciais na organização física do homem, termina com o surgimento da história social da humanidade.

Duarte (2000), partindo da compreensão de Marx sobre a constituição do homem por meio da dialética entre apropriação e objetivação, explica a mudança ocorrida no curso do desenvolvimento

O homem é, antes de mais nada um ser vivo, isto é, um ser cuja existência, jamais pode transcorrer sem a ineliminável base biológica. De forma alguma pretendemos argumentar que a vida humana ou o processo de conhecimento se realizem de forma absolutamente independente dos processos naturais. Entretanto o reconhecimento da ineliminável relação entre a sociedade, como princípio ontológico fundamental, deve ser acompanhado de igual reconhecimento da existência de um salto na passagem da evolução da vida sobre a face da Terra, como história da natureza orgânica, para a história social. Este salto não estabelece uma ruptura total, mas configura o início de uma esfera ontológica qualitativamente nova, a da realidade humana, como realidade sócio-histórica. (DUARTE, 2000, p.116-117).

Para Leontiev, a característica básica da atividade é a sua objetividade, daí o autor chamá-la de atividade objetivada.

A noção sobre a natureza objetiva do psiquismo não se refere apenas aos processos cognitivos, mas também a esfera das necessidades e das emoções.

Nessa perspectiva a atividade humana é entendida como uma forma complexa de relação do homem com o mundo, direcionada a um fim consciente e, nesse processo, vai envolver uma atuação que além de ser coletiva, é cooperativa também.

É ela que, a partir do processo de internalização, vai constituir a consciência do homem, a sua forma de pensar, de agir e de sentir e a sua capacidade de compreender e de organizar o real.

Assim, a realidade objetiva que é vivida pelo indivíduo transforma-se em subjetiva, a qual se transformará novamente em objetiva através de suas ações. É o que Lane (1995), chama de “dialética entre subjetividade e objetividade”.

A compreensão da atividade humana como categoria é importante para a explicação dos processos psicológicos porque envolve o homem em seu ambiente histórico organizado.

Para Leontiev então, a atividade humana que é direcionada por motivos a serem alcançados, dá ao homem uma marca - a capacidade de agir conscientemente. O trabalho, em sua abordagem, tem dupla função: é uma atividade produtiva, é uma atividade de comunicação, pelas necessidades das relações de trabalho. A linguagem, nesse caso, desempenha também outra função, a de ser formadora da consciência e do pensamento humano.

A linguagem é aquilo através do qual se generaliza e se transmite a experiência da prática histórica da humanidade; por consequência, é igualmente um meio de comunicação, a condição da apropriação pelos indivíduos dessa experiência e a forma de sua existência na consciência. (LEONTIEV, 1978b, p. 172).

Dessa forma, a consciência individual aparece por meio da consciência social, e essa passagem só é possível porque a estrutura da consciência humana está ligada às formas de atividade.

Para Vygotsky,

O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução da consciência como um todo. (VYGOTSKY, 1987 p, 132).

Leontiev coloca a consciência como outra categoria que explica o desenvolvimento do psiquismo humano, observando que ela é uma etapa superior nesse desenvolvimento porque dá ao homem a capacidade de distinguir entre o objeto e as impressões que se tem dele.

As relações sociais é que dão origem a essa forma especificamente humana de reflexo da realidade, a consciência humana. Para que o homem se encarregue de sua atividade é preciso que descubra o seu significado, que tenha consciência dele “A consciência da

significação de uma ação realiza-se sob a forma de reflexo do seu objeto enquanto fim consciente.” (LEONTIEV, 1978b, p. 80).

Nesse processo, o conhecimento mais simples que se obtém de uma ação mediatizada por um instrumento é fruto de uma experiência social – o homem adquire a experiência dos outros. O homem pode pensar sobre as coisas que não percebe, tomando consciência de suas relações e interações.

O homem pode pensar uma ação, direcioná-la para um fim, torná-la atividade e internalizá-la novamente.

Nesse sentido, a consciência opera concretamente na realidade circundante, por meio da linguagem. “A consciência é inseparável da linguagem. Como a consciência humana, a linguagem só aparece no processo de trabalho, ao mesmo tempo que ele.” (LEONTIEV, 1978b, p. 85).

Leontiev, ao estudar o desenvolvimento do psiquismo humano, o fez como um processo de transformações qualitativas, transformações estas que variam em diferentes épocas e sob diferentes condições de vida.

Em síntese: o homem não pode existir sem sua relação com a natureza, o trabalho é um imperativo da natureza, se o ser humano não trabalha tem que explorar os outros.

Leontiev (1978b) considera como categorias para explicar a constituição do psiquismo humano: a) a atividade objetivada, b) a consciência e c) a personalidade, entendida neste trabalho como identidade.

a) O autor entende as atividades humanas como maneiras do homem se relacionar com o mundo, dirigidas por vários motivos e com fins a serem alcançados. Para compreendermos uma ação praticada pelo sujeito, temos que analisar o motivo e a finalidade dessa ação praticada. As ações nunca são atos isolados, elas são engendradas nas relações sociais. Não existe uma ação sem um motivo.

Leontiev questiona em que consiste o próprio processo de apropriação deste mundo, que é, ao mesmo tempo, o processo de formação das faculdades específicas do homem. (LEONTIEV, 1978b, p.263).

E nos esclarece:

Devemos sublinhar que este processo é sempre ativo do ponto de vista do homem. Para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, é necessário desenvolver em relação a eles, uma atividade que reproduza, os traços essenciais da atividade acumulada no objeto. (LEONTIEV, 1978b, p. 263).

Leontiev pontua ainda que esse objeto não é só um objeto em si, mas encerra as operações de trabalho, historicamente acumuladas.

Urt (1992, p. 64) completa

A atividade do sujeito, tanto exterior como interior é mediatizada pelo reflexo psíquico da realidade. A atividade é concebida como um sistema de transformação do meio com a ajuda de instrumentos, isto é, deve ser entendida como um processo de mediação.

Vigotski, observa que, para que haja apropriação é necessário que haja também internalização que envolve a transformação de processos externos (concretizados nas atividades entre as pessoas) em um processo intrapsicológico (no qual a atividade é reconstruída internamente). Nesse sentido, o longo caminho do desenvolvimento humano segue a direção do social para o individual. Os sujeitos sócio-culturais constituem-se, pois, em suas experiências vividas no mundo.

Os processos psicológicos do sujeito, internalizados passam a mediar a atividade do sujeito no mundo, numa interação constante entre o psiquismo e as condições da existência do homem.

b) Leontiev utiliza a consciência como outra categoria para explicar o desenvolvimento do psiquismo humano. É por meio do processo de internalização que o sujeito vai construindo sua consciência. A consciência, inicialmente, existe como a forma de uma imagem para depois tornar-se um objeto das ações dos outros homens e, por meio deles, das suas próprias ações. O autor observa que o psiquismo humano constitui-se por meio de um processo hierárquico de atividades sucessivas, no qual as atividades originalmente são orientadas e determinadas pelos objetos do mundo exterior, só depois passando a serem orientadas pelo modo subjetivo do sujeito.

Para Rubinstein (1977), a consciência humana está ligada primeiramente, ao desenvolvimento do cérebro; porém o cérebro e suas características são frutos da evolução histórica que se dá de acordo com as condições de vida. O homem se desenvolve, como ser que trabalha e ao criar, com sua atividade prática ou teórica, cria, modifica e desenvolve sua própria natureza psíquica.

Finocchio (1998) pontua que, à medida que o homem interage com o mundo e com os seus semelhantes, vai apreendendo esse mundo enquanto realidade social e vai tomando consciência dela de acordo com o grupo social ao qual pertence e o lugar que ocupa nesse grupo. Essa relação efetiva-se por meio da aquisição da linguagem que traz representações, conceitos, significações, valores e signos socialmente criados pela

humanidade. Neste processo, o sujeito passa a ter consciência de si e de outras pessoas que estão à sua volta e passa a refletir sobre as próprias ações e os sentidos a elas atribuídos e passa a confrontá-las com as ações de outras pessoas.

Para Vigotski, a consciência é primeiramente social, para transformar-se em individual e não há pensamento separado da ação e do sentimento, nem ação separada do sentimento e do pensamento.

A consciência humana não é uma coisa imutável. Alguns de seus traços característicos, em dadas condições históricas concretas, progressivos, com perspectivas de desenvolvimento, outros são sobrevivências condenadas a desaparecer. Portanto, devemos considerar a consciência (o psiquismo) no seu devir e no seu desenvolvimento, na sua dependência essencial do modo de vida, que é determinado pelas relações sociais existentes e pelo lugar que o indivíduo considerado ocupa nessas relações. (LEONTIEV, 1978b, p.89).

c) Nas experiências vividas pelo sujeito estão as suas ações, com os seus sentimentos, emoções, num processo dialético no qual vai se formando a sua identidade, que não é acabada, mas vai sempre se transformando. Assim, nas atividades que o sujeito realiza, nas relações sociais, sua identidade vai se fazendo, seu processo de constituição vai acontecendo nesse movimento. Leontiev (1978a) observa que as emoções também estão presentes, fazendo a mediação nesse processo.

Dessa forma, o processo de identidade do sujeito vai se constituindo nos grupos dos quais ele faz parte, nas relações que ele vai estabelecendo com o meio, pelo seu fazer, por meio dos papéis sociais que ele desempenha.

Considerar a identidade como um processo dinâmico, como uma metamorfose, para Ciampa (1998), é a superação da identidade cristalizada, é o movimento que o sujeito consegue realizar em direção aos desafios que encontra em seu cotidiano. Vencer a “re-posição” e buscar a “auto-determinação” que significa ser capaz de dar seus saltos qualitativos. Assim, para o autor, não existe uma constituição pronta e estática da identidade.

Ciampa chama de auto-determinação, o movimento de transformação das condições exteriores, e não uma simples libertação dessas condições, e de re-posição a não transformação.

Nas sociedades capitalistas, cujos grupos servem aos interesses do capital, são estabelecidos valores de acordo com os interesses do poder político, que imprimem códigos que estabelecem a ordem social e a que os sujeitos respondem às expectativas colocadas.

Ao nascer, uma criança já é inserida no contexto da família e vai internalizando a sua condição de filho. Ciampa (1984) explica que para que a condição de filho se afirme é preciso que os comportamentos que envolvem a relação pai-filho reforcem a condição do

filho. O autor observa ainda que é uma identidade que é re-posta a cada momento – filho, pai, família.

Para o autor, o sujeito pode tornar-se uma de suas predicções – eu sou mascate e internalizar uma personagem que lhe é atribuída, e assim ela vai se alterando nas várias fases da vida, conforme o lugar que o sujeito ocupa no grupo ou nas suas relações.

O ser humano incorpora instrumentos culturais através da linguagem e, nessa perspectiva, os processos psicológicos afetivos e cognitivos são incorporados de seu ambiente cultural e social.

Como as emoções fazem também a mediação para o desenvolvimento do psiquismo, elas mudam de natureza, conforme as capacidades cognitivas se desenvolvem.

Nesse sentido, há um desenvolvimento paralelo entre os processos cognitivo e afetivo do ser humano.

Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação. Nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de se ter atingido esse plano. (VYGOTSKI, 1987, p. 130).

Vigotski parte de uma concepção histórica do homem que, ao transformar o mundo, transforma-se também, desenvolvendo nesse processo, o seu próprio psiquismo, produto das funções psicológicas superiores. Em sua teoria, o fisiológico e o psicológico aparecem muito juntos, fazendo a ligação entre o mundo objetivo e o subjetivo.

O trabalho orienta-se para a produção, para a criação de um produto. No processo do trabalho não somente se cria um determinado produto da atividade de trabalho do sujeito, como é o próprio sujeito que se forma com ele. Nas atividades desenvolvem-se as aptidões do ser humano, forma-se o seu caráter, os princípios ideológicos e muda-se a sua atitude.

O trabalho é um processo integrado do homem com a natureza, mas é o sujeito que controla as suas trocas por meio dos seus atos, de uma forma útil para a sua própria vida. E assim, ao atuar sobre a natureza modificando-a, modifica-se também. Rubinstein (1977) afirma, com base em Marx, que o trabalho orienta-se para a produção, para a criação de um determinado produto, mas ele é o meio mais importante para a constituição do sujeito. O autor explica que a atuação humana, portanto, não é natural e, sim é de natureza social, está implícita nas relações sociais, e tem como base a prática social.

Compreenderá o papel o indivíduo na história; compreenderá que não se podem explicar as pretensões do universalismo da reflexologia partindo dos erros e opiniões pessoais, das particularidades, da ignorância de seus

criadores, do mesmo modo que não se pode explicar a revolução francesa baseando-se na corrupção dos reis e da corte. Poderá analisar em que medida o desenvolvimento da ciência depende da boa ou má vontade de seus artífices, que é o que se pode explicar em função dessa vontade e o que, pelo contrário, deve ser explicado mais além dela, com base nas tendências objetivas que atuam apesar dos artífices (VIGOTSKY, 1996, p. 291).

É importante dizer que esta psicologia proposta por Vigotski não seria um acordo entre as tendências existentes, mas uma forma de ruptura, de superação. Seria a criação do novo, contra os princípios antigos. Assim, as necessidades da prática social, conduziram o desenvolvimento da nova psicologia, unindo a teoria à prática e criando uma metodologia única.

Para Vigotski, a psicologia marxista deveria ser construída a partir do método para se diferenciar das psicologias burguesas. O aperfeiçoamento dos processos cerebrais do homem foi uma característica qualitativamente especial das funções superiores do cérebro, e esta transformação deu-se em função das necessidades de sobrevivência do homem, aperfeiçoadas pelas gerações que se seguiram.

O ponto de partida para a discussão do sujeito então, está no social, considerado de maneira mais ampla, entendendo-se a subjetividade como uma construção histórica, o que lhe dá o caráter de processo em movimento e em mudança.

Estas discussões causam um impacto à Educação porque apresentam a escola com uma importante função na sociedade. A concepção de sujeito e de sua relação com o mundo interfere profundamente nas práticas pedagógicas do professor.

A escola seria, então, uma instituição para trabalhar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois ajudaria a criança a se apropriar dos signos, mediadores culturais, que permitem as capacidades intelectuais e emocionais. Nesse sentido, a teoria de Vigotski retoma a escolaridade.

Leontiev (1978b) concorda com Vigotski, afirmando que o movimento da história só é possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, por meio da educação.

A educação, nesse sentido, assume o papel de fenômeno social, e, nessa ótica, ela possui dupla função: permitir a apropriação dos conhecimentos sobre o mundo físico e social, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, o que permite ao sujeito constituir-se, pensar o mundo e querer transformá-lo.

Vigotski afirma que não se poderia prescindir do desenvolvimento cultural e técnico, pois este ajudaria os professores a conduzir adequadamente o processo educativo, com as contribuições da Psicologia na nova maneira de entender o homem.

Tanto o aluno como o professor, pode encontrar limites e possibilidades ao interagir com o mundo e com as formas culturalmente dadas, que serão internalizadas e transformadas no material simbólico, mediador entre o sujeito e o conhecimento, no processo de desenvolvimento.

Para Vigotski, o homem, na etapa superior do seu desenvolvimento, chegaria a tomar conta de si mesmo. Esse processo é uma forma cultural de conduta que não surge com hábitos externos, mas como incorporação de novas relações.

O autor circulou entre a construção de sua teoria e a prática revolucionária e revelou, entre tantas contradições presentes na sociedade russa, naquele momento, que a construção de uma teoria segue o curso da história. Mas, existe uma coerência interna entre as suas ideias e o projeto coletivo que ele pensou construir, do ponto de vista de uma leitura mais aprofundada de seus referenciais e esse fato fundamenta a sua teoria.

No curto espaço de tempo entre o momento em que Vigotski chegou a Moscou e sua morte por tuberculose em 1934, sua inteligência e energia criaram um sistema psicológico que não foi, de forma alguma, totalmente explorado. Virtualmente, cada ramo da Psicologia soviética, tanto a sua teoria como as suas aplicações práticas, foi influenciado por suas ideias. Esses mesmos 10 anos alteraram para sempre o curso de meu próprio trabalho. Sem destruir os impulsos básicos que me tinham inicialmente atraído para a Psicologia, Vigotski proporcionou-me uma compreensão incomparavelmente mais ampla e mais profunda da empreitada em que minha pesquisa anterior se encaixava. No fim da década de 20, o curso de minha carreira estava determinado. Eu passaria meus anos seguintes desenvolvendo os vários aspectos do sistema psicológico de Vigotski. (LURIA, 1998, p. 36).

Iaroshevski e Gurguenidze (1996) afirmam que quando o leitor tem acesso aos trabalhos de Vigotski, analisando as correntes psicológicas nas primeiras décadas do nosso século (behaviorismo, gestalt, psicanálise, etc.), pode entender o que ele quis dizer com “Crise da Psicologia” e como ele centrou seus trabalhos em pontos cruciais para a metodologia do conhecimento científico atual.

Vygotsky analisou tudo que se refere à ciência como sistema e como forma de atividade específica em desenvolvimento à luz de sua natureza dentro de um contexto histórico. O conhecimento da Ciência foi se forjando através da análise do mundo das realidades históricas, e esse mesmo mundo manifestou-se como um conjunto dinâmico internamente unido e não como um catálogo de acontecimentos que foram se substituindo no decorrer do tempo. (IAROSCHEVSKI; GURGUENIDZE, 1996, p. 472 - 473).

Segundo Vigotski (1996, p.210)

[...] referir-nos-emos aos sistemas levando em conta suas tendências, as oposições entre uns e outros, sua essência teórico-cognitiva, isto é, sua

correspondência com a realidade, ao conhecimento da qual estão destinados. É, através da análise da realidade científica e não por meio de raciocínios abstratos que pretendemos obter uma idéia clara da essência da Psicologia individual e social.

O fato de Vigotski apontar a evidência da diferença qualitativa entre as funções superiores e elementares pôs em risco a evidente fragilidade das colocações da Psicologia tradicional que estavam postas naquele momento histórico. Suas ideias fundamentadas no marxismo e seus conceitos se articulam para explicação da historicidade.

A partir da Teoria Histórico-Cultural, entende-se que o sujeito vai se constituindo em suas experiências, como um profissional, num processo que acontece numa gradual transformação, nas relações sociais que estabelece, na atividade que realiza, nos diferentes grupos em que participa, de acordo com suas condições objetivas de vida. Para tanto ele tem que se apropriar dos bens da cultura, historicamente acumulados, processo que o ajudaria a se hominizar.

1.2 A APROPRIAÇÃO DA CULTURA E A EDUCAÇÃO

Leontiev, o psicólogo russo que, juntamente com Vigotski e Luria desenvolveu a teoria Histórico-Cultural do psiquismo humano, pontua que a hominização resultou na passagem à vida de uma sociedade organizada na base do trabalho e que esta passagem modificou a natureza do homem, marcando o início de um novo tipo de desenvolvimento, submetido às leis sócio-históricas “Apenas as leis sócio-históricas, regerão doravante a evolução do homem”. (LEONTIEV, 1995, p. 281).

O pensamento e o saber de uma geração formam-se segundo Leontiev, a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes. Assim, as aptidões e caracteres especificamente humanos não se transmitem por hereditariedade, mas são adquiridos durante a vida, num processo de apropriação da cultura criado pelas gerações precedentes.

O indivíduo é colocado diante de uma imensidade de riquezas acumuladas, ao longo dos séculos por inumeráveis gerações de homens, os únicos seres no nosso planeta que são criadores. As gerações humanas morrem e sucedem-se, mas aquilo que criaram passa às gerações seguintes, que multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho e pela luta as riquezas que lhes foram transmitidas e passam o testemunho do desenvolvimento da humanidade. (LEONTIEV, 1995, p.285).

Vigotski e Leontiev mostram desta forma, que esta concepção rompe com o determinismo biológico presente na psicologia da época, colocando as formas de organização

social como responsáveis pela construção e reconstrução da natureza humana. Este conceito histórico de natureza humana é o que Vigotski apresenta de inovador à psicologia de então.

Para Vigotski, a natureza psicológica dos homens origina-se no conjunto das relações sociais internalizadas - o social é transformado em psicológico- constituindo-se assim um mundo interno do sujeito, ou melhor, a sua subjetividade. O sujeito internaliza o mundo externo, o que significa que ele constrói internamente as atividades e tudo que ocorre externamente a ele. Não é uma simples reprodução do meio externo, mas a transformação de um processo interpessoal em intrapessoal. Isto quer dizer que o sujeito, a partir de sua ação concreta no mundo externo irá construindo seu mundo interno. (VIGOTSKI,1984).

Podemos entender que as etapas do desenvolvimento humano – infância, adolescência vida adulta, velhice, não podem ser pensadas simplesmente levando-se em conta o aspecto da maturação. Essas etapas devem ser compreendidas considerando-se os aspectos histórico-culturais, isto é, considerando-se o desenvolvimento humano a partir da inserção do sujeito em um dado contexto cultural.

Nesse sentido, é importante rever o papel que Vigotski e seus interlocutores atribuem à Educação, como um processo capaz de desenvolver as funções que se transformam de elementares em superiores.

É a partir do desenvolvimento cultural que são construídas as Funções Psicológicas Superiores (FPS), que são as tipicamente humanas - através da linguagem, nas relações sociais, que o sujeito adquire, suas maneiras de agir e sua consciência, transformando-se de ser biológico com Funções Psicológicas Elementares (FPE) em ser sócio-histórico com Funções Psicológicas Superiores.

As origens das Funções Psicológicas Superiores devem ser buscadas, assim, nas relações sociais, entre os indivíduos e os outros homens: para Vigotski, o fundamento do funcionamento psicológico tipicamente humano é social, e, portanto histórico. Os elementos mediadores entre o homem e o mundo – instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural são fornecidos pelas relações entre os homens. Os sistemas simbólicos e, particularmente, a linguagem exercem um papel fundamental na comunicação entre os indivíduos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real. (OLIVEIRA, 1993, p. 40).

Todo esse processo se dá a partir de uma ação entre pessoas (plano interpessoal) que se transforma em uma ação do sujeito (Plano intrapessoal) – transformação qualitativa de uma forma em outras. Nesta perspectiva, o desenvolvimento não pode ser considerado como uma acumulação de mudanças individuais, mas um complexo processo evolutivo, fato que nos lembra mais uma vez a colaboração da Educação.

O processo de constituição das FPS, a partir das elementares de base biológica é lento e gradativo e depende das possibilidades que o contexto social e cultural oferece para o sujeito, assim como do conteúdo das mediações presentes nele.

A sociedade moderna exige do homem tarefas extremamente complexas, em relação ao domínio da técnica e dos instrumentos existentes para a sobrevivência e apenas a convivência em ambientes informativos ou a inserção em sociedade, não lhe poderia garantir o desenvolvimento necessário para cumprir com as atividades sociais produtivas.

Vigotski (1984) estudou o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores relacionando o pensamento à linguagem, demonstrando o quanto o pensamento verbal opera um salto qualitativo em todas as demais funções. Observa que esta forma de pensamento leva à formação de conceitos ou pensamento generalizante, que é o responsável pela formação do intelecto.

O uso do signo ou da palavra é o meio para dirigir as ações psíquicas, orientando as atividades que são realizadas pelo sujeito. O autor afirma que a chave para a compreensão do funcionamento mental superior do homem reside no papel da mediação. Vigotski propõe a noção de mediação, que explica que o homem não tem acesso direto ao objeto do conhecimento, mas, um acesso mediado, que é possibilitado pelo signo, destacando-se a linguagem.

O conceito de mediação inclui o processo de representação mental, que permite ao sujeito fazer relações mentais na ausência do objeto, imaginar coisas não vivenciadas, planejar ações futuras, ousar pensamentos que levam à construção das Funções Psicológicas Superiores.

Vigotski acreditava na Educação, que deveria preparar os operários e futuros operários para o desenvolvimento tecnológico e industrial. Esta ideia de Vigotski é complementada por Leontiev, quando diz que o movimento da história só é possível com a transmissão às novas gerações, da cultura humana, ou seja, da educação.

Esta relação entre o progresso histórico e o progresso da educação é tão estreita que se pode, sem risco de errar, julgar o nível geral do desenvolvimento histórico da sociedade, pelo nível de desenvolvimento do seu sistema educativo e inversamente. (LEONTIEV, 1995, p.292).

As atividades (o trabalho) do contexto em que o sujeito vive, são as necessidades que o meio oferece ao sujeito e os objetivos que ele propõe para o desenvolvimento do pensamento, como afirmávamos acima, referendados por Leontiev (1978), Rubinstein (1977), e Vigotski (1996).

Leontiev, afirma ainda que, na sociedade, há enormes diferenças nas condições e modos de vida, na riqueza da atividade material e mental, no nível de desenvolvimento das formas e possibilidades intelectuais. A desigualdade entre as pessoas não vem das diferenças biológicas naturais. Ela é produto da desigualdade econômica, de classe e da diversidade das suas relações formadas no decurso do processo histórico. (LEONTIEV, 1978a).

Tanto para Leontiev (1978a) e principalmente para Vigotski, o desenvolvimento cultural da sociedade e dos sujeitos era um dos fatores mais importantes para a questão de superação já apontada neste trabalho.

Este fim é acessível. Mas, só o é em condições que permitam libertar realmente os homens do fardo da necessidade material, de suprimir a divisão mutiladora entre trabalho intelectual e trabalho físico, criar um sistema de educação que lhes assegure um desenvolvimento multilateral e harmonioso que dê a cada um a possibilidade de participar enquanto criador em todas as manifestações da vida humana. (LEONTIEV, 1978a, p. 284).

Discutir o cultural como aspecto constitutivo do homem, é um ponto fundamental para Vigotski (2003). Ele insiste na ideia do avanço de formas psicológicas superiores para gerar formas qualitativamente novas de pensamento.

A investigação da história da formação das funções psíquicas superiores tendo como base as funções psíquicas elementares, atuando de forma mediada através de instrumentos psicológicos, transformou-se num ponto importante nos estudos de Vigotski e de seus colaboradores.

A capacidade de representar permite ao homem refletir, planejar, pensar. É a relação mediada por signos internalizados que caracterizam o funcionamento tipicamente humano. E é justamente, o grupo cultural, carregado de significados, no qual o sujeito vive e trabalha que lhe fornece as formas de lidar com o mundo.

Assim, fora das condições socioeconômicas objetivas, fora de uma sociedade, o homem não tem existência. Só como membro de um grupo social, de uma classe é que o sujeito ascende a uma realidade histórica e a uma produtividade cultural. O nascimento físico não é o suficiente para o ingresso na história e, é por esta localização social e histórica que se define o conteúdo da ligação do homem à cultura.

A cultura nesta concepção organiza a passagem entre o mundo subjetivo e o objetivo e a sua compreensão só pode acontecer diante dos significados. Quando o homem nasce encontra estabelecido, no mundo, um sistema de significações elaborado historicamente e dele se apropria subjetivamente.

A atividade cultural é uma produção de significados em que se torna muito

presente a força do social. Os papéis podem ser definidos pela função adquirida, mas dependem da interpretação dada por uma sociedade ou por outra, pela cultura.

O mundo dos homens é organizado pela cultura que contribui para dar características próprias ao homem. A cultura permite à sociedade existir estruturando-a, isto é, a cultura organiza os atos dos homens, entre eles e a sua reação com a natureza.

A questão do desenvolvimento do homem, considerado em ligação com o desenvolvimento da cultura e da sociedade, levanta uma série de interrogações. Em particular, leva a perguntar-se em que consiste e como se desenrola o processo da apropriação pelo indivíduo das aquisições do desenvolvimento histórico da sociedade. Já vimos que a experiência sócio-histórica da humanidade se acumula sob a forma de fenômeno do mundo exterior objetivo. Este mundo, o da indústria, das ciências e da arte é a expressão da história verdadeira da natureza humana; é o saldo da sua transformação histórica. (LEONTIEV, 1978a, p. 263).

As diferenças entre o homem e o animal não são apenas de grau, pois, enquanto o animal permanece envolvido na natureza, o homem é capaz de transformá-la tornando possível, dessa forma, a existência da cultura.

1.3 A ATIVIDADE COMO EXPRESSÃO DO SUJEITO MASCATE

Procuramos estudar a teoria da atividade, a partir das análises realizadas por Newton Duarte (2002), em relação aos principais aspectos enfocados por Leontiev (1978a). Duarte considera como ponto central da teoria, a relação entre a estrutura objetiva da atividade e a estrutura subjetiva da consciência.

Duarte (2002) observa que quando, as pesquisas em educação ignoram a questão da alienação da atividade de trabalho na sociedade capitalista, a teoria da atividade perde todo seu potencial crítico e se reduz a uma variante da chamada pesquisa etnográfica.

Leontiev aponta na direção da articulação da atividade essencialmente social dos seres humanos aos processos de formação da consciência, tanto no sentido da formação humanizadora da consciência, como no sentido da sua formação alienante.

Na análise de Duarte (2002), para Leontiev, a estrutura da atividade animal caracteriza-se por uma relação imediata entre o objeto da atividade e a necessidade que leva o animal a agir sobre aquele objeto (coincidência entre o objeto e o motivo da atividade). Da evolução biológica à evolução social e cultural, a estrutura humana e cultural foi assumindo cada vez mais a forma mediatizada, surgindo assim uma estrutura na qual a atividade passou a ser composta de ações individuais em termos de uma divisão de tarefas. Na gênese histórica

da estrutura mediatizada da atividade social humana e do seu reflexo no psiquismo, isto é, a estrutura mediatizada da consciência, desdobrou todo um processo social de desenvolvimento da consciência em meio às contradições que marcaram a história das sociedades de classes, a história da divisão social do trabalho e a história da propriedade privada.

A atividade que tem sido a categoria principal da pesquisa psicológica na Psicologia soviética, não pode ser adequadamente compreendida fora do contexto de sua história. A origem deste conceito pode ser encontrada nos primeiros escritos de Vigotski (1896-1934) que sugeriu que a atividade socialmente significativa pode servir como princípio explanatório em relação à consciência humana e ser considerado como um gerador de consciência.

Conforme Kozulin (2002, p. 115-116)

[...] o que o próprio Vigotski buscou e encontrou em Marx e Hegel foi uma teoria social da atividade humana (Tätigkeit) colocada em oposição ao naturalismo e à receptividade passiva da tradição empirista. Vygotsky também adotou de Hegel, uma visão absolutamente histórica dos estágios de desenvolvimento e das formas de realização da consciência humana. Marx atraiu Vygotsky com seu conceito de práxis humana, isto é, a atividade histórica concreta que é um gerador por trás de fenômenos de consciência (segundo Vygotsky mesmo). Esta práxis humana historicamente concreta que dá conta da especificidade, isto é do caráter social e histórico da sobrevivência e desenvolvimento humanos se tornou um protótipo para o conceito de atividade.

Leontiev observa que na sociedade capitalista opera-se uma ruptura alienada e alienante entre o significado da ação do sujeito e o sentido que essa ação tem para ele, ou seja, uma ruptura entre o conteúdo da ação do sujeito e o motivo pelo qual o sujeito age. Se ele trabalha, por exemplo, na indústria de tecelagem, seu trabalho tem o significado de produzir o tecido do qual necessita a sociedade, mas, em razão da venda da força de trabalho para o capital, o sentido que tem para o trabalhador a sua própria atividade é dado pelo salário que recebe, isto é, pelo valor de troca de sua força de trabalho. Daí ser possível que esse sentido adquira total independência em relação ao conteúdo da atividade de trabalho.

Vários pesquisadores apontam trabalhos sobre a Teoria da Atividade mas, pesquisamos os trabalhos de Duarte (2002) baseado em Leontiev, como já dissemos a princípio e que têm como base, dois eixos: a relação entre a estrutura objetiva da atividade e a estrutura subjetiva da consciência e a questão da alienação presente nas atividades no interior da sociedade contemporânea.

Nessa direção, entendo que a teoria da atividade perde muito de seu potencial de contribuição para os estudos e pesquisas sobre a educação na sociedade contemporânea se não fizer parte do núcleo dessa teoria a abordagem da alienação produzida pelas relações sociais de produção no interior da sociedade capitalista na qual vivemos. Autores contemporâneos que trabalham com a teoria da atividade têm negligenciado, na maioria dos casos, os estudos que Leontiev realizou sobre a alienação na sociedade de classes. (DUARTE, 2002, p. 294).

Leontiev (1978b) observa que o ponto de partida para a atividade humana reside na não coincidência entre motivos e objetivos. Sua coincidência é um fenômeno secundário. Distintos dos objetivos, os motivos não são reconhecidos pelo sujeito, quando executamos uma ação ou outra, naquele momento, não nos damos conta dos motivos que evocam a ação. Os motivos, no entanto não estão separados da consciência. O ser humano não se dá conta do que o faz realizar uma ação ou outra, os motivos ainda encontram seu reflexo psíquico, na forma emocional da ação.

Estudamos a atividade (o trabalho) sob uma forma que pertença exclusivamente ao homem, isto é, no entendimento de que o trabalho do homem caracteriza-se por ser uma atividade consciente e racional, enquanto a dos animais é movida por instintos.

É por meio do trabalho que o homem domina as forças da natureza, obrigando-as a servir aos seus objetivos. Neste movimento, os homens constroem a sua vida material e socialmente, por meio das relações sociais e vão respondendo às necessidades reais de produção, pelas condições existentes. Essas condições variam em diferentes épocas e lugar.

Se consideramos, portanto, o sujeito do qual falamos, o sujeito mascate, como histórico e social, a investigação do processo de sua constituição exige que seja numa atividade específica, pois é pela atividade, que ele modifica o contexto no qual se insere e é por ele modificado, e, se esse processo se dá nas relações que ele estabelece, devemos analisá-lo no contexto das relações sociais em que ele é produzido.

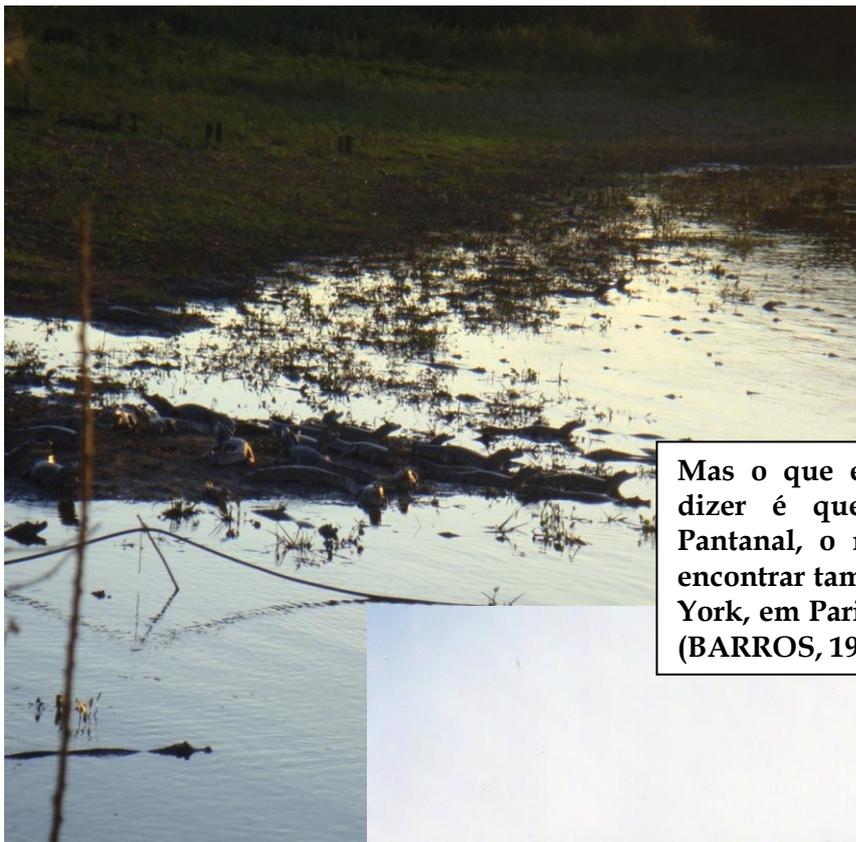
Quando o sujeito apropria-se de um fazer, apropria-se também de toda a história e valores da atividade, como o mascate, cuja atividade nos interessa neste trabalho, no qual ele imprime sua marca singular.

Pela via da atividade, o homem transforma a sua história e, concomitantemente, é transformado por ela. Por meio dela, ele cria os meios de produzi-la, enfrentá-la e vencê-la, a fim de satisfazer as necessidades. O mascate pantaneiro teve que conviver superando obstáculos, com o contexto do pantanal para criar a história da sua atividade, que não é mais que a sua própria história.

Para Proença (1997), foram os rios, esses inconsequentes que breparam até certo ponto a ambição econômica do homem, de avançar com suas máquinas às grandes derrubadas para a formação de pastagens, coisa que poderia, sem dúvida, causar danos à natureza, e, talvez, ao próprio homem, dentro do contexto pantaneiro.

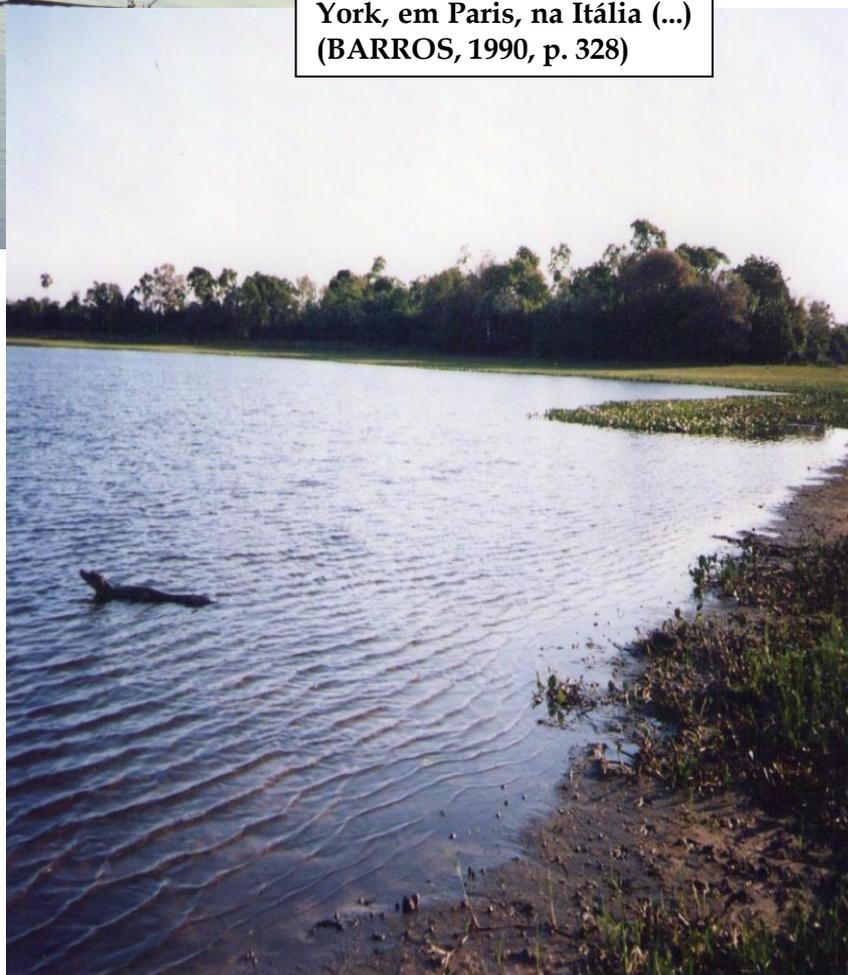
Após o estudo do desenvolvimento do psiquismo do sujeito, por meio de sua atividade que deverá nos ajudar nas análises, passaremos ao trabalho com os aspectos geohistóricos do pantanal.

Na figura abaixo, uma amostra das águas no pantanal, chegando, contribuindo com um belo espetáculo e trazendo melhorias para o solo, entretanto se constituindo em sérios obstáculos para a atividade do sujeito mascate em sua lida de ir e vir nas fazendas, comerciando seus produtos.



Mas o que eu gostaria de dizer é que o chão do Pantanal, o meu chão, fui encontrar também em Nova York, em Paris, na Itália (...)
(BARROS, 1990, p. 328)

Jacarés
Realização: MEDEIROS, 2012



Fazenda Paraizo de Arnaldo Puccini Medeiros e Irmãos
Realização: MEDEIROS, 2012

2 LOCUS GEO-HISTÓRICO CULTURAL: FALANDO DO PANTANAL

Quero levantar um pouco a cortina deste palco, para mostrar a vida anfíbia que desenvolveu o ocupante do Pantanal, nestes chãos e nestas águas. Desejo apenas entrever a biografia sócio-ecológica do homem pantaneiro. Esse seria um exercício de pesquisa para quem quisesse narrar com veracidade a luta desse pioneiro que se aliou à natureza ao mesmo tempo como senhor e escravo. (BARROS; SODEPAPAN, 1987).

Este capítulo apresenta um estudo sobre aspectos geográficos e culturais do Pantanal. A história da atividade do sujeito irá se mostrando no momento como as entrevistas serão construídas, pelos modos como os sujeitos organizarão as suas respostas. As entrevistas serão utilizadas como procedimento para a constituição da história da atividade. Essa retomada será utilizada tanto para a compreensão da história da atividade desse sujeito-mascate, como da sua própria história.

2.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS

O Pantanal Mato-Grossense é único, formando extensa depressão (hoje em torno de 140.000 km², 55% deles em Mato Grosso do Sul). E é soberano: tem seus ciclos e seus movimentos, como o assoreamento do rio Taquari e mesmo do baixo rio São Lourenço, que, a partir de 1909, passou definitivamente a correr um bom trecho em novo leito. As águas do norte e do leste, quase sempre abundantes, alimentam o ciclo das cheias: numa parte do ano as águas sobem (por vezes, em grande proporção) e noutra baixam. O homem não tem como interferir. Na época das cheias, os monçoeiros (é o relato deles) podiam, afastando-se do médio Taquari, chegar, em linha mais ou menos reta, ao rio São Lourenço, o que prova que o Pantanal realmente era um enorme *mar*, conhecido como Mar dos Xaraés (considerados estes seus primitivos habitantes).

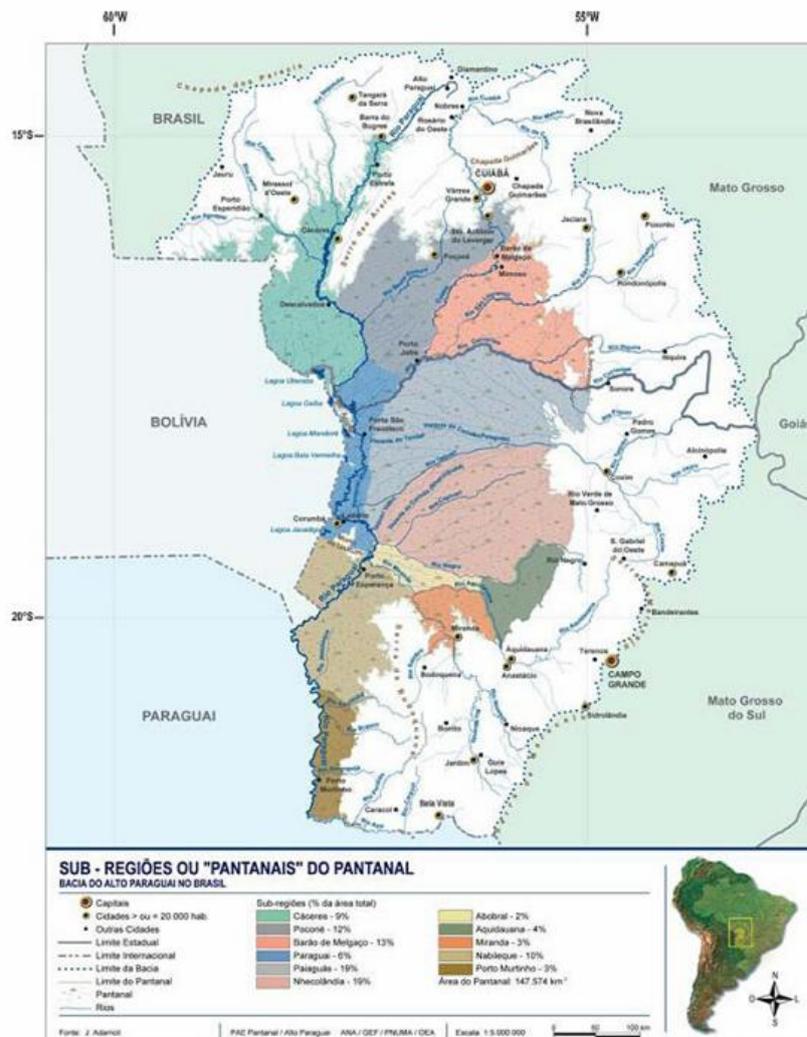
Mais especificamente, de acordo com o Relatório de Maciel⁵, 1922

Os pantanais mato-grossenses são as terras adjacentes ao rio Paraguai e aos seus afluentes Apa, Tereré, Branco, Miranda e Aquidauana, Taquari, São Lourenço, com seus tributários, Cuiabá, Pequiri e Itiquira, da margem esquerda e o Jauru, Cabaçal e Sepotuba, que entram no Paraguai pela sua margem direita. A vertente do Paraguai desde o Apa até a foz do Sepotuba, na sua extensão de Sul a Norte dos primeiros contrafortes da Serra da

⁵O Relatório de Tese de José de Barros Maciel, realizado em 1922 é considerado pelos historiadores como excelente e criteriosa descrição dos Pantanais. Foi reproduzido em livro pelo Instituto Histórico e Geográfico de MS na coleção Memórias de MS que saiu em novembro de 2012. Colocamos neste trabalho, em toda a sua extensão, para tratar a região como uma só.

Bodoquena à cordilheira de Motacu, nos limites com a Bolívia, na parte Sul do Estado e das Baías de Mandioré, Gaíva e Uberaba, extremo Oeste com a Bolívia, até as primeiras iminências dos terrenos firmes das margens do Pequiri, Taquarii e Aquidauana, de Leste a Oeste, forma o que os antigos espanhóis denominavam Lagoa dos Xaraés, porque no tempo das grandes enchentes do rio Paraguai e seus afluentes inunda e forma um mar de verduras. Essa área é a chamada pantanal e desafia o mundo com suas pastagens nativas magníficas, exuberantes, variadas e sempre frescas. É um lençol de verduras a perder de vista, regado anualmente pelas águas dos rios, vazantes, igarapés e corixos. Nesta zona é que se acham as grandes manadas de gado do Estado e ela só é capaz de fornecer carne ao Universo todo, uma vez que todos os seus campos estejam ocupados e a criação seja um tanto racional. A Lagoa “Xaraés” é constituída de quase todo o município de Murtinho, dos de Miranda, Corumbá, maior parte dos municípios de Aquidauana, Coxim, Poconé, Cáceres e Santo Antonio do Rio Abaixo. (MACIEL, 1922, p.25).

Figura 1 - Mapa da Bacia do Alto Pantanal Sub-regiões do Pantanal



Fonte: Programa de Ações Estratégicas para o Gerenciamento Integrado da Pantanal e bacia do Alto Paraguai - PAE, 2013

É esta zona o futuro celeiro de gado do mundo, pela sua vastidão de campos abertos, descampados e planos, cobertos da mais rica e variada pastagem do Universo. A vegetação aqui é renovada anualmente pela inundação periódica do rio Paraguai, de seus afluentes e subafluentes, inundação que fertiliza os campos levando-lhes o húmus necessário. Tais campos são cortados até as iminências das serras vizinhas por pequenos cursos d'água que tomam nomes diversos conforme sua formação e são chamados: “corixos”, “vazantes”, “igarapés”, “cabeceiras”, e “riozinhos” e deságuam nos rios.

Segundo Maciel, 1922, os corixos são mais estreitos que as vazantes, cheios de curvas rápidas e de vegetações aquáticas, como o periperi, o andrequicé, o aguapé, a vitória régia e infindas vegetações dos brejos. Com declividade quase sempre nula os corixos escoam muito pouco, de sorte que guardam suas águas uma boa parte do ano; as vazantes são uma espécie de rios largos, com o leito coberto de ricas e verdejantes pastagens, predominando nelas o arroz silvestre, o capim felpudo e outras infinidades de forragens de superior qualidade.

O autor observa ainda que, as vazantes, às vezes de um quilômetro de largura, enchem-se anualmente das águas das chuvas que escorrem das serras, adquirem às vezes profundidade de 9 a 10 palmos, dificultando a sua travessia, que então é feita a nado. As vazantes e os corixos, no tempo das enchentes, constituem a maior dificuldade para a locomoção dos pantaneiros. Os vaqueiros os atravessam a nado ou montados a cavalos, mas as carretas são atingidas pelas águas e se molham. Os arreios dos vaqueiros do pantanal não têm duração pelo estrago das contínuas molhadelas nos corixos e vazantes. São os corixos e as vazantes as veias e as artérias dos pantanais: por eles é que as águas se escorrem e são essas águas que fertilizam os campos, renovando anualmente as pastagens.

No pantanal, nos pontos atingidos pelo fluxo e refluxo das enchentes, não há terreno cansado: o campo é sempre novo, a vegetação está sempre virgem e primaveril. A inundação que causa o mal, quando é grande, é a mesma que faz exuberante e sempre novo o campo.

Não fossem as inundações dos pantanais e talvez que eles não constituíssem a maravilha do mundo em pastagens. O que causa o mal faz o bem e bendiga-se sempre a inundação que refresca o terreno, traz-lhe o húmus e as pastagens luxuriantes, ricas e sempre variada. (MACIEL,1922).

Vargas (2006)⁶ pontua que o Pantanal é suscetível a inundações periódicas com intensidade e duração variadas. Às enchentes cíclicas é atribuída a responsabilidade pelo equilíbrio do sistema ecológico de toda a região. Destaca que o ciclo das cheias é apontado como um dos principais fatores controladores e moderadores da ação humana e de seus impactos sobre o ambiente da planície, desde seu início, no século XIX.

No período das águas, as pastagens naturais são revigoradas proporcionando boas condições para a manutenção do rebanho bovino e dos demais herbívoros. Também nesse período são reabastecidos os corixos e a “baías” (imensas lagoas) da região. A abundância de água implica na abundância de vida animal e vegetal. Cursos d’água e lagoas servem de habitat para numerosas espécies de vegetação aquática, conhecidas regionalmente por aguapés e camalotes. Quando há o adensamento desse tipo de vegetação podem vir a se constituir em verdadeiras “ilhas” flutuantes na imensidão hídrica. Por outro lado, as extraordinárias ictiofauna e avifauna pantaneiras também são revigoradas pelo fenômeno das enchentes.

Nogueira (1996, p.12) assegura ser o Pantanal um sistema ecológico que não se completa apenas com o conjunto de uma avifauna e de uma flora variadíssimas, pois, “muito mais importante é o homem que nele vive tanto na condição de dono da terra, quanto na de vaqueiro, empreiteiro, bagualeiro, garimpeiro, balseiro, pescador etc”. A autora vê o pantaneiro como um “ambientalista nato” que, no convívio diário com o ambiente, aprendeu a fazer a leitura da natureza, a fim de captar suas mais sutis transformações. Além disso, por estar perfeitamente adaptado ao ambiente natural do Pantanal, pode-se considerar o homem local um “quase anfíbio” que tem se revelado grande conhecedor do ambiente, desenvolvendo profundos saberes necessários à sua sobrevivência na região.

Seguindo o pensamento de Vargas (2006), a grande planície do pantanal mato-grossense, localizada no centro da América do Sul, ostenta o *status* de área protegida através de inúmeros títulos: Patrimônio Natural da União, Sítio do Patrimônio Mundial Natural, Reserva da Biosfera Mundial. Nesta vasta região, tradição e modernidade coexistem espacialmente entre interesses diversos e conflitantes: área de preservação ambiental, área de produção, população tradicional, emergência de novos atores, paisagem de especial beleza cênica, ecossistemas frágeis, atividades econômicas modernas e tradicionais, implementação de novas políticas públicas e de novos modelos de gestão e ordenamento territorial, etc. O título de *Sítio do Patrimônio Mundial Natural*, concedido pela Unesco ao Pantanal, na visão do Ministério do Meio Ambiente (MMA), revela um reconhecimento internacional de tudo o que Brasil faz pelo desenvolvimento da humanidade e conservação da natureza. Na realidade,

⁶ Vargas, Icléa Albuquerque. Tese de Doutorado. “Território Identidade Paisagem Governança no Pantanal Mato Grossense: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa” Curitiba, 2006.

essa é a premissa estabelecida pela Convenção do Patrimônio Mundial adotada em 1972, na “Conferência Geral da Unesco” de criação de um patrimônio mundial. A Convenção obriga os Estados signatários ao compromisso com a proteção, no interior e no exterior de suas fronteiras, dos monumentos e sítios que possam ser vistos pela comunidade humana como testemunhos únicos da diversidade das criações da humanidade.

O Pantanal, como uma zona úmida que reúne ecossistemas singulares, únicos no mundo, concentrando enorme riqueza de biodiversidade e possuindo uma cultura singular, a cultura pantaneira, veio a constituir-se em um bem de “valor universal e de interesse excepcional”.

Proença (1997) observa que os rios do pantanal, quando secos, até se comportam. Acomodam-se nos sulcos correndo mansos, entre margens pouco elevadas para além das quais se estendem campinas sem fim. Tornam-se quase inúteis a eles mesmos, mas úteis aos campos que lhes agradecem pela fertilidade recebida, num complexo processo que podemos chamar de renovador. Sobrevindo a seca, o nível de água vai baixando, sem que os elementos fertilizantes sejam devolvidos pela correnteza lenta e superficial dos rios. Enriquecidos de microorganismos, pela quantidade enorme de plantas que apodrecem, e também pelo brotamento das sementes que a própria água semeou, os solos se adubam e se renovam.

A natureza foi pródiga com a região ao lhe dar um manancial hídrico dos mais apreciáveis, pois o número de rios que a percorrem é considerável. O mais importante deles é o Paraguai. Rio sério e caudaloso que às vezes até amedronta com sua largura barrenta, sua força bruta, lenta e enigmática, fazendo curvas majestosas quando se encontra com os maciços calcários, dividindo-se em braços, engrossando-se cada vez que recebe as águas dos tributários. (PROENÇA, 1997, p.17).

Proença (1997) segue afirmando que o pantanal não é o que a mídia apregoa e, quem vive lá e dele depende, sabe o quanto é difícil adaptar-se a essa natureza inconstante e, até certo ponto bravia. Paga a sua cota de provação e, sobretudo tem que se sujeitar aos caprichos tão repentinos e imprevisíveis das águas, que muitas vezes exageram em transbordar.

Na figura 2 a seguir, a subdivisão do pantanal em 10, feita pelo estudo do Plano de Conservação da Bacia do Pantanal da Secretaria do Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul.

Figura 2 - Mapa da Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai



Fonte: Plano de Conservação da Bacia do Paraguai

Maciel (1922) explica que toda a zona do pantanal é terreno aluvional e sedimentário e sem elevação.

As diferenças de níveis não atingem a mais de 5 m, nos lugares mais elevados e afastados, em toda essa vasta extensão. Encontram-se entretanto as pequenas depressões, formando respectivamente os lugares denominados “firme”, “vazantes” e “corixos”.

Aqueles, mais altos, isentos das inundações, são cobertos de capim e cerrados; neles a composição química do solo, é sempre a sílica, pois as chuvas que são abundantes, caindo, se infiltram em parte e em parte descem imediatamente para as vazantes, carregando os detritos orgânicos e a poeira, que se vão depositar nas vazantes, fertilizando as suas vizinhanças.

No subsolo, a uma cota que varia de 2 a 10 m abaixo da superfície, encontramos um lençol impermeável que impede a rápida infiltração das águas, sendo isto talvez uma parcela das causas das grandes enchentes, tão desastrosas para os criadores.

A hidrografia desta zona é muito variável: vai das grandes enchentes que transbordam tudo, deixando apenas a parte mais alta ou “firme”, às secas ou estiagens em que as águas ficam reduzidas às baías mais fortes e aos pirizais.

As baías, umas são de água doce, outras de água salobra e outras de água salgada, que são as salinas.

Proença (1997) complementa, que estas favorecem muito os criadores, pois as suas águas contêm em dissolução diversos sais, sendo em maior proporção o cloreto de sódio, evitando, assim enormes despesas aos fazendeiros para a salga do gado.

Têm sido feito alguns estudos nestas salinas, fator econômico de primeira grandeza da zona rural. A sua composição é mais ou menos salitre, cloreto de sódio e traços de fosfatos.

Escavando as suas margens, encontram-se depósitos de sal em quantidade mais ou menos grande; estas salinas quando estão em lugares frequentemente alcançados pelas águas, vão se enfraquecendo, tornando a sua porcentagem em sal cada vez menor até se transformarem em água doce.

Maciel (1922) pontua que, os limites do pantanal pelo Leste vêm dos primeiros contrafortes da Serra da Bodoquena, desde o Apa, contorna esta Serra no ponto em que ela é atravessada pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, segue pela vertente do rio Miranda até os limites com os municípios de Nioaque e Aquidauana, na latitude com cidade do mesmo nome e desta vai acompanhando a linha telegráfica até a Estação de Campo Formoso; desta vai por uma linha reta atravessar o curso médio do rio Taquari e segue às cabeceiras dos rios Itiquira e Pequiri, procurando depois as cabeceiras do São Lourenço, desce pelo Mimoso, Melgaço, Piraim até a barra do rio Bento Gomes. Pelo Norte segue o curso do Bento Gomes, envolve quase todo o município de Poconé e vai até os pantanais da Baía; desta à margem do rio Paraguai, pouco abaixo da cidade de Cáceres, sobe pelo leito até as margens dos rios Jaurú e Aguapeí, limites do pantanal pelo Noroeste.

Vargas (2006) explica de outra maneira - constituindo-se na maior extensão de terras alagáveis contínuas do planeta, o pantanal mato-grossense situa-se entre os paralelos 16 e 22 graus de latitude Sul e os meridianos 55 e 58 graus de longitude Oeste. Distribui-se pelos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, em território brasileiro, além de uma parcela menor que se estende em áreas da chamada região do Chaco paraguaio-boliviano. No Brasil possui uma área de 138.183 km² sendo que sua maior parte, cerca de 65% da área total

,localiza-se na metade Oeste de Mato Grosso do Sul. As águas desta imensa planície pertencem à Bacia do Alto Paraguai (BAP), que é tributária da imensa bacia do Prata. O seu rio principal, o Paraguai, nasce em terras de Mato Grosso. O pantanal Mato-Grossense é definido como "a maior planície de inundação contínua do planeta "segundo a Comissão Interministerial para Preparação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CIMA.

Apontamos algumas questões do espaço físico e geográfico, importantes para o entendimento do homem que habita essa região, e, como esse sujeito tratado por mascate neste trabalho adapta-se a esse contexto de tantas singularidades.

Convém ressaltar que os aspectos históricos e culturais permeiam todo entendimento acerca da região pantaneira, sem os quais teríamos uma leitura acrítica desse contexto.

Passaremos agora à leitura da atividade do mascate nas estradas do pantanal.

2.2 QUESTÕES DE CULTURA - O MASCATE COMO SUJEITO DE SUA ATIVIDADE NAS BITOLAS⁷ DO PANTANAL

Como já dissemos, a escola de Vigotsk, baseando-se no materialismo histórico, teve desde a sua origem a preocupação de desenvolver estudos a respeito da formação e da evolução dos processos psíquicos do ser humano. Nesta concepção, as características humanas formam-se no decorrer da vida do sujeito resultando da sua interação dialética com o contexto onde ele vive.

A Teoria Histórico-Cultural trouxe para a Psicologia a noção de sujeito histórico e cultural que se constitui, enquanto se apropria do significado de suas experiências, nas interações sociais, estabelecidas no meio do qual ele faz parte.

Assim que o homem se apropria das ideias produzidas pelo conjunto dos homens ao longo da história vai se humanizando, formando-se psiquicamente.

Nesse sentido, enquanto busca a satisfação de suas necessidades, o homem atua sobre a natureza, modificando-a e se modificando, tanto externa como internamente e vai transformando o seu psiquismo.

A constituição do sujeito mascate envolve necessariamente a sua consciência e atividade de comerciar produtos, pontos básicos para buscarmos a compreensão deste processo.

⁷bitolas são sulcos abertos pelas rodas dos antigos carros-de-boi e hoje, ainda seguidos pelos tratores e jipes.

Chama-se de pantaneiro, neste trabalho, o homem que é nascido, vive e/ou trabalha na região do Pantanal, o peão, o vaqueiro, o fazendeiro (dono de fazenda) e seus filhos que têm terras no Pantanal. A constituição desse homem, conhecido como pantaneiro e conceituado como concreto, social e cultural, deve ser entendida em seu contexto, cheio de especificidades. Estudamos este contexto, valorizando o singular, dentro de um todo maior, onde cada especificidade faz parte da pluralidade, decorrente das relações sociais estabelecidas. (MORETTINI; URT, 2009).

Dos primeiros ocupantes, poucos tiveram a consciência de que faziam história. Não tinham a percepção do épico nem se sentiam heróis. Aquilo era o mundo deles, era a vida, era a lida. Gente muito simples, pacífica, silenciosa, com uma capacidade aguda de observação, propensos mais a ouvir que falar – uns ruminantes. Não lhes faltava inteligência, aliada a um jeito manhoso e malicioso de ver o mundo. Certo retraimento aparentava humildade, mas traziam no íntimo a insatisfação mal disfarçada com a pobreza, traduzida numa forte ânsia de grandezas. (BARROS, 1998, p. 30).

Podemos levantar alguns aspectos dessa especificidade: a grande distância dos núcleos urbanos; o isolamento agravado pela deficiência das vias de acesso a muitas fazendas; a vizinhança com dois países americanos Paraguai e Bolívia; o contraste entre as grandes enchentes e os prolongados estios; as grandes léguas desabitadas e os pequenos aglomerados em volta das sedes das fazendas.

Compreendemos que o sujeito-mascate na atividade que realiza, (realizou) encontrou obstáculos, mas, adquiri (iu) um saber naquilo que é capaz de fazer, nas diferentes experiências que vivencia. (vivenciou).

Os mascates eram figuras que povoaram o Pantanal de novidades. Percorriam as fazendas em seus carros-de-boi abarrotados de mercadorias e paravam sempre numa sombra debaixo de uma árvore copada. Vendiam de tudo, desde carretel de linha até tecidos, perfumes, etc...Traziam sempre garrafas de pinga, marca Tamandaré, escondidas entre as bugingangas, burlando a Lei Seca, que proibia a venda de bebidas alcoólicas na região da Nhecolândia. (PROENÇA, 2003, p.142).

Quando tratamos de contexto rural, é importante falar da educação no campo. A educação envolve toda uma concepção mais ampla do que entendemos por escolarização. A educação é um processo que colabora na constituição do sujeito e que se dá a partir da apropriação dos bens que a humanidade produziu – nenhum homem nasce pronto, ele se torna sujeito histórico ao se apropriar, por meio dos processos educativos (e não necessariamente escolarizados) dos artefatos culturais. Na constituição de sujeitos pantaneiros é preciso pensar no sentido singular e plural que o cenário traz para esses sujeitos que vivem num universo

com todas as suas particularidades, riquezas, tradições e formas de educação (fazer o laço, trançar, apartar são formas de educação).

No tempo da criação das primeiras fazendas, os mascates usavam as montarias, as tropas, os carros de bois. As tropas de muares, nessa época, foram o único elo, entre o sertão e a civilização.

Foi no lombo do burro e na pata do boi que o sujeito mascate pantaneiro deste estudo, palmilhou os pantanais para exercer a sua atividade, desde o início da fundação das primeiras fazendas.

Nogueira (2002) observa que o carro de boi (como a carreta) representou papel relevante na integração histórico-sócio-cultural e linguística do nosso País, nos pantanais, principalmente, devido aos problemas de distância, estradas e transportes.

Para a autora, a carreta serviu aos grupos sociais, tanto para as viagens de recreação, como para o transporte de alimentos e de objetos indispensáveis às fazendas. O comércio de mercadorias realizado entre as fazendas e a cidade ou vice-versa, desenvolveu-se graças às carretas.

Culturalmente, constituiu-se no elemento propiciador das transformações do habitat. Transportando as famílias, essas carretas transportavam junto, seus hábitos e costumes que iriam se expandir pela região. Linguisticamente, agiram como fator de consolidação e de propagação da língua portuguesa nos mais diversos lugares do país, assegurando a nacionalidade brasileira nestes territórios distantes das metrópoles. “Foram as carretas com suas quatro ou oito juntas de boi mais a picana⁸, que lograram inscrever no chão virgem os primeiros sulcos das bitolas que se tornariam verdadeiras marcas dos caminhos pantaneiros. (NOGUEIRA, 2002, p.53).

Rubinstein (1977, p.27) pontua que, em toda ação humana estabelece-se uma relação entre o que é socialmente importante e o que é importante para a própria pessoa. Portanto, o objetivo da ação humana sempre estará implicado com os semelhantes “toda atuação objetiva do homem é um ato de relação com os seus semelhantes, na qual para o sujeito atuante, não só se abre o mundo objetivo, onde está implicada a atuação, como também o conteúdo de uma vida social, compreendida nessa atuação e que a determina”

Rubinstein explica que a atuação humana, portanto, não é natural e, sim é de natureza social, está implícita nas relações sociais, e tem como base a prática social.

A prática social do mascate perdurou por todo o tempo e existe até os dias de hoje. Em canoas, batelão ou chalanas levavam semanas subindo o rio Paraguai e servindo às

⁸Parte do carro de boi que fica entre as cangas.

fazendas que se abasteciam dos artigos indispensáveis à vida rude que os pantaneiros levavam.

Dos índios, o pantaneiro herdou o costume de dormir em rede, tomar banho no rio, desconfianças e cismas, manias, risadinhas irônicas, ânsia de independência, amor à liberdade e outras coisas mais, como a utilização da canoa, da zinga e da zagaia. A presença paraguaia é constante, principalmente, na música e na culinária. Depois da guerra, muitos paraguaios vieram trabalhar na agricultura e na pecuária e deixaram seus traços, introduzindo seus costumes, influenciando o linguajar do pantaneiro do sul.

Os acordes atrevidos da viola de cocho nas festas pantaneiras motivaram os improvisos dos curureiros cantadores, versejadores, produziram neologismos, aumentando a capacidade e versatilidade linguística da região.

Proença (2003) pontua que, viagens longas e cansativas em carros de bois, batelões e canoas; o terrível isolamento a que se sujeitou numa região distante dos centros civilizados; a precariedade de comunicação; a falta de recursos médicos; a saudade que batia dos filhos que cresciam e iam estudar nas escolas da cidade; tudo isso foi moldando na mulher pantaneira, certas regras de viver, apenas compreensíveis pelo amor ao companheiro, a fé em Deus e o enorme afeto pela região que a fez soberana e a consagrou heroína.

Parafraseando Nolasco (2010) quando retoma as palavras biográficas de Hélio Serejo em seu Balaio de Bugre, ao se assumir como “prosador crioulo”, o pantaneiro como sujeito que resulta do amálgama do índio e bandeirante, do negro escravo e do sangue paraguaio, também revelaria além das suas características de sujeito-natureza, as do próprio balaio cultural para evidenciar as especificidades de sua cultura. E, é esse sujeito-natureza que se apresenta: “eu vim das secas e das enchentes, dos cantos das seriemas, das queimadas e das salinas, dos peixes e tuiuiús, das areias e garças brancas, carandás e babaçu. Trago revólver na cinta, mas não é para ferir, venho dos ventos, dos cerradões, já vi sucuris das bravas, macegais e jacarés”.

Aberto o balaio cultural do pantaneiro, encontramos os objetos que são importantes na vida desse sujeito – a traia de arreo, os apetrechos de montaria, o tereré, o couro na produção de artefatos – é o nosso crioulismo incrustado na cultura sul-mato-grossense e em nós mesmos, é o nosso caboclismo se manifestando.

Nas mãos da mulher pantaneira encontramos as jacubas, os caribéus as paçocas, os furrundus, o tilintar da colherzinha de prata temperando o pó do guaraná – o melhor da nossa cultura.

E Proença observa

E o que falar das festas de São Sebastião, São Pedro, Santa Rita, nas quais a mulher ao som de um rasqueado e sob a luz bruxuleante das lamparinas transformava-se numa formosa dama: o vestido de chita bem estampado, o lencinho vermelho, perfumado com perfume comprado nas carretas dos mascates. O que falar das bugrinhas, das saias rodadas, dos cabelos lisos, dos olhos acesos acendendo paixões no calor dos ranchos? (PROENÇA, 2003, p.78-79).

Segundo Nogueira (1996), os pantaneiros acreditam que há enchente quando há: canto do carão pequeno, canto do macuã, gado amontoado nas partes altas, círculo luminoso na lua, peixes boiando nos rios, baías, corixos, ipê florido em maio, blocos de camalotes deslocando-se.

Mudança de tempo, quando há: bufo de jacarés, gritaria de bugio na mata, canto da saracura, vento norte soprando, urro de onça na mata, círculo grande na lua.

Maciel descreve o pantanal com muita riqueza de detalhes como um todo, realizada a partir de pesquisa e medição *in loco*

Aquele tempo, de 1880 até 1899, constituía um deserto de difícil acesso, já pelo isolamento propriamente dito do lugar, como pela falta de comunicação, que era absoluta, com a cidade de Corumbá. Não havia, como hoje, a navegação regular para Porto Esperança, escalando pelo porto da Manga: a viagem era feita em canoa, batelão e chalana. O proprietário da “Firme”, de tempo em tempo emprestava uma grande chalana de casco de ferro, impulsionada à zinga e voga e fazia as suas viagens para Corumbá, trazendo carne seca, couros de gado vacum, penas de garça e peles de onça, para vender e com seu produto fazer aquisição de café, mate, sal, açúcar, fazendas, para uso seu, de sua família e para suprimento de seus camaradas. (MACIEL, 1922, p.12).

Maciel relata o sacrifício com que era feito o comércio de troca de produtos naquela época.

Partem. O piloto, pés distantes grudados no chão da popa⁹, retesa-se e recurva-se na fadigosa faina do leme, os proeiros¹⁰, vergando sobre as vogas¹¹ que gemem nos tentos crus das espias, ou com as zingas fincadas nas ombreiras calejadas, marchando, a tropel batido, repicado sobre as bordas, impelem o “pau velho” e marcam a cadência da vagarosa marcha em melancólica toada, que o eco leva ao longe morrer em gradações sucessivas nas curvas da torrente e nas quebradas da mataria. Assim chegavam ao campo da Vacaria. O sal, café, rapadura e querosene, de que iam pejados, eram a moeda corrente, pela qual, naqueles famosos campos, se permutava o gado destinado aos matadouros. (MACIEL, 1922, p.25).

⁹Extremidade traseira de uma embarcação;

¹⁰ Os que ficam na frente do barco

¹¹ ondas

No início da ocupação do Pantanal, as canoas, as balsas improvisadas, os batelões tocados à zinga, exerceram papel essencial na vida social e econômica da região.

Quando não havia estradas, os mascates transportavam as suas mercadorias de batelão até o Porto da Manga, na Nhecolândia e, de lá, passavam para os carros de boi. Sempre comerciavam na base da troca, trocando seus produtos por outros.

Segundo Proença (2003, p. 74)

Ampliava-se depois a essa fonte a venda de produtos que eram conduzidos em canoas ou chalanas para Corumbá e quase sempre lotados de couros de onça e outros animais, carne seca, queijo, borracha de mangabeira, penas de garça, tudo o que ajudava na permuta de utilidades indispensáveis à vida diária. Os preços de então regulavam as seguintes cifras: couros de onça 50 mil réis mais ou menos, carne seca kilo um mil réis, couro de gado mil réis o kilo.

Na época do estio, embora o pantaneiro continuasse a utilizar o transporte pelo rio, preferia as estradas de chão. No tempo da criação das primeiras fazendas, os mascates usavam as montarias, as tropas, os carros de bois. As tropas de muares, nessa época, foram o único elo, entre o sertão e a civilização.

Na zona dos pantanais estão localizadas as maiores fazendas do Estado, algumas com superfície igual à de alguns Estados europeus. Possui uma estação telegráfica a FAZENDA FIRME (FF) e uma telefônica no porto da Manga, sendo neste porto que está o cabo elétrico pelo qual a linha telegráfica atravessa o rio Paraguai, para alcançar Corumbá. Esta fazenda, a melhor talvez de todo o Estado, pelas suas qualidades e condições naturais, como pela situação próxima de Corumbá, foi montada em 1847 pelo Barão de Vila Maria que chegou a ser dono dessa fazenda e das de Palmeiras, São Francisco e Piraputanga, todas saqueadas pelos paraguaios por ocasião da guerra que o Brasil sustentou com a República do Paraguai. Foi a fazenda “Firme” que supriu o Paraguai de gado para manter seus exércitos e seu povo. (MACIEL, 1922, p. 11).

O desenvolvimento desse sujeito, isto é, de sua vida, exige uma interação constante dele com o meio natural, uma troca de substância entre eles. Leontiev (2004) afirma que, esta interação nada mais é do que produzir os meios da sua própria existência. É por isso que, o homem, diferentemente do animal, mediatiza, regula e controla este processo, através do seu trabalho

O homem encontra na sociedade e no mundo transformado pelo processo sócio-histórico os meios, aptidões e saber-fazer necessários para realizar a atividade que mediatiza a sua ligação com a natureza. Para fazer os seus meios, as suas aptidões, o seu saber-fazer o homem deve entrar em relação com os outros homens e com a realidade humana material. (LEONTIEV, 2004, p. 185).

Ainda hoje, para transitar pelas estradas, o pantaneiro precisa levar em sua bagagem, apetrechos como: corda , pá, corrente se não quiser dormir pelo caminho.

Até 1923, ano de aparecimento no Pantanal da Nhecolândia dos primeiros fordecos (Ford de Bigode modelo T, tocado à manivela), o carro de boi, ao lado do batelão, foi utilizado para transporte dos passageiros. “De longe se escutava o paciente rincho do carro se aproximando da sede da fazenda e os gritos dele alertando os bois pachorrentos. Viajava a cavalo ou a pé. Trazia o “relho” sempre apoiado no ombro”. (PROENÇA, 2009, p.78).

O trabalho é organizado, de acordo com os ciclos da natureza, o pantaneiro aprendeu a respeitá-la para poder com ela, bem conviver. E o mascate teve que conviver com essa situação complicada. É o Pantanal que dita o planejamento de tudo.

Arantes (1994, p.11) observa que, nas comitivas, [...] “os peões tomam banho, jantam e armam suas redes nas árvores, não se esquecendo dos mosquiteiros, pois, é grande a quantidade de mosquitos”; é ela, a natureza, que dita, ao pantaneiro, quando, como e o quê fazer de suas vidas e de seu trabalho.

Esta descrição é referendada pela de Leverger¹², que desceu várias vezes o rio Paraguai e o São Lourenço para completar o seu Roteiro

Também não faltam insetos nocivos, formigas, Baratas, Lagartos, Marimbondos & Cia., e, sobretudo, enxames de Mosquitos, cuja abundância, mormente no tempo da enchente, torna-se um verdadeiro flagelo. Poucas vezes está o navegante inteiramente livre da perseguição deles, comumente aparecem ao pôr-do-sol em nuvens, que se somem no decurso da noite ou ao amanhecer, outras vezes só de dia incomodam, porém, ocasiões há em que durante semanas, e até meses, não deixam um momento de sossego de dia nem de noite, e causam um martírio de que só pode fazer ideia quem o tem experimentado. (LEVERGER, 1846, p. 19).

Amaral e Silva (2007) nos lembram que, durante a Guerra do Paraguai, vários fazendeiros abandonaram suas terras diante da possibilidade de invasão. Em função disso, os animais de criação foram abandonados a própria sorte, no Pantanal. Desde então, os porcos que eram criados como domésticos, passaram para um estado selvagem e, hoje, formam grandes populações nessa região.

Depois da guerra, aconteceu a participação mais intensa do capital estrangeiro na região e, com a liberação da navegação do rio Paraguai, Corumbá tornou-se o maior entreposto comercial de Mato Grosso.

¹²“Roteiro da navegação do rio Paraguay”, pelo Capitão de Fragata da Armada Nacional e Imperial Augusto Leverger, 1846, que para produzir o seu Roteiro fez 6 viagens descendo o rio Paraguai e é considerado pelos historiadores como o mais completo. Foi reproduzido na série Memórias de MS, com lançamento em novembro de 2012, pelo IHGMS.

Os mascates funcionaram como um elo na cadeia imperialista da época, incorporando a província de Mato Grosso aos mercados dos produtos industrializados da Europa. Os barcos, abarrotados de mercadorias, atracavam em Corumbá e partiam para Vila Maria (atual Cáceres), Cuiabá e Miranda. Na volta, traziam produtos regionais, como o couro, entre outros. De Corumbá, partiam também pequenas embarcações que, navegando pela malha fluvial do Pantanal, estabeleceram relações de troca com os habitantes da planície. (AMARAL; SILVA, 2007, p. 31-32).

Os carros de boi iam abarrotados de mercadorias que faziam a alegria das pessoas solitárias naqueles ermos. A chegada do carro de boi do mascate era o grande acontecimento nas fazendas.

Proença, conta, em seu livro "Memória Pantaneira", como era uma viagem, de carro de boi desses valentes pantaneiros pela Nhecolândia

Andava vagaroso, rangendo todas as peças que pareciam desconjuntadas, mas, na verdade, eram resistentes até não poder mais e aguentavam as estradas. Durante anos, no Pantanal, existiu a figura do “mascate”, que percorria as fazendas vendendo mercadorias. O carro de boi dessa singular figura vivia apinhado de bugingangas e cheirava a fumo de rolo misturado com os cheiros de mate, pó de café, querosene, sabonete e outras coisas. O mascate comercializava tudo nesse mercado ambulante medieval, até pinga Tamandaré, burlando a “Lei Seca”. De longe se escutava o rincho do carro dele se aproximando da sede da fazenda e os gritos que dava para alertar os bois pachorrentos. Viajava a cavalo. E, quando não estava sapecando lambadas no lombo dos bichos, trazia o “relho” apoiado no ombro direito. Quem viajou de carro-de-boi no Pantanal nunca mais se esquece. Na véspera da viagem as mulheres da fazenda preparavam a “matula”, fritavam bolinhos, faziam a farofa de carne bovina, de frango, de porco ou de ovo, ou, ainda, a paçoca cuiabana, que é feita com carne seca “apiloadá” misturada com farinha de mandioca. O carreiro preparava o carro, fazia a “torda”, lidava com os bois que pernoitavam no curral. Cedinho, no escuro da madrugada, carregavam o carro e partiam. Se a viagem era realizada da fazenda para o Porto da Manga, onde se pegava o vapor Fernandes Vieira para Corumbá, os bois iam de mau-humor, bambeando de lado, querendo voltar para a querência deles, mas se era feita do Porto da Manga para a sede da fazenda, aí a coisa mudava. Eles não davam trabalho, voltavam ligeiros, possibilitando ao carreiro de puxar uma soneca gostosa em cima do cavalo. Viajava-se da madrugada até às 930h ou 10, aproximadamente, e então paravam na sombra de um capão, perto e uma baía ou de um corixo para o tereré ou para um guaranazinho. (PROENÇA, 2003, 113-4).

Proença (2003) observa que em torno do vagaroso carro de boi que transitava pelo Pantanal, existe um vasto e pitoresco linguajar como guieiro, praieiro, gangorra etc. As comitivas conduzindo boiadas pelos caminhos alagados contribuíram para enriquecer o vocabulário "pantanês". O autor pontua ainda que da cozinha das nossas avós vieram o furrundu, a paçoca de banana, a mariaizabel, a jacuba a lembrança do fogão a lenha amplo e empretecido de fuligem, da carne seca e do toucinho defumados pendurados num arame, do pote de água de barro. Os acordes atrevidos da viola de cocho que motivaram os improvisos

dos curureiros, versejadores/cantadores das antigas festas pantaneiras produziram neologismos ampliando a versatilidade lingüística e cultural da região.

Na região pantaneira também os rios sempre serviram como meio de transporte, através das canoas, balsas e batelões, pois até as estradas de chão, em determinadas épocas, escondem-se sob as águas.

Encontramos em Maciel (1922, p.5), a explicação

Do porto da Manga até uns 4 km para o interior a composição da crosta é a argila quase pura que, aflorando junto ao leito formando as barrancas, vai se aprofundando para o interior, sendo substituída pela terra vegetal, ou “húmus”, sedimentada por ocasião das enchentes. Na parte alcançada a camada de “húmus” se eleva a 30 cm de profundidade. À medida que se vai afastando das margens, nota-se a mudança do terreno: argila plástica pura das margens vamos passando progressivamente para a argila silicosa, onde a sílica vai entrando com uma porcentagem cada vez maior, ate encontrarmos o terreno. (MACIEL, 1922, p.5).

Os ciclos das cheias e secas, por exemplo, traz a esse homem uma realidade diferente que deve ser contornada para que garanta sua sobrevivência nesse espaço. Esta ideia é pontuada por Maciel

No pantanal, nos pontos atingidos pelo fluxo e refluxo das enchentes, não há terreno cansado: o campo é sempre novo, a vegetação está sempre virgem e primaveril. A inundação que causa o mal, quando é grande, é a mesma que faz exuberante e sempre novo o campo .Não foram as inundações dos pantanais e talvez que eles não constituíssem a maravilha do mundo em pastagens. O que causa o mal faz o bem e bendiga-se sempre a inundação que refresca o terreno, traz-lhe o húmus e as pastagens luxuriantes, ricas e sempre variadas. É esta zona o futuro celeiro de gado do mundo, pela sua vastidão de campos abertos, descampados e planos, cobertos da mais rica e variada pastagem do Universo. A vegetação aqui é renovada anualmente pela inundação periódica do rio Paraguai, de seus afluentes e subafluentes, inundação que fertiliza os campos levando-lhes o húmus necessário. Tais campos são cortados até as iminências das serras vizinhas por pequenos cursos d’água que tomam nomes diversos conforme sua formação e são chamados: “corixos”, “vazantes”, “igarapés”, “cabeceiras”, e “riozinhos” e deságuam nos rios. CORIXOS – são mais estreitos que as vazantes, cheios de curvas rápidas e de vegetações aquáticas, como o periperi, o andrequicé, o aguapé, a vitória régia e infindas vegetações dos brejos. Com declividade quase sempre nula os corixos escoam muito pouco, de sorte que guardam suas águas uma boa parte do ano. VAZANTES – são uma espécie de rios largos, com o leito coberto de ricas e verdejantes pastagens, predominando nelas o arroz silvestre, o capim felpudo e outras infinidades de forragens de superior qualidade. (MACIEL, 1922, p. 6).

O homem pantaneiro teve que lidar adequadamente com todas as especificidades do seu ambiente e, por conseguinte, se adequar a todas essas dificuldades, pois desenvolveu um ritmo de trabalho próprio e desenvolveu também ferramentas que facilitaram e

promoveram a lida no campo, sendo essas ferramentas confeccionadas a partir dos materiais que ele possuía como couro, madeira, animais, entre outros.

Como nos mostra Leontiev (1978b)

No decurso de sua vida, o homem assimila experiência das gerações precedentes; este processo realiza-se precisamente sob a forma de aquisição das significações e na medida desta aquisição. A significação é, portanto, a forma sob a qual um homem assimila a experiência humana generalizada e refletida. (LEONTIEV, 1978 b, p.94).

Os significados, então, são assimilados pelo sujeito nas atividades que ele desenvolve por ocasião de sua interação com o meio social do qual ele faz parte.

A vida pantaneira está extremamente vinculada à questão do trabalho que, além de fonte de renda para o pantaneiro, é também motivo de orgulho. Assim sendo, este homem zela por sua vida, seu trabalho e, conseqüentemente, por seu ambiente, local em que cresceu e aprendeu tanto. Sendo o sujeito histórico e social, o estudo do processo de sua constituição implica que ele seja pensado numa atividade específica, pois, é através da atividade mediada que ele transforma o contexto e é pelo contexto modificado, nas relações sociais que estabelece. Nesse sentido, a atividade do mascate, presente neste estudo é uma atividade comercial, mas (cultural) social em que esse sujeito, além da apropriação de um fazer incorpora e devolve para a comunidade uma infinidade de características e de valores.

E essa atividade, é justamente aquela que pode lhe oferecer obstáculos e dificuldades contra as quais ele precisa encontrar estratégias para sobreviver, como nos mostra Maciel em seu Relatório escreve

As vazantes, às vezes de um quilômetro de largura, enchem-se anualmente das águas das chuvas que escorrem das serras, adquirem às vezes profundidade de 9 a 10 palmos, dificultando a sua travessia, que então é feita a nado. As vazantes e os corixos, no tempo das enchentes, constituem a maior dificuldade para a locomoção dos criadores. Os vaqueiros os atravessam a nado ou montados a cavalos, mas as carretas são atingidas pelas águas e se molham. Os arreios dos vaqueiros do pantanal não têm duração pelo estrago das contínuas molhadelas nos corixos e vazantes. São os corixos e as vazantes as veias e as artérias dos pantanais: por eles é que as águas se escorrem e são essas águas que fertilizam os campos, renovando anualmente as pastagens. (MACIEL, 1922, p. 7).

Proença (1997) explica que a alternância de períodos úmidos e quentes com os de seca e frio não deixaria também de condicionar os agrupamentos humanos, e, as atividades humanas se diferenciam das congêneres em outras pastagens. A adaptação dos processos de trabalho, de meios de sobrevivência, de hábitos de vida às condições climáticas regionais, distinguem perfeitamente as fazendas de criação de qualquer outra do planalto.

Leverger (1846, p.16) aponta em seu Roteiro

As chuvas nas cabeceiras do Paraguai e dos seus mencionados afluentes só vão principiar em outubro e acabar em abril. A enchente manifesta-se de janeiro a fevereiro, vai crescendo até junho ou julho, e começam, então, as águas a baixar até o ano seguinte. Não são, contudo, fixas essas épocas: às vezes adianta-se ou atrasa-se a estação chuvosa e conseqüentemente a inundação. É evidente que o volume desta, dependendo de maior ou menor abundância e duração das chuvas, é também sujeito a muitas variações. Anos há em que o Paraguai, em grande parte do seu curso, não trasborda os seus barrancos, e ficam alagadas tão somente as partes mais baixas do terreno. Em outros anos toda a campanha inunda-se. Acredito, que tem havido cheias que se elevaram até 30 palmos acima do nível das águas baixas. Considero, porém, tais enchentes como extraordinárias, creio que comumente a mencionada diferença de nível não passa de 15 palmos, e é quanto basta para que muitos poucos sejam os redutos exemplos de completa alagação. Quanto à superfície inundada, que principia na foz do rio Jauru pelo paralelo de 160 22', não me é possível descrever com exatidão os seus limites laterais, todavia direi que, na altura de São Lourenço, a alagação entra de 60 a 80 milhas pela margem esquerda, o mesmo na altura do Taquari, daí para baixo vai progressivamente tendo menos largura, e abaixo do Fecho dos Morros não passa de poucas milhas. (LEVERGER, 1846, p.16).

As atividades mentais internas do sujeito vão surgindo de suas atividades práticas desenvolvidas em seu contexto e são formadas no curso de vida de cada pessoa, em cada geração. Como nos aponta Finocchio (1998), os processos psicológicos do sujeito, internalizados a partir dos processos interpsicológicos, passam a mediar as atividades do sujeito no mundo, numa interação constante entre o psiquismo e as condições concretas de existência do homem.

Pela sua atividade os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolve-se a ciência e a arte. (LEONTIEV, 1978a, p.265).

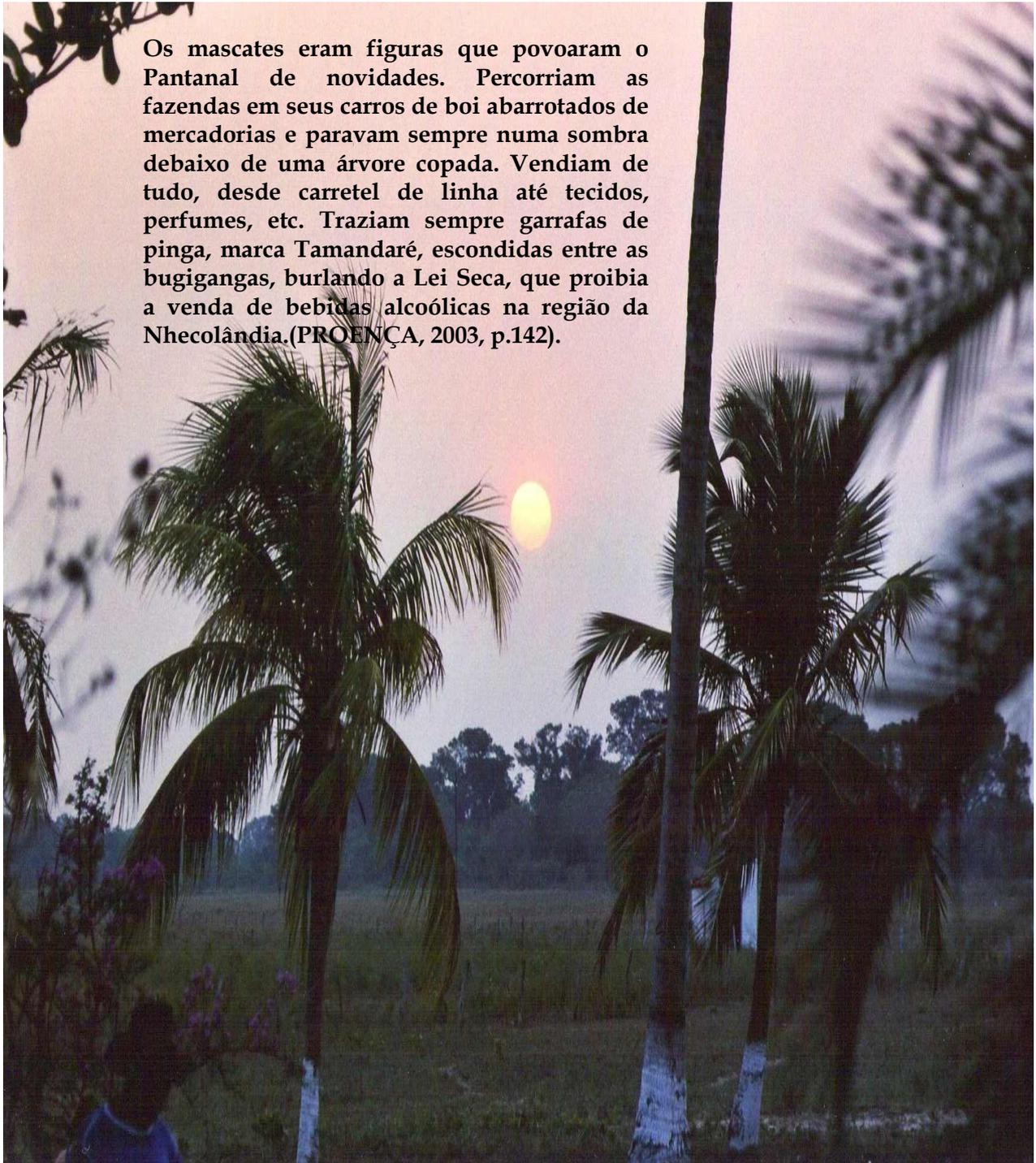
Todas as novas experiências que o sujeito vai adquirindo, transformam e reestruturam as experiências anteriores, significados e valores sociais, tomando novos rumos que levarão a outras transformações em suas concepções.

O vaqueiro mato-grossense, como o de todo o Brasil é um profissional completo. Trança laço, caprichando nos tentos, atravessa a nado os rios mais largos e domina uma canoa com a mesma perícia e coragem com que doma potro bagual. É só apelar e trocar a rédea pelo remo, com a mesma indumentária pesada, ainda de esporas e tirador, o largo avental de couro que

protege a roupa na hora de “chincar” o boi laçado. (PROENÇA, 1958, p.73).

Após apontarmos o espaço onde os mascates realizavam as suas atividades, passaremos a falar sobre as concepções dos pantaneiros sobre elas.

Os mascates eram figuras que povoaram o Pantanal de novidades. Percorriam as fazendas em seus carros de boi abarrotados de mercadorias e paravam sempre numa sombra debaixo de uma árvore copada. Vendiam de tudo, desde carretel de linha até tecidos, perfumes, etc. Traziam sempre garrafas de pinga, marca Tamandaré, escondidas entre as bugigangas, burlando a Lei Seca, que proibia a venda de bebidas alcoólicas na região da Nhecolândia.(PROENÇA, 2003, p.142).



Fazenda Paraíso
Realização: MEDEIROS, 2012.

3 AS CONCEPÇÕES ACERCA DOS MASCATES E SUAS TRAJETÓRIAS

Todos os meses, mesma data, dia 10 chegava o mascate, para alegrar a pequena cidade do interior de Pernambuco: Gameleira. Novidades trazidas de Recife, panos e trecos. Vendia brilhantina, grampos, cadarços, perfumes e batons (...). A festa era grande com a chegada de seu José. Nem parecia que era tão idoso; caminhava na chuva e sol, carregando malas, com a ajuda de um carro de mão. Todos os meses, pedidos eram satisfeitos. População ávida de esperança – esperança de ficar mais bonita, de combinar cheiros, misturando mato com perfumes. (AROUCHA, p.6)

3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo, abordamos o caminho da pesquisa, a forma como ela foi realizada, o acompanhamento às Entrevistas dos sujeitos e as implicações teóricas.

Analisar a história da atividade do mascate pantaneiro, por meio das concepções dos pantaneiros selecionados, produzidas e veiculadas é o nosso objetivo nesta pesquisa empírica, que se fundamenta, como já dissemos, nos aportes de Vigotski e seus interlocutores.

A fonte de dados consistiu-se de Entrevistas, uma abordagem de investigação que, segundo Rego (2003), colhe as experiências dos sujeitos.

Consideramos dois processos de significação para a análise: a) um formado pelas significações da atividade (fomos falando da atividade do mascate ao longo do trabalho); b) outro formado pelas experiências nas memórias dos sujeitos pesquisados. Embasamos nossos trabalhos de análise nas pesquisas de Rego (2003).

Dessa forma, procuramos retomar, por meio das concepções dos sujeitos pesquisados, o significado da atividade do mascate, presente no percurso da vida de cada um, portanto nas suas vivências, em determinados momentos e contextos.

Para Rego (2003), o entrevistado pode subestimar ou superestimar aspectos que ele considera legítimos, em suas respostas, fruto de suas experiências sociais. Nesse sentido, o pesquisador deve, estar atento sempre para essas questões.

3.1.1 Nas fontes da historiografia regional

A escola de Vigotski, baseando-se no materialismo histórico, teve desde a sua origem a preocupação de desenvolver estudos a respeito da formação e da evolução dos processos psíquicos do ser humano. Nesta concepção, as características humanas formam-se

no decorrer da vida do sujeito resultando da sua interação dialética com o contexto onde ele vive.

A Teoria Histórico-Cultural trouxe para a Psicologia a noção de sujeito histórico e cultural que se constitui, enquanto se apropria do significado de suas experiências, nas interações sociais, estabelecidas no meio do qual ele faz parte.

Assim que o homem se apropria das ideias produzidas pelo conjunto dos homens ao longo da história vai se humanizando, formando-se psiquicamente.

Nesse sentido, enquanto busca a satisfação de suas necessidades, o homem atua sobre a natureza, modificando-a e se modificando, tanto externa como internamente e vai transformando o seu psiquismo.

Trazemos a proposta metodológica de Vigotski (1987), a partir do materialismo histórico, que é composta por variáveis fundamentais, que envolvem três princípios básicos do estudo da internalização e análise das funções psicológicas superiores.

Em primeiro lugar há necessidade de uma maior ênfase no processo e menos no produto - a análise psicológica de processos deve ser diferente da análise de objetos, pois requer uma exposição dos principais pontos constituintes da história dos processos e, nesse sentido, qualquer processo psicológico, seja o desenvolvimento do pensamento, sofre mudanças, tornando a tarefa básica da pesquisa uma reconstrução do desenvolvimento do dito processo. A análise psicológica não pode simplesmente decompor seu objeto de estudo nas diferentes partes que o compõem. Pelo contrário, este trabalho exige uma exposição dinâmica dos principais elementos que definem o processo histórico, recuperando-o. Vigotski observava que a Psicologia, em geral, tem tratado os processos como objetos relativamente estáticos, destacando que o desenvolvimento humano é um processo dinâmico. Pontuava ainda que, ao substituir a análise do produto pela do processo, a tarefa básica da pesquisa passaria a ser a reconstrução de cada estágio no desenvolvimento do processo;

Em segundo lugar, o foco é na explicação além da descrição, em que um fenômeno é explicado na sua origem e não na aparência externa; a análise procura mostrar a essência dos fenômenos psicológicos ao invés de suas características perceptíveis - ela não rejeita a descrição, mas, ao contrário, subordina-a à descoberta de sua origem real; o interesse não fica preso à descrição imediata, mas às ligações reais entre os estímulos externos e as respostas internas que são a base das formas superiores de pensamento. Vigotski parte de uma crítica à Psicologia introspectiva e associacionista, que dominava no início do século XX, em que predominava a descrição dos fenômenos, afirmando que ela não revelava os aspectos dinâmico-causais do fenômeno estudado e que era preciso ir além do empírico. Vigotski (1987) observa que a Psicologia não pode desconsiderar as manifestações externas de seu

objeto de estudo, mas, lembra que a sua função é muito mais profunda e abrangente. Nesse sentido, o destaque dado por Vigotski à interpretação, significa um avanço em relação à mera descrição do fenômeno. Para ele, a análise científica real difere radicalmente da análise introspectiva, que pela sua natureza, não pode ir além da pura descrição.

E em terceiro lugar, o autor assinala a ênfase na origem dos conceitos e na ruptura com os conceitos fossilizados, procurando entender a sua origem, alterando o caráter mecanizado e fossilizado de algumas formas de conceitos, fazendo-os retornar à sua origem, através do resgate do seu processo de constituição. Muitas formas de comportamento passando por um longo processo de desenvolvimento histórico tornam-se automatizadas. Pode-se entender que Vigotski (1987) ao pontuar o rompimento com os conceitos fossilizados, está enfatizando não o produto, mas o processo de desenvolvimento, oposto a uma condição automatizada, mecanizada, concentrando-se na sua origem. Nesse sentido, as funções rudimentares permanecem não como representantes vivos da evolução biológica, mas como remanescentes do desenvolvimento histórico do comportamento.

A única maneira de estudar as formas superiores de pensamento, segundo o autor, é concentrando-se mais no processo e menos no produto. Para isso, o pesquisador é forçado a alterar o caráter automático, mecanizado e fossilizado das formas de pensamento. Enfim, o objetivo e os fatores essenciais da análise psicológica são: a) uma análise do processo em oposição à análise do objeto; b) uma análise que revele as relações causais, em oposição à enumeração das características externas de um processo; c) uma análise que reconstrua os elementos e faça retornar à origem de uma determinada estrutura.

Nessa perspectiva, de acordo com Vigotski (1987), o resultado será uma forma nova de pensamento. O rompimento dos conceitos fossilizados e a reconstrução de outros consiste, então num processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade nas diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra. Sem desprezar o resultado, o pesquisador deverá privilegiar o estudo do processo por meio do qual se desenvolve o psiquismo humano.

Para Souza (2006), o cotidiano humano é marcado pela troca de experiências, pelas representações que ouvimos e que falamos, pelas formas como contamos as histórias de vida. Daí a utilização, cada vez mais crescente das representações e das biografias em contextos de pesquisa na área de educação. A crescente utilização da abordagem de entrevistas em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos levando a entender diferentes mecanismos e processos históricos, em diferentes tempos. As respostas dos sujeitos permitem também adentrar num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações dos sujeitos sobre a

sua atividade profissional, ciclo de vida, e os sentidos e situações do contexto.

Encontramos em Rego (2003), a observação de que uma abordagem por entrevista, específica nos campos dos conhecimentos ensinados é perfeitamente possível como desencadeadora do processo de conhecimento e de aprendizagem. Trata-se de trabalhar com nossos sujeitos sobre as mais diversas experiências com as quais possamos colocá-los em contato com nossos temas de trabalho.

A opção por esse tipo de metodologia é uma consequência da natureza do trabalho e do referencial teórico adotado. Embora o propósito seja o de verificar o que os pantaneiros lembram a respeito do mascate, entendemos que eles desempenham um papel ativo nesse processo, pois os sujeitos são sujeitos ativos e não recebem passivamente as influências do contexto onde vivem.

Esta pesquisa foi desenvolvida em duas dimensões: análise do referencial teórico e pesquisa de campo. A pesquisa empírica e a teórica tiveram funções complementares. O principal instrumento para a coleta de dados empíricos foi a elaboração do roteiro de entrevistas, trabalhamos com sujeitos pantaneiros escolarizados. Apenas um sujeito não alfabetizado. Eles foram conduzidos com a intenção de revelar as suas representações sobre os mascates. Trabalhamos com as concepções dos entrevistados sobre a atividade do mascate a partir da perspectiva daqueles que passaram muitos anos de suas vidas com ele, ou em torno dele.

Sabemos que as entrevistas não revelam uma verdade absoluta, e que a visão do entrevistado corresponde a uma entre muitas. As perguntas fazem os entrevistados rememorem e por meio das entrevistas os sujeitos revelam uma fala que é a sua história ou seja, os sujeitos realizam um rememorar de sua vida, em relação à atividade do mascate.

Transcrevemos as entrevistas e esse recurso permitiu o acesso repetido às informações coletadas. As perguntas elaboradas procuraram extrair dos entrevistados suas rememorações acerca das vivências dos sujeitos.

Essa linha metodológica se aproxima da história oral, estudada por Paul Thompson (1992) que considera as evidências orais como mais criativas e positivas, já que se pode escolher a quem entrevistar e sobre o que falar (as entrevistas permitem um contato mais íntimo).

Não pretendemos chegar a uma caracterização rigorosa, mas reunir aspectos comuns referentes à história dos sujeitos pesquisados. Compreendemos que, pela Teoria Histórico-Cultural, esses sujeitos são afetados pelas influências do contexto e queremos retomar ainda que parcialmente e somente por meio das representações dos pantaneiros pesquisados o significado das experiências na vida de cada um deles. O interesse está em

compreender suas visões, interpretações, concepções e lembranças, no que foi lembrado por ele, o que foi significativo no seu modo de entender. Fica o que tem significado, Bosi (1994) já nos disse isso em seu "Memória e Sociedade, lembranças de velhos".

3.1.2 Na voz dos sujeitos

Nome e Origem

Eu nasci no Pantanal
 Na fazenda Paraízo
 Eu nasci de 7 meses
 Nem gosto de lembrar
 De menino fiquei homem
 Comecei a trabalhar
 Montei em cavalo bravo
 Para poder ganhar o pão
 Uma ora eu montado
 Outra ora eu no chão
 Não sei meu nome direito
 Não sei se fui batizado
 Me chamam de Chumbo Grosso
 Nome que eu tenho aceitado
 (Chumbo Grosso¹³)

Era solicitado que os sujeitos respondessem a entrevista, mas, paralelamente, fizemos também um roteiro com a finalidade de organizar os dados e complementar as análises, a partir de tópicos, caso os sujeitos deixassem de responder pontos importantes para a pesquisa.

Foram entrevistados 10 (dez) sujeitos, sendo 5 fazendeiros, 1 peão, 1 praieiro, 1 cozinheira, 1 capataz e 1 mascate pantaneiro, produtores rurais ou empregados que conviveram com os mascates, utilizaram os seus serviços ou participaram de suas vidas e de seu trabalho.

¹³Chumbo Grosso é mascate, não alfabetizado. Gosta de fazer versos. Sua sobrinha redige, em letra de forma, para ele as coisas que cria.

A escolha dos sujeitos deveu-se ao critério de coletar dados em diferentes realidades e pessoas mais velhas que tivessem coisas para contar. Para preservar a identidade dos sujeitos, eles estão nomeados por pseudônimos.

A caracterização dos sujeitos encontra-se no quadro a seguir:

Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos pesquisados

Sujeito	Sexo	Idade	Atividade	Mascate	Fazenda
Má	Fem	70	Fazendeira	Gamarra	Baía das Pedras
Jô	Masc	75	Fazendeiro	Anastácio	Sta Cruz
Gê	Masc	81	Fazendeiro	Nhozinho	S. Gabriel
Nê	Masc	68	Fazendeiro	Alexandre	2 irmãos
Mô	Fem	67	Fazendeira	Gilson/Maurício	Centenário
Dê	Fem	50	Cozinheira	Mané Ambrózio	Porto Alegre
Zô	Masc	53	Peão	Mané Crispim	Porto Alegre
Eli	Masc	60	Capataz	Cabeludo	Paraíso
Eni	Masc	50	Praieiro	Domingão	Paraíso
Chumbo Grosso	Masc	75	Mascate	Chumbo Grosso	Paraíso

Organização: MEDEIROS, 2012

O grupo de sujeitos é formado por mulheres e homens, fazendeiros ou não, com fazendas na Nhecolândia e residindo em Campo Grande e Corumbá. Passaram grande parte de suas vidas na fazenda, quando conviveram bem de perto com os mascates, menos Mô que nunca residiu na fazenda. Todos escolarizados, com exceção do mascate Chumbo Grosso.

Trabalhamos com as entrevistas/memórias das pessoas, e espaços referentes às suas experiências ou vivências em algum momento especial, situações realizadas nas fazendas, em casa, no trabalho – o mascate foi uma de suas memórias especiais. Escutando as memórias dos sujeitos, pudemos observar as suas ideias a respeito das coisas, da vida. As memórias contidas nas respostas nos fizeram transitar pelo tempo presente e passado, com suas ideologias, preconceitos, representações das práticas vividas.

A memória é o componente essencial da entrevista e, por meio dela, é possível recriar com maior amplitude as experiências vividas. Por meio do processo de rememoração podemos clarear as situações e as experiências vividas pelos sujeitos e por eles reelaboradas.

Durante a pesquisa, as memórias foram sendo construídas na relação do pesquisador com o sujeito entrevistado com a preocupação de não perder de vista o objetivo proposto, já que os sujeitos divagavam constantemente.

Algumas questões chamaram a nossa atenção nesse momento:

- observar a questão de gênero na construção dessas memórias;
- observar como, a atividade do homem e da mulher, podem interferir na construção das memórias.

As respostas de cada um deles, embora apresentem dados semelhantes, são únicas em relação às experiências e à forma como cada um se apropria delas e do significado das vivências em um determinado contexto. A atividade de contar exige esforço, pois a pessoa tem que rememorar suas vivências e por isso, o processo rememorativo não é linear.

Quando queremos reconstruir a experiência contada pelo sujeito, temos que ficar atentos à forma como ele faz o seu relato e a sua participação nas experiências.

Bosi (1994) trabalha com memória de velhos e entende a memória como trabalho, a questão de rememorar para ela, é um processo que exige esforço e dedicação, pois a pessoa recria a experiência em tempo presente. “Nos primeiros anos na fazenda São Gabriel, antiga fazenda Palmares, Sr. Nhozinho chegava de carro de boi toldado, vindo de Corumbá, lugar de onde trazia suas mercadorias e percorria cerca de 20 km por dia até chegar na primeira fazenda” (Gê, 81a).

Analisando as respostas dos sujeitos selecionados, chegamos a alguns episódios, por meio dos quais pretendemos retomar a história da atividade dos mascates.

3.2 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS ACHADOS

“Alô, Alô, pantanal, Domingão está chegando! Trazendo novidades, Fazenda Paraíso, dia 20, segunda-feira, venham todos, venham todos!” (Mascate Domingão)¹⁴

Essa era a frase com que o mascate Domingão anunciava a sua chegada nas fazendas.

O mascate Cabeludo também tinha o seu jargão:

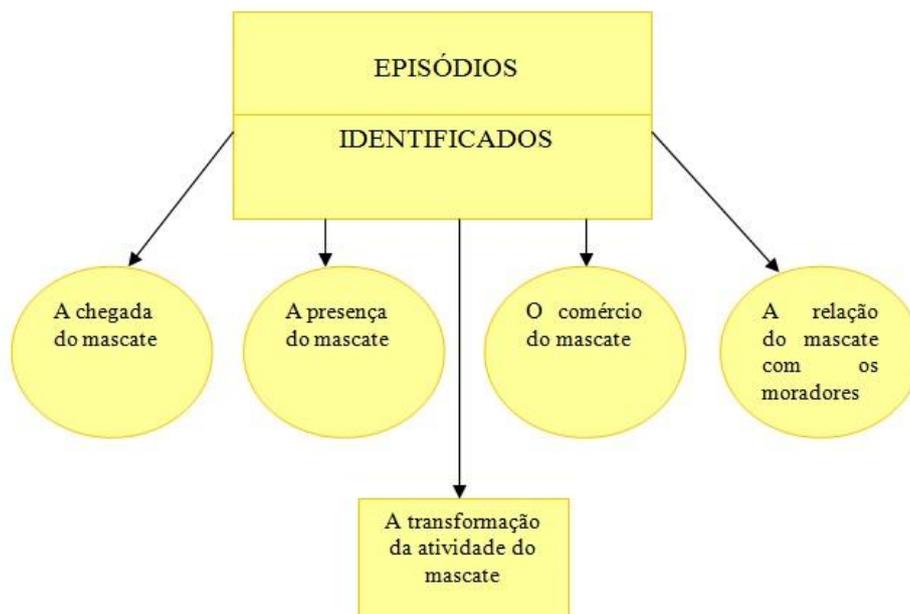
“Comadre, Compadre, corram, chegou o Cabeludo trazendo quase tudo!”

¹⁴ Alguns mascates utilizavam o Programa Alô, Alô, Pantanal para anunciar a sua chegada nas Fazendas.

A retomada da atividade do sujeito mascate a partir das memórias dos sujeitos indicaram cinco episódios que evidenciam a sua trajetória no período estudado, revelando tratar-se de uma atividade responsável pela sobrevivência material/espiritual do homem pantaneiro naqueles confins de mundo. Não se trata apenas de uma atividade alegre e colorida como os sujeitos indicaram, mas de uma atividade essencial para que a vida seguisse o seu rumo de uma forma menos cruel.

No Diagrama abaixo, colocamos os cinco episódios que pudemos retirar da análise das Entrevistas

Diagrama 1 - Episódios Identificados



Organização: MEDEIROS, 2012

1º Episódio- A chegada dos mascates

Proença (2009) discorre sobre os mascates e as longas viagens em carros de boi, como já dissemos, que rangendo rodas e peças que pareciam desconjuntadas, debaixo de sol, de chuva e de temporais violentos, prestaram inúmeros serviços às fazendas do Pantanal. “Nê relata que quando arrendou a fazenda Dois Irmãos, há trinta anos atrás, conheceu e teve contato com um mascate de nome Alexandre que andava num carro de boi vindo de Corumbá, percorrendo as fazendas, com muito sacrifício, por causa das péssimas condições” (Nê, 68 a).

Para Rubinstein (1977, p. 27), “toda atuação objetiva do homem é um ato de relação com os seus semelhantes, na qual para o sujeito atuante, não só se abre o mundo objetivo, onde está implicada a atuação, como também o conteúdo de uma vida social, compreendida nessa atuação e que a determina”. “Quando ele chegava era uma festa...todas as

crianças da fazenda corriam para vê-lo, inclusive as minhas três filhas que eram crianças naquela época, para ver as novidades que o Gamarra trazia...e lá ia todo mundo atrás do Gamarra” ... (Má 70 a).

Anastácio sentia muita dificuldade para chegar nas fazendas, só viajava no período de seca, e muitas vezes, ficava uns 04 meses sem aparecer, às vezes também carregava seu filho mais velho, um meninote de 17 anos, para ajudá-lo na difícil tarefa de atravessar as bitolas arenosas do pantanal com o carro pesado, atolando sempre e tendo que descer, tirar um pouco de areia com a pá, para seguir em frente. (Jô, 75).

Já existiram secas horríveis no Pantanal que era desprovido de qualquer infraestrutura para o armazenamento de água. Os prejuízos eram enormes e as rezes morriam de sede.

Leontiev (1978a, p.72) aponta a fundamental importância das emoções e dos sentimentos porque são eles que conduzem a atividade, em forma de motivos, marcando com características muito próprias a individualidade humana.

Pudemos observar nas memórias dos entrevistados, que o mascate quebrava a rotina diária, com a sua chegada. Os carros de boi iam abarrotados de mercadorias que faziam a alegria das pessoas solitárias naqueles ermos. A chegada do carro de boi do mascate era o grande acontecimento nas fazendas¹⁵

O mascate Anastácio era tão aguardado por todos que lá viviam, que na sua chegada havia uma verdadeira festa, tanto os homens quanto as mulheres se preparavam, colocavam sempre a sua melhor roupa para recebê-lo.

Por isso entendemos que entrevista é muito importante para a História Oral, pois, as coisas vividas, os fatos acontecidos, para serem revelados, têm que ser contados e aí é que podemos dizer que eles se constituem no momento da resposta do entrevistado. “O que ficou guardado na memória de Gê e sua esposa Sueli, foi a correria de todos na fazenda rumo ao carro de boi de Nhozinho Freire, assim que o mesmo despontava na porteira”. “O mascate Anastácio saía sempre de Aquidauana, carregado (era lá que ele abastecia seu carro de boi) e seguia um roteiro de fazenda em fazenda, passando primeiro pela fazenda Retirinho, depois Boa vista, Centenário, Barra Mansa até chegar em Santa Cruz” (Jô, 75a).

¹⁵ O isolamento provocado pela imensidão do território pantaneiro concretiza-se na dificuldade de comunicação entre seus habitantes que dispersos ao longo de fazendas e povoados acabam distantes dos centros urbanos. A busca por soluções que vencessem esses obstáculos teve na implantação de programas radiofônicos um excelente meio de comunicação a conectar a cidade ao campo, transmitindo os mais diversos recados ao longo de programações diárias. Onde houver um rádio a mensagem será captada e repassada por alguém que esteja ouvindo. Daí a frase utilizada pelos locutores: “Quem ouvir, favor avisar”, fazendo chegar notícias aos mais isolados vilarejos de Mato Grosso do Sul.

Para Bosi (1994), fica presente a importância do tempo na lembrança, pois, enquanto evoca, o sujeito se esforça e vive com intensidade a nova experiência. “Nhozinho trazia, mais que mercadorias, trazia esperança, colorido, diversão, movimento, distração àquele mundão quente e tão igual!” (Gê, 81a).

Bosi (1994) pontua, como já foi dito, que o primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento são acontecimentos que dividem a nossa vida em períodos, sendo marcos para sustentar as nossas memórias “às vezes chegava no dia da ‘solta’ - festa típica quando se mata o boi e é oferecido a todos o seu testículo depois de assado - com muita cantoria”. (Ma, 70a).

O mascate Alexandre vendia de tudo (linha, agulha, arroz, lençol, cobertor, roupa de cama em geral. Chegava na fazenda e ficava por três dias, até satisfazer a todos com seus produtos. Alexandre era um moço bem apessoado, tocador de violão e cavaquinho. Gostava muito de ensinar os peões a tocar. Era a melhor coisa que havia por aquelas bandas. A chegada de Alexandre trazia alegria e a certeza do bailão da fazenda. Sempre que chegava, além de trazer novidades, trazia boa música. (Nê, 68a).

Queiroz (1987) pontua, a respeito de pesquisas quantitativas que, os valores, as emoções permaneciam escondidos nos dados estatísticos e, os números, então, perdiam a sua auréola de objetividade já que, ocultos, pareciam inexistentes, e retoma a importância da história de vida “Ele sempre chegava tocando um berrante, todos corriam em sua direção, ansiosos pelas novidades” . (Jô, 75 a).

O sujeito também acaba interiorizando, as características reproduzidas pelas pessoas com as quais convive, e conforme a maneira como interiorizam, elas poderão inibir o desenvolvimento da atividade, atribuir falsos significados à atividade, fragmentar a afetividade, ou não. “A chegada dos mascates ainda causa alegria, expectativa e felicidade nos lugares distantes. Só que atualmente, eles chegam em caminhão-furgão fechado. O pessoal se delicia com o colorido das estampas e com as novidades. (Mô, 67a).

A cozinheira Dê (50a) informa também a respeito de Mané Ambrósio, que visitava a fazenda levando mercadorias:

Embora Mané Ambrósio vendesse suas mercadorias por um preço bem salgado, muito acima do que era vendido no comércio de Corumbá, ainda assim valia a pena comprar, porque eu era acostumada a ficar na fazenda, não me sentia bem na cidade, não gostava de sair para fazer compras, gostava muito que as compras viessem até nós e não, ao contrário.

Mané Ambrósio como Mané Crispim citados por Zô (53 a) e Dê (50a) burlavam a Lei Seca que deveria ser obedecida por todos os pantaneiros e isso trazia consequências muito sérias para as fazendas “O único inconveniente da chegada do mascate na fazenda é que ele

vendia muita bebida aos peões (pinga) principalmente e por várias vezes, houve confusão, briga, entre eles, pelo excesso de álcool” (Dê, 50 a).

Relacionava-se muito bem com os moradores da fazenda, exceto com os proprietários da mesma, pois como a maioria dos mascates que passavam naquela região, sempre vendia bebida alcoólica, burlando a lei, o que causava transtornos nas fazendas, gerando brigas e arruaças (Zô, 53a).

A emoção foi, portanto, um elemento importante no processo de constituição da identidade dos mascates, pois, em suas andanças, ele convivia muito perto das famílias e numa convivência nem sempre feliz.

A identidade, a princípio, assume a forma de um nome (Gamarra) para ir adotando em seu processo de desenvolvimento outros papéis (mascate, marido, rádio-notícias, etc), mas, a forma que melhor a explica em sua generalidade é a “personagem”. (CIAMPA, 1998)

Vigotski (1996) trabalha com a ideia da reelaboração, pelo sujeito, dos significados que lhe são transmitidos pelo grupo social, e assim a consciência individual é um elemento fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Nesse caso, por exemplo, novos conceitos podem ir gradualmente transformando os conceitos que o sujeito já tem e organizando-os num sistema que leva a um nível maior de desenvolvimento. As generalizações vão provocando mudanças nas operações intelectuais. O sujeito passa a perceber que o signo não é fixo, nem imutável e que adquire vários sentidos em momentos e espaços diferenciados. (VIGOTSKI, LURIA, 1996)

Entendemos a aquisição de conhecimento pelo mascate, como uma apropriação das significações da atividade e, nesta abordagem, a constituição do sujeito, no contexto rural, pode ser entendida também como um saber adquirido no próprio trabalho. Essa questão fica mais clara quando aparece a mediação exercida pelas suas tarefas.

O sujeito-mascate (a personagem Gamarra) pode ser capaz de criar e recriar através da atividade, e não reproduzir meramente o significado que lhe foi transmitido, passa a ser capaz de fazer uma síntese, elaborar o seu próprio pensamento, planejar sua atividade. Por isso ele foi capaz de ressignificar a sua atividade.

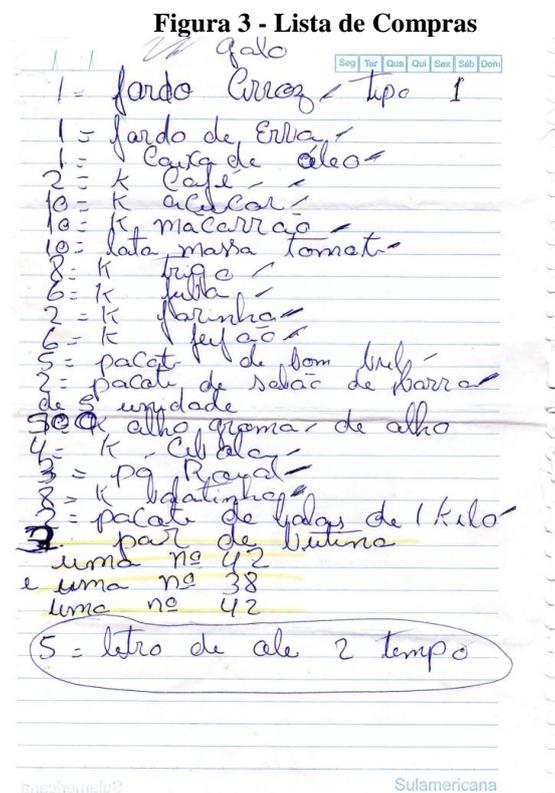
Consideramos que o grau de desenvolvimento cultural de uma pessoa expressa-se não só pelo conhecimento por ela adquirido, mas também pela sua capacidade de usar objetos em seu mundo externo e, acima de tudo, usar racionalmente seus próprios processos psicológicos. A cultura e o meio ambiente refazem uma pessoa não apenas por lhe oferecer determinados conhecimentos, mas pela transformação da própria estrutura de seus processos psicológicos, pelo desenvolvimento nela de determinadas técnicas para usar suas próprias capacidades. O talento cultural significa antes de mais nada usar racionalmente as capacidades de que é dotado, ainda que sejam médias ou inferiores para alcançar o tipo de resultados que uma

pessoa não desenvolvida só pode alcançar com ajuda de capacidades naturais consideravelmente mais fortes. (VYGOTSKY, 1996, p.237).

O movimento feito pelos mascates embora narrados por fragmentos de sua trajetória nos mostra tanto o processo de constituir-se mascate, como o caminho que a sua atividade pôde tomar.

A cozinheira Dê mostra uma lista de encomendas feita a Mané Ambrózio, que ela achou no meio de seus guardados.

As encomendas da fazenda sempre giravam em torno desses produtos. Não haviam no pantanal grandes plantações. O que sempre víamos era pomar, horta e mandiocal, em volta da sede, o resto dos produtos para a subsistência era encomendado aos mascates, como podemos ver na lista de compras da cozinheira Dê.



Organização: MEDEIROS, 2012

2º Episódio - A presença dos mascates

Recordo-me que nos anos de 1975/1980 era muito comum haver algum movimento, no final de semana, como bailes, corridas de cavalo, festas como: São Sebastião, Sr. Divino, e estas festas eram relatadas para o mascate que anotava tudo em uma caderneta, depois que chegava em Corumbá relatava o que acontecia nas fazendas, para um senhor (não me recorda o nome) que gostava muito de escrever, e assim era feito um pequeno jornal, naquela época era escrito de próprio punho, sobre quem estava presente

nestas festas, quem ganhava as corridas, quem dançava melhor, qual casal era o mais animado (Gê, 81a).

As grandes festas que celebravam os santos nas fazendas do Pantanal duravam vários dias e começavam pelo quebra-torto (café da manhã) e iam até o dia amanhecer, acompanhadas de churrasco, mandioca, tereré e bailes. Participavam todos os moradores das fazendas vizinhas que chegavam de carro de bois trazendo toda a família e suas redes que iam sendo armadas na varanda da fazenda e só voltavam quando a festa se acabava. Essas festas ficaram famosas e se tornaram uma tradição que está se acabando. Poucas são as fazendas que ainda mantêm a tradição desses festejos.

De todos os santos, São Sebastião era o mais festejado por ser o padroeiro dos criadores, o protetor contra as doenças e a guerra. As festas da fazenda Firme ficaram famosas, pois, reuniam também pessoas da cidade, além dos moradores das fazendas vizinhas. Como vinham também padres e mascates era o momento em que as famílias aproveitavam para fazer batizados, casamentos religiosos, bênçãos e novenas durante a festa.

Barros (1998) lembra seu Dé, cantador de Cururu, o mais famoso festeiro da Nhecolândia, sempre bem recebido nas fazendas com sua bandeira vermelha de São Sebastião, observando que as grandes festas desapareceram, permanecendo as pequenas, promovidas na fazenda com convidados restritos ou promovidas pelos próprios vaqueiros. “Era a melhor coisa que havia por aquelas bandas a chegada de Alexandre! Trazia alegria. A certeza de bailão na fazenda! Sempre que chegava, além de trazer novidades de todo tipo, trazia também boa música” . (Nê, 68a).

“Encostava seu carro de boi na maior árvore que avistava e lá estendia sua lona, apinhada de todo tipo de material” . (Jô, 75 a).

Pensamos em quanto o trabalho era importante para Alexandre , pois, Nê e sua esposa recordam com carinho de Alexandre, uma vez que sua chegada era uma festa sem igual! Alexandre continua na memória de todos aqueles que viveram naquela época, conheceram sua figura garbosa, apreciaram seus badulaques e desfrutaram de sua cantoria e para os peões da Fazenda 2 Irmãos e, em quanto ele deve ter sido importante para os outros mascates.

o mascate Nhozinho Freire era muito falante, ficava cerca de 05 dias em cada uma das fazendas vendendo e trocando suas mercadorias com todos da fazenda, desde os peões até a família do proprietário”. (Gê,81a).

É que podemos afirmar que em relação à atividade, há que “se saber fazer”; “envolver-se emocionalmente” e “comprometer-se com a história da atividade”.

Quando Ciampa (1998) fala em Identidade Metamorfose, entendemos que ela não é pré-estabelecida e nem tampouco faz parte da essência das pessoas, mas que é uma construção que se dá dentro de um grupo, (sociedade) por meio do fazer cotidiano.

O pessoal da fazenda se delicia frente ao colorido das estampas e das novidades ,as pessoas olham com curiosidade, escolhem e sonham. Para a felicidade geral podem comprar de uma ou de outra maneira. Os mascates ficam na fazenda até que todos façam as suas compras e valorizam os seus produtos. No século XXI, a presença dos mascates causa alegria, expectativa, felicidade, nos lugares mais distantes. (Mô, 67a).

Nesse sentido, o que está em jogo para a atividade dos mascates são os significados atribuídos pelos outros e pelos próprios sujeitos aos fatos e acontecimentos que os envolvem.

Isso tudo dava para o mascate Gamarra, a marca de sua singularidade, (história pessoal) ele era diferente daqueles outros mascates que chegavam, vendiam seus produtos e iam embora. “ Ele ensinava Matemática para os peões, explicando para eles a importância de saber calcular. Como eu costurava, Gamarra trazia para mim, revistas novas com moldes de costura” . (Má, 70 a).

Nhozinho Freire ficava cerca de cinco dias em cada uma das fazendas vendendo e trocando seus produtos com todo mundo da fazenda, desde os peões até a família do proprietário. Sempre que os mascates ficavam nas fazendas aconteciam as festas religiosas. Imagine que com o trabalho dele, chegaram a fazer um jornal, e do próprio punho... (Gê, 81 a).

Rubinstein (1977) nos mostra que cada coisa ou objeto criado pelo homem, está implicado nas relações sociais. Assim, o homem vai se relacionando com os outros homens, implicando-se sempre nas relações humanas. Os atos dos homens e a sua atividade não significam só a modificação do mundo ou um impulso para a criação de outros objetos, mas também uma relação social no sentido estrito da palavra. A atividade não significa só um ato externo, mas também uma posição em relação aos outros homens e à sociedade que o homem sustenta mediante o seu caráter, que se manifesta e forma pela atividade.

Os moradores faziam encomendas para os mascates.

Documento cedido por Gê, 81a, guardado por muito tempo dentro de um caderno de controle de gastos.

Figura 4 – Lista 1 de encomendas para o mascate

MARÇO/02 - Vardes.

30 k de Alho (Vardes) Albuquerque

10 Pacote de macarrão

10 Pacote de feijão

1 pacote de Trigo

10 k de Arroz

10 litro de óleo

5 k de Erva

8 lata de molho de tomate

5 pacote de Bobbi

10 Pacote de Sabão

1 caixa de Sabão infó

1 litro de Quilava

5 Bonete

(3) Taba de Tefel Pousada*

8 Pacote de Papel higiênico

10 Prestobarba

2 litro Puro Sal

500 g Alho

2 k de Cebola

3 isqueto

1 Pacote de cigarro (FOX)

1 Vozora de Pêlo

Organização: MEDEIROS, 2012

As listas mal escritas eram entregues ao mascate para que ele trouxesse os produtos que não existiam na fazenda. Na sua volta, o mascate trazia as encomendas mais aqueles outros produtos que satisfaziam a esperança das pessoas ficarem mais bonitas e mais felizes.

Documento cedido por Má, 70a, para ser entregue ao mascate Gamarra

Figura 5 - Lista 2 de encomendas para o mascate

Data

3. Creme d leite.

3. Leite Condensado.

2. lata milho Verde.

2. lata d amido.

2. pacote d Coca. Palado.

1. ex d Sulo. Variado.

1. Vd d Açúcar.

2. Vd d Açúcar.

4. pacote d 8. Unidade - personal.

1. Vd dióxido de titânio. gato infantil.

1. dióxido de titânio. grande.

1. ~~propranolol~~ ~~degestão de gástrico~~

1. Calcitonin B 12.

1. Clorazepate. estermis - antialérgico.

1. domipem ~~anticoagulante~~ ~~anticoagulante~~

1. E.N.O. um vidro grande.

1 ex de melgadina para dor de cabeça

Organização: MEDEIROS, 2012

Nesta lista, ao lado dos produtos, aparece o pedido de remédio, isto porque existia o mascate para trazer.

O pantaneiro sempre usou e abusou das plantas medicinais para se aliviar das dores de barriga, cabeça e até de doenças brabas e de enxaquecas.

Proença (1997) observa que, a farmácia do mato é muito rica. Por influência da cultura indígena, o homem do pantanal mantém um relacionamento amistoso com as ervas medicinais, não se esquece de uma casca de angico ou de barbatimão para fazer sarar cortes e feridas. Um chá de fedegoso, um xarope de jatobá para tosse.

3º Episódio - O comércio dos mascates

Um elemento relevante era que o Gamarra levava a mulher, e esse não era um fato comum entre os mascates. As enormes distâncias e um lugar tão longínquo, fizeram com que o mascate Gamarra reinventasse a sua atividade. Por ali ele ficava três, quatro, cinco dias, até satisfazer os peões, festejar, descansar e partir para outra fazenda.

O fato de levar a sua mulher que o ajudava na venda dos produtos, trouxe a mulher pantaneira que vivia, dentro das casas de sapé ajudando o marido, para um espaço do mercado de trabalho. Ela via o produto de seu trabalho. A mesma atividade que fazia a mulher ficar dentro de casa esperando o mascate chegar para trazer os produtos que ela precisava para viver em seu espaço doméstico (cumprir seu papel) era a atividade que propiciava para ela viver um outro papel (viver seu papel de comerciante) ajudando na renda familiar.

“Demorava cerca de três a quatro dias em cada fazenda, trabalhava muitas vezes na base de troca, o escambo era muito comum naquela época, assim deixava suas mercadorias na fazenda e levava de lá couro, crina de cavalo, cola de gado (rabo de boi), carne”. (Jô, 75 a).

Em seu carro de boi havia de tudo um pouco: remédios, maquiagem, lampião a querosene (lâmpião morcego), linha, agulha, livros de história, lápis, caderno, borracha, cigarro, mantimento, perfume, brinquedo para as crianças. A única coisa que era proibido levar para as fazendas era bebida alcoólica. (Jô, 75a).

A “Lei Seca” foi uma medida tomada pelo Sindicato dos Criadores de Corumbá, proibindo o uso de bebida alcoólicas na Nhecolândia. “Que cada um dos habitantes da zona se compenetre do papel indeclinável que lhe cabe nesta guerra incessante ao álcool, que deve ser combatido como as mais terríveis pestes que assolam a humanidade”, assinada pelo Dr. José Fragelli, Presidente. Só que a lei foi muitas vezes desrespeitada, como bem se recorda a cozinheira Dê: “Mané Ambrózio relacionava-se muito bem com os moradores da fazenda, exceto com os proprietários da mesma, pois como a maioria dos mascates que passavam naquela região, sempre vendia bebida alcoólica, burlando a lei, o que causava transtornos nas fazendas, gerando brigas e arruaças” .

“Cabeludo, era um ótimo mascate, trazia além das compras, alegria, festas, mas, trazia também bebida, burlando a lei, e esse foi um dos motivos para os mascates desaparecerem do Pantanal” (Eli, 50 a).

Normalmente o mascate recebia o dinheiro diretamente do proprietário da fazenda, que anotava o que cada peão comprava e depois descontava do salário. “Mas, Jô conta que impunham limite para cada um gastar” .(Jô, 75 a).

Às vezes também os proprietários das fazendas davam uma nota de crédito para o mascate trocar na cidade mais próxima, que era normalmente, Aquidauana ou Corumbá.

O mascate levava em seu carro de boi e depois em sua caminhonete as mais diversas mercadorias como: fumo, mantimentos (arroz, feijão, farinha), linha, maquiagem, espelho, perfume, livros didáticos, etc. .Recordo-me que havia um acordo entre os fazendeiros de não permitir que os mascates comercializassem bebida alcoólica, naquela região. Nhozinho estava acompanhado de um ajudante e costumava trocar suas mercadorias por galinha, peixe seco, às vezes por novilha, etc. O pagamento, quando em dinheiro, era sempre feito pelo proprietário da fazenda, ou às vezes, o mascate pegava uma nota de crédito com ele, para trocar em Corumbá. As fazendas eram longe uma das outras, o mascate normalmente ficava com seu ajudante acampado na fazenda até vender sua mercadoria, enquanto isso prestava algum serviço ao proprietário, como amansar burro bravo, procurar boi baguá, ajudar a peonada na carneada, etc. (Gê, 81a).

Um dos problemas sérios do comércio dos mascates na Nhecolândia foi a venda de bebida alcoólica, que era proibida por lei (a Lei Seca), como já enfatizamos e os mascates teimavam em burlar. A bebida atrapalhava o serviço, foi responsável por brigas e assassinatos nas fazendas, desestruturava o relacionamento entre patrão e empregado e que acabou banindo com a figura do mascate das fazendas por um bom tempo.

Atualmente, o mascate continua fazendo o seu comércio, mas de uma forma diferenciada

Não existem mais carros de boi ou carroças cruzando as picadas abertas do desconhecido. Atualmente eles chegam em caminhões furgões fechados com grande quantidade de mercadorias. São geralmente materiais de cama .mesa e banho, lençol, fronhas, colchas, cobertores , toalhas de mesa e banho. Trazem colchões , travesseiros e até jogos de panela. As pessoas que não costumam ir à cidade se deliciam com as estampas e as novidades. Elas têm possibilidade de dividir em até seis vezes que cabe no seu orçamento. (Mô, 67a).

Documento cedido por Mô, 67 a, em 2011 (Caderno de contas de 2011), a seguir:

Figura 6 - Lista 3 de encomendas para o mascate

Luis mendes
 02K- Cerveja mate Santo lencin
 01- Pacote de papel Higienico
 com 4 volume
 06- Refrigerante 2 coca-cola
 2 fanta 2 guaraná
 lencinico de 2 litros
 3- Sabonete Dove
 2- pasta de dente
 02- Pilhas grande
 01- Escova de dente
 Escova
 2K - Salame /
 02- Lata mate de la /

Organização: MEDEIROS, 2012

Nesta lista, o capataz procura manter a ortografia oficial, mas, os produtos são os mesmos que ele encomenda. Já exige marcas e seu pedido é mais sofisticado.

O comércio que era feito na base da permuta: carne seca, couros de onça e outros animais, queijo, em troca dos produtos do mascate, mudou; se acontecesse algum imprevisto, a viagem era a cavalo, com a bagagem em carro de boi até o porto da Manga, à margem esquerda do rio Paraguai. Daí, em canoas à força de remos ou de zingas, por três dias de navegação até Corumbá, onde os produtos eram trocados.

Hoje, com o progresso, o mascate continua vendendo – deixa a mercadoria e divide o preço em duas ou três prestações que volta para buscar, na época certa de receber o pagamento. A negociação é feita no bom estilo do mercado capitalista.

A prática social do mascate perdurou por todo o tempo e existe até os dias de hoje. Em canoas, batelão ou chalanas levavam semanas subindo o rio Paraguai e servindo às fazendas que se abasteciam dos artigos indispensáveis à vida rude que os pantaneiros levavam.

As fazendas próximas a Corumbá, as quais são cercadas e subdivididas a arame liso ou farpado; as outras fazendas dos pantanais do rio Taquari para cima são todas abertas e vastas e o gado de um fazendeiro se mistura com o do vizinho. O trabalho então é mais complicado, os vaqueiros levam dias no campo e quando voltam, trazem manadas de vários donos. No curral são as reses apartadas e cada dono recebe e toca o seu. O bezerro já grande cuja mãe se ignora, pertence ao dono do campo onde se trabalha. Para isso é que ele é assinalado ao nascer, pois de outra forma, aos 6 ou 8 meses ou um ano ele apartaria da vaca, ignorando-se então o seu dono. Nessas fazendas abertas o trabalho é insano e demanda muita criatividade, havendo também outros inconvenientes, inclusive o de ocupar maior número de pessoal e de montados. (MACIEL, 1922, p. 10).

4º Episódio - A relação dos mascates com os fazendeiros

O mais interessante neste mascate era que ele era um contador de histórias. Conhecia todas as fábulas, mitos e contos pantaneiros. À noite todos da fazenda se reuniam para escutar suas histórias, principalmente as crianças, que ficavam vidradas e com medo do que ele tinha para contar. O primeiro encontro das crianças pantaneiras com as histórias inaugurou-se com Anastácio. Os contos do mascate começaram a fazer um estranho e novo sentido para aquela população que vivia tão longe de tudo! À medida que contava, gesticulava muito, fazendo os objetos ganharem vida. (Jô, 75 a).

Sabemos que contar histórias estimula o hábito da leitura, a criatividade, contribui para expandir o vocabulário, despertar a memória auditiva e visual, imprescindível para a formação de crianças e jovens. Ao se apropriar das histórias, o contador cria e amplia o universo particular de cada ouvinte, transformando o ato de ouvir histórias em algo fascinante e inesquecível.

Corumbá é uma cidade rica
 Que eu quero me lembrar
 Faz divisa com a Bolívia
 E também com o pantanal
 Tem um lindo rio Paraguai
 Uma água abençoada
 Que deus deixou para mostrar
 Quando eu entro no jardim
 Meu coração bate forte
 Dá vontade de chorar
 Para ver a imagem daqueles heróis que já foram
 E nunca mais vão voltar
 Lutaram e brigaram muito pela terra abençoada
 Que deus deixou para nós andar
 Deu o 17º BC uma autoridade grande
 Que nós temos que respeitar
 O quartel está na beira do rio
 A estrela de Corumbá. (Versos de Chumbo Grosso¹⁶).

¹⁶O Mascate Chumbo Grosso, embora não alfabetizado, gostava de fazer versos e pedia para uma sobrinha escrever.

O simples ato de contar uma história pode elevar os sentidos e incentivar muitos a progredirem no despertar para a literatura e na formação para a educação. Anastácio fazia isso como uma brincadeira e diversão com os peões.

Anastácio contava que gostava muito de ler! E que de tanto ler, resolveu sair mundo afora, contando histórias E que quanto mais lia, mais contava, num círculo infinito de dar e receber. Jô lembra muito do mascate relatar a história do lobo guará que vivia sozinho e morto de fome, atrás da primeira presa fácil que encontrasse para dar o seu bote. Gostava também de contar suas aventuras nas caminhadas que fazia, trabalhando. Já tinha lutado com onça parda, corrido de queixada, atolado e encontrado “boca de sapo” dentro de corixo. Gostava de fazer caretas e mudar a voz enquanto contava aguçando a imaginação das crianças, que o escutavam sem piscar os olhos! Eram histórias que muitas vezes ele criava, mas eram temperadas com as suas aventuras, alegrias e aprendizados, que eram também pedaços de seus sonhos! Assim eram as noites do mascate por lá, com churrasco, cantoria e histórias (Jô,75a).

Rubinstein (1977) aponta o laço afetivo que se estabelece por meio da atividade, entre o homem e seu entorno, numa relação significativa

O significado da atividade consiste também em que nesta e por ela se estabeleça um laço ativo entre o homem e o mundo, por meio do qual a existência representa uma unidade real e uma mútua influência entre o sujeito e o objeto. (RUBINSTEIN, 1977, p.13).

O mascate e sua mulher faziam atividades paralelas que reforçavam o bom relacionamento na fazenda com os empregados

Aprendi a cortar roupa, molde de roupa com Ermelinda, a fazer camisa, short, vestido, a cortar calça. Aprendi a costurar todo tipo de roupa e a partir desse aprendizado, não precisei mais comprar em Corumbá para meu marido e para minhas crianças. Comprava somente o tecido e aviamentos do mascate. Aprendi também com Ermelinda a fazer doce de compota, até sabia fazer mais ou menos, mais Ermelinda ensinou a fazer calda, a não errar o ponto de tirar do fogo, a ajeitar nos vidros de uma maneira bonita, arrumada. Passei a fazer doce de laranja, caju, goiaba, rapadura, queijo Nicola e meu marido ia para a beira do asfalto vender para quem passasse pela estrada, para assim, ganhar um dinheirinho a mais. (Dê, 50a).

Proença (2003) também referenda a ideia

As fazendas do Pantanal eram muito alegres, pois tinha muita gente, os proprietários dividiam pedaços de terras para as pessoas que quisessem morar e trabalhar por conta própria, geralmente em troca de nada e, estas pessoas, iam ficando, constituindo família, tornando-se cada vez mais amiga dos proprietários. Logo já eram compadres, enfim, iam se tornando parte integrante daquela fazenda. (PROENÇA, 2003, p. 138).

O autor aponta também a relação de solidariedade que existiu no pantanal, entre patrão e empregado e que não existe mais.

Como as exigências de consumo eram mínimas, a sobrevivência ia acontecendo e moldando no homem um caráter férreo, forjado no sertão, ao lado de um sentimento de civilidade ímpar devido ao alheamento total de centros populosos, o que trazia entre patrão (dono da terra) e o empregado (dono muitas vezes de parte do gado) aquela solidariedade que nunca mais, talvez, veremos acontecer, aqui no Pantanal nem em outra região qualquer, seja sob este ou aquele regime político. (PROENÇA, 2003, p.137).

Nogueira (2002) aponta que o Pantanal pode ser visto sob duas tendências culturais em oposição: a cultura do proprietário de terras e a cultura do peão e/ou vaqueiro. Originariamente patrão e peão possuíram grau de instrução semelhante o que garantia as mesmas possibilidades culturais. Com o desaparecimento dos fazendeiros mais antigos e o advento das leis Trabalhistas, as relações entre patrão e peão transformaram-se totalmente, ficando este último mais pobre, reduzido tão somente à mão-de-obra de baixo custo, sem as regalias propiciadas antes pelos fazendeiros. São raras as fazendas que ainda abrigam um número razoável de vaqueiros típicos. Em decorrência de fatores econômicos e sociais, os padrões ascenderam a condições de refinamento cultural, assimilaram hábitos da aristocracia rural e passaram a importar costumes das metrópoles.

Segundo Halbwachs (1990), as lembranças são construídas com pontos de referência que as estruturam e ajudam na sua conservação.

O mascate Gamarra era bom de matemática, só fazia contas de cabeça e tentou ensinar alguns peões a fazerem o mesmo. O mascate dizia aos moradores daquela região que era preciso aprender um pouco de matemática, dizia que as contas eram tão necessárias quanto as coisas mais essenciais que precisamos para sobreviver. Estava sempre com um pequeno graveto nas mãos e no pomar da fazenda, no chão, onde tinha muita areia, ensinou os pantaneiros a calcularem. Para se ter sempre dinheiro, era preciso saber calcular, repetia sempre Gamarra. (Má 70a).

Suely esposa de Gê lembra-se, com muito carinho do mascate Nhozinho Freire, que fazia para ela um favor inestimável, para a educação de suas filhas. “Encomendava cartilha ao mascate Nhozinho, para ensinar as primeiras letras para as minhas filhas mais velhas que moravam na fazenda até completarem 7 anos, quando foram para Corumbá internas, fazer o primário”. (Gê, 81a).

As condições objetivas de uma determinada ordem social e relações sociais que nele existem, refletem-se sempre nas motivações da atividade do trabalho, porque o trabalho não só abarca as relações do indivíduo com as coisas, com o objeto, ou seja com o produto do trabalho, como também engloba sempre as relações com as demais pessoas. (RUBINSTEIN, 1977, p. 81).

O mascate Gamarra levava sua própria comida, mas, na fazenda Baía das Pedras, Marina não deixava ninguém cozinhar, gostava de ser uma boa anfitriã! Ela sempre sabia

pelo mascate Gamarra, as coisas novas da cidade, uma vez que o mascate levava jornais e lhe contava o que estava acontecendo na sociedade Aquidauanense e Corumbaense. Má relata ainda que sempre costurou, então encomendava de Gamarra revistas que tivessem moldes, com os últimos lançamentos. (Má,70).

O mascate sempre que ficava na fazenda fazia outras atividades envolvendo-se no trabalho dos peões

Apreendi a fazer com Crispim sola de sapato, chinelo, cinto, alforge Ele ensinava como fazia para curtir o couro, curtia no angico, limpava com cal, punha para secar, botava para bater e passava vidro em cima. Muitos peões foram capazes de melhorar seus arreios, com os ensinamentos de Crispim. Ensinou também alguns peões novatos, sem muita prática, a lidar com boi: a cangá, descangá o boi, amansar, etc . Era um mascate com muita prática no manejo do dia-a-dia de uma fazenda. (Zô, 53 a).

Conforme Rubinstein “A atividade do trabalho não se efetua primordialmente à base da força de atração do próprio processo da atividade, mas pelo resultado, que serve para satisfazer as necessidades humanas”. (RUBINSTEIN, 1977, p.81).

O mascate Alexandre era um excelente músico, sempre ensinava a criançada a tocar um instrumento. Certa vez, o Alexandre chegando na fazenda, foi chamado por uma parteira para ajudar a realizar um parto, já que a parturiente estava muito nervosa e, segundo ela, precisava de escutar uma boa música para se acalmar. E assim foi feito. O mascate ficou tocando até que a parturiente se acalmasse. Logo em seguida, a parteira viu que não tinha mais condições de fazer o parto, pois a moça voltava a ficar nervosa, então o mascate enfrentou mais esta atividade: fez o parto, cortou o umbigo, deu banho, embrulhou o bebê e pôs no colo da mãe. Alexandre entoou um chorinho para o lindo pantaneirinho, diante dos olhos esbugalhados da parteira. (Nê, 68a).

Os mascates tornavam-se pessoas importantes na fazenda, realizando atividades além daquelas para a qual se propunham, um amigo para todas as horas difíceis.

A boa convivência que parecia existir entre os mascates e os moradores das fazendas acabou estragada quando os mascates resolveram comercializar bebidas alcoólicas, desobedecendo a lei Seca. O fato fez com que os proprietários banissem os mascates da Nhicolândia, por um bom espaço de tempo, mudando sua atividade.

Trouxe sérias consequências para o trabalho dos peões, para o seu relacionamento com os patrões para a vida pacata das fazendas.

5º Episódio - A transformação da atividade dos mascates

(Má 70 a) diz que numa fala Gamarra observou : “olha eu gosto de fazer desse jeito, eu demoro mais, a Maria vem comigo, me ajuda com a mercadoria, trago notícias da cidade, levo as notícias de vocês, faço papel de rádio, até ensino Matemática para um peão, mas ele não aprende nada”.

Ser mascate também consiste em se envolver com seu trabalho e tentar mudanças que vão trazer transformações. Gamarra ressignificou a atividade de mascate. Essas mudanças são parte da atividade do mascate no contexto das fazendas, onde elas aconteceram, como também na história da própria atividade do mascate.

Olha, Dona Marina, esses dias eu encontrei o Jamelão nessa bitola que passa atrás da fazenda. Ele ia com o carro lotado de mercadorias ali para os lados da fazenda do Seu Leonel. Me disse que ainda ia fazer a fazenda e partir hoje mesmo, mas parece que vem chuva aí...Jamelão vai passar trabalho se fizer desse jeito que ta falando...O Joaquim já faz o trabalho com eu, mais devagar, aprendeu comigo...aqui, no Pantanal, nós não temo pressa.... (Má, 70a).

Alexandre transformava o contexto da Fazenda 2 Irmãos por meio de sua atividade, mediada por instrumentos materiais e simbólicos. Dessa forma, os peões ao aprenderem tocar violão e cavaquinho apropriavam-se não apenas do fazer, mas de todos os valores que envolviam a atividade do mascate “Alexandre ensinou a todos as notas musicais, cada vez que chagava na fazenda, trazia embaixo do braço uma nova partitura” . (Nê, 68 a).

Alexandre sempre que chegava, além de trazer novidades de todo tipo, trazia também boa música. Era afinado no violão e cavaquinho, tanto que vários peões encomendaram de Alexandre, violão e cavaquinho. Ensinou vários deles a tocar, insistia dizendo que o dom para música, surge, na maioria dos casos naturalmente . Ensinava a todos que a dedicação é a palavra de ordem para que sonho de se tornar um grande músico pudesse se realizar. Assim, toda a peonada da fazenda dois irmãos tinha um instrumento musical, influenciado pelo mascate. Tocar faz bem para a alma repetia sempre o mascate, o violão e o cavaquinho são companheiros que nunca nos abandonam. Quem possui um instrumento nunca está sozinho. (Nê, 68a).

As transformações da atividade do mascate associadas às transformações sociais, econômicas e políticas porque passou a sociedade deram outro contorno à atividade. Agora, ao vender o seu produto, o mascate apropria-se de uma nova forma de inserção social. O mascate resgata o percurso histórico de sua atividade, com as significações apropriadas das experiências realizadas. “Mô relata que hoje em dia, passam na sua fazenda, na época de outubro, dois mascates vendendo os mais variados produtos. Porém já não se fazem mascates como antigamente! Não existem mais carros de bois, ou carroças cruzando as picadas desertas do desconhecido”. (Mô, 67 a).

A chegada dos mascates continua trazendo a mesma alegria de sempre às fazendas e aos moradores, mas o comércio está muito diferente do que era antes.

Hoje, com o progresso, o mascate continua vendendo – deixa a mercadoria e divide o preço em duas ou três prestações que volta para buscar, na época certa de receber o pagamento.

Eles olham com curiosidade, escolhem e sonham. Além de tudo, para a felicidade geral, ainda há a possibilidade de dividir em 06 parcelas, valor esse que sempre cabe no salário recebido mensalmente. Os mascateiros vêm de longe! Lá do norte do Paraná, percorrendo as fazendas que encontram pelo caminho, valorizando seus produtos e fazendo a propaganda boca a boca. Têm até firma constituída: “ENXOVAIS SERRANA DO NORTE”, com logotipo estampado no caminhão, blocos de carnês que são devidamente preenchidos na frente do comprador, com endereço (incluindo CEP), telefone e nome dos vendedores. (Mô, 67a).

No caso destes que passam na fazenda Centenário, o endereço é: Rua Maria de Lourdes Nogari, 105 , CEP 86.490-000, Ribeirão do Pinhal, PR.

“Os vendedores Gilson e Maurício já são velhos conhecidos. Pedem para o empregado não fazer depósitos no caixa eletrônico e observar o dia exato do vencimento do carnê para não pagar juros e ainda observam: “a pontualidade dos pagamentos aumenta e facilita seu crédito”... e todos respeitam religiosamente as instruções recebidas.

Figura 7 - Recibo de pagamento das prestações

CAIXA 104-0				Recibo do Sacado	
PREFERENCIALMENTE NAS CASAS LOTERICAS ATE O VALOR LIMITE				Vencimento: 20/10/2012	
ENXOVAIS SERRANA DO NORTE LTDA ME				Agência / Código de origem: 0405 / 090087-7	
Data documento		Esp. docum.		Nosso número: 24000000029563758-0	
02/09/11		Aceite		(-) Valor do documento: 159,00	
APÓS VENCIMENTO COBRAR JUROS DE 0,2% AO DIA APÓS 45 DIAS O NOME SERÁ INCLuíDO NO SERASA NÃO RECEBER APÓS 90 DIAS				(-) Desconto / Abatimento	
6.0				(-) Outras deduções	
Sacado				(+*) Mora / Multa	
Sacador / Avalista: Laurindo Augusto Sabia				(+*) Outros acréscimos	
				(-) Valor cobrado	
				Código de baixa: Autenticação mecânica	

Organização: MEDEIROS, 2012

Quando o sujeito apropria-se de um fazer, apropria-se também de toda a história e valores da atividade, como Gilson, Maurício, Gamarra, Anastácio que chegaram a ressignificar a sua atividade, imprimindo nela uma marca singular.

Meu capataz, Laurindo Sabiá, tem sempre um carnê novo a cada passagem dos mascates. No Centenário, eles chegam sempre no mês de

outubro, (uma vez por ano) depois de passarem pelas fazendas Campo Alegre, Jacuí, Barranco, Campo Novo, Maringá, Barra Mansa e seguem para a fazenda Primavera e outras que estiverem no caminho. Assim, eles cortam o Pantanal, sem preguiça de, em cada parada (onde ficam normalmente um dia e uma noite), despejarem todo material em cima de uma mesa e depois das escolhas feitas, recolherem tudo de novo e pé na estrada novamente, enfrentando viagens cheias de imprevistos: pneus furados, atoleiros tanto na lama como na areia, embaixo de um sol escaldante e muita poeira. (Mô 67a).

O comércio mudou muito, mas a relação de fraternidade com os moradores pantaneiros continua a mesma “Quando os mascates vão embora, deixam nos empregados uma grande alegria pelas novas coisas obtidas e responsabilidade pelos pagamentos em dia. Mas todos esperam com ansiedade a nova visita a cada mês de outubro”. (Mô, 67a).

Figura 8 - Carnê de pagamento



Organização: MEDEIROS, 2012

Os mascates entregam o carnê para os moradores que deverão fazer os pagamentos todo mês no Banco. Eles repassam ao patrão que é uma forma segura de manter os pagamentos em dia.

A chegada dos mascates continua trazendo a mesma alegria de sempre às fazendas e aos moradores, mesmo que haja, hoje em dia, diferenças na forma de negociação era antes.

Atualmente, eles não levam mais bebida alcoólica, parece que se “acostumaram à obediência da Lei”, porque há punição para os transgressores.

3.2.1 A ATIVIDADE DO MASCATE NOS CINCO EPISÓDIOS IDENTIFICADOS - UMA SÍNTESE

Em relação ao primeiro episódio identificado, **a chegada dos mascates**, todos os sujeitos narram a alegria com que eles eram recebidos nas fazendas, “era a melhor coisa que havia por aquelas bandas a chegada de Alexandre” (Nê, 68a); “na sua chegada havia uma verdadeira festa” (Jô,75a); “a chegada dos mascates ainda causa alegria, expectativa e felicidade”. (Mô, 67a).

Retomando aqui, algumas especificidades desse contexto singular, como o distanciamento dos grandes centros urbanos, o isolamento agravado pela dificuldade de transporte, dificuldades de acesso a muitas fazendas, as grandes cheias alternadas com grandes secas, o vazio de muitas léguas desabitadas, tudo isso trazia para o pantanal aspectos de significativa relevância para a compreensão da sua realidade socioeconômica e cultural. Isso fazia com que a chegada do mascate fosse aguardada e trouxesse alegria para aquele fim de mundo.

Nogueira (2002, p.21) aponta a importância do contexto pantaneiro até na adaptação dos objetos, utensílios e modos de viver trazidos pelos primeiros donos das fazendas

Confinado nesses quase ermos, o pantaneiro transformou-se num criativo improvisador e adaptador de meios capazes de garantir-lhe a supremacia sobre os elementos, através da intervenção pacífica no sistema ecológico, a fim de conciliá-lo às práticas domésticas e às atividades concernentes ao trabalho rural exercido nas fazendas. (NOGUEIRA, 2002 p.21).

O pantaneiro não tinha acesso aos produtos que eram comercializados na Metrópole e, dessa forma, o mascate significou um elemento muito importante em sua vida - eram mercadores ambulantes e vendedores que iam de fazenda em fazenda, levar os seus produtos desafiando todas as dificuldades do contexto. No início, comerciavam apenas objetos de grande necessidade como já foi dito, mas passaram a oferecer tecidos, roupas prontas, miudezas e outros artigos. E, eram esses objetos de grande necessidade – remédios para os seus filhos doentes – quando as ervas medicinais já não faziam efeito, que eram essenciais aos pantaneiros. Sim, os mascates também representaram um fator de fixação das famílias no Pantanal.

O problema sério criado pelos mascates com os fazendeiros foi o comércio de bebidas alcoólicas para serem vendidas para os peões.

As respostas dos entrevistados são muito interessantes para colhemos as histórias de vida, pois envolvem as relações que as pessoas estabelecem com os outros e seus valores éticos e morais. Enquanto falam do mascate, os sujeitos rememoram situações que parecem muito agradáveis de lembrar, relativas aos acontecimentos e às experiências. Sabemos que não estamos reconstruindo toda a trajetória do mascate, mas aspectos do seu percurso que são essenciais para a retomada da sua atividade. Nesse sentido funcionam como instrumentos mediadores para a reconstrução da atividade e como estamos preocupados em falar dos processos educativos gerados nessas atividades, podemos falar de “biografias educativas” ou simplesmente, centrando nas atividades, de “atividades educativas”.

Focalizando as memórias dos sujeitos, pudemos observar as representações das práticas vividas e a preocupação com outras problemáticas que pareciam indicar novos temas e questões.

Anastácio tinha outras tarefas em suas andanças pela fazenda:

Anastácio dizia que gostava muito de ler e que, de tanto ler, resolveu sair pelo mundo contando histórias. Quanto mais lia, mais contava, num círculo infinito de dar e receber. O mascate relatava a história do lobo guará que vivia sozinho e morto de fome, atrás da primeira presa fácil que encontrasse, para dar o seu bote. Gostava também de contar suas aventuras nas caminhadas que fazia, trabalhando. Já tinha lutado com onça parda, corrido de queixada, atolado e encontrado boca-de-sapo, dentro de corixo, aguçando a imaginação das crianças que o escutavam sem piscar os olhos. Eram histórias que muitas vezes ele criava, mas eram temperadas com as caretas que gostava de fazer e mudanças constantes de voz. Gostava de partilhar suas aventuras, alegrias e aprendizados, que eram também pedaços de seus sonhos. (Jô, 75a).

A presença do mascate na fazenda também era uma alegria e ainda continua sendo “Domingão também gosta muito de tocar violão e de dançar e normalmente promove uma festa a cada parada de seu barco. É muito conhecido no pantanal, por ser divertido, alegre, todos ficam ansiosos esperando a festa a cada porto e as novidades trazidas por ele. Embora as mercadorias de Domingão sejam caras, a festa que ele promove a cada chegada, movimentava muito aquela região e deixa sempre um gostinho de quero mais”. (Eni, 50a); “eram muitas histórias e uma convivência muito feliz”. (Jô,75a).

Nos ermos do sertão, longe dos recursos, a presença do mascate era uma situação muito feliz. Além dos produtos que trazia, tão importantes para a sobrevivência daquela gente, às condições básicas do seu sistema ecológico, o mascate era responsável por uma série de atividades educativas relevantes dentro do contexto socioeconômico e cultural da região. Os mascates nas atividades que realizavam, criaram um saber e um fazer, nas diferentes experiências que vivenciaram.

O mascate Mané Ambrózio era muito aguardado por todos da fazenda, pois a gente passava muito tempo sem ir à cidade, ficava sem mantimentos, devido a dificuldade de transporte. Chegava a ficar até 3 anos, sem ir a Corumbá, cidade mais próxima da fazenda onde a gente morava, por isso torcia muito pela chegada do mascate, já que ele trazia e contava novidades. Embora Mané Ambrózio vendesse suas mercadorias por um preço bem salgado, muito acima do que era vendido no comércio de Corumbá, ainda assim valia a pena comprar, porque era acostumada a ficar na fazenda, não me sentia bem na cidade, não gostava de sair para fazer compras, gostava muito que as compras viessem até nós e não, ao contrário. Mané Ambrózio viajava sempre acompanhado de sua mulher, Ermelinda e possuíam uma pequena confecção de roupa em Corumbá, motivo pelo qual sempre vendia preferencialmente, tecidos e aviamentos. (Dê, 50 a).

O processo de apropriação, feito pelos sujeitos, pôde acontecer de forma prática, porque as suas apropriações eram realizadas a partir da atividade, nas suas condições objetivas de vida.

Entendemos a aquisição de conhecimento como a apropriação do significado social das objetivações, realizadas na atividade e, assim, a constituição do sujeito no contexto rural pode ser entendida também como um saber adquirido na prática. Essa questão fica mais clara quando aparece a mediação exercida pelas suas tarefas.

Estudamos em Mitjás (2006) que os processos de apropriação da cultura, infelizmente, são vistos como espaços de transmissão de conhecimentos, de conteúdos acadêmicos necessários para a vida profissional e os sistemas educativos são atrelados a uma concepção de acúmulo de conhecimentos. Nesta concepção, o sujeito do aprender ocupa uma posição passiva, ao que se vê obrigado a cumprir. Essa compreensão de aprendizagem aparece sutilmente em discursos educacionais e não contribui para que se tenha uma nova visão criativa do processo de aprender e não leva a uma perspectiva de incentivar processos de aprendizagem e desenvolvimento reais. Porém, Rey (2003) recupera a ideia que a aprendizagem tem uma dimensão subjetiva envolvida com a ação singular do sujeito que aprende, na qual participam, em forma de sentidos subjetivos, que representam formas em que essa vida se configurou na dimensão subjetiva de cada pessoa. Para o autor, os sentidos subjetivos constituem verdadeiros sistemas motivacionais que permitem representar o envolvimento afetivo do sujeito em uma atividade, não apenas pelo vínculo concreto, mas, como produção de sentidos, resultantes da subjetivação que integram aspectos da história individual, como os diferentes momentos de vida de cada sujeito.

Nesse sentido, a constituição desse sujeito (mascate pantaneiro) traz embutida uma concepção de educação que permeia a sua constituição.

Quando tratamos de contexto rural, é importante falar de educação envolvendo toda uma concepção mais ampla do que entendemos por escolarização. A educação é um processo que colabora na constituição do sujeito e que se dá a partir da apropriação dos bens que a humanidade produziu – nenhum homem nasce pronto, ele se torna sujeito histórico ao se apropriar, por meio dos processos educativos (e não necessariamente escolarizados) dos artefatos culturais. Quando falamos de constituição de sujeitos pantaneiros na atividade, temos que pensar no sentido singular e plural que o cenário traz para esses sujeitos que vivem num universo com todas as suas particularidades, riquezas, tradições e formas de educação (fazer o laço, trançar, apartar são formas de educação).

Alves (2009), ao falar sobre a educação de um trabalhador, que viria exercer profunda influência na ocupação e no desenvolvimento da Nhecolândia, pontua o que ele entende por “escola do trabalho” a partir do relato de José de Barros, o pequeno proprietário de terras. A “escola do trabalho” contribuía para ampliar os seus horizontes e a sua formação. Ajudando a conduzir boiadas, conheceu São Luiz de Cáceres e voltou a Cuiabá. Deixando Cocais, em 1882, a família fixou-se em Cáceres, onde Jeje e seu irmão João – o Janjão – “começaram a lidar com negócios e uma chácara nos subúrbios da cidade”. Negociando “com uma pequena taverna, passaram a obter melhor preço” para os gêneros que produziam na chácara. Mesmo assim não tinham “um vintém”. Para economizar descartaram a alternativa de construir uma casa, visando livrar-se, dessa forma, do aluguel. Depois de realizar a compra de um terreno, aprenderam a fabricar adobes. Inicialmente, produziam “cem de tarefa”. Em seguida com maior prática chegavam a fazer “cento e cinquenta adobes por dia”. Essa é “a escola do trabalho”.

É necessário dar importância à atuação do sujeito pantaneiro sobre seu contexto, suas experiências culturais baseadas na relação que ele tem com seu ecossistema, pois, as suas práticas sociais dependem de como ele enxerga e representa o universo natural, que ele cria a partir do seu próprio universo cultural. Quando investigamos esse sujeito que vive na região pantaneira, evidenciamos a educação expressa em seu fazer, e para isso não podemos fugir das formas como esse homem produz a sua existência material.

Alves (2003) aponta ainda que, o critério excludente, acaba por revelar-se cientificamente insuficiente e os trabalhos, quase sempre, ficam sendo manifestações de um regionalismo estreito e estéril. E, esses estudos que caem no regionalismo e em certos estereótipos do senso comum, negam as semelhanças que nos marcam.

O autor Rubinstein (1977) afirma que o trabalho é um processo que integra homem/natureza e orienta-se para a criação de um produto como já foi estudado neste trabalho, mas, ele é o meio mais importante para a criação do sujeito.

Para Nogueira (2002), o problema dos transportes na região está ligado à deficiência das estradas vicinais pantaneiras, nem sempre transitáveis, principalmente no período das cheias. Para deslocar-se de uma fazenda para outra, como também já foi dito anteriormente, o pantaneiro conta, até hoje com as “bitolas” que são sulcos abertos pelas rodas dos antigos carros de bois e hoje seguidos pelos tratores e jipes. Além disso, existem os períodos enchente/estio, dificultando o trânsito pela região. Nesta região pantaneira, os rios sempre serviram como meio de transporte, através das canoas, balsas e batelões, pois até as estradas de chão, em determinadas épocas, escondem-se sob as águas. Esse fato fez com que os mascates demorassem mais nas fazendas e até se prestassem a fazer outras atividades que não eram as de vender os seus produtos “Contavam histórias para as crianças que adoravam a convivência com ele” (Jô, 75a); “Chegaram a fazer um jornal” (Gê, 81a); “Além de trazer novidades, trazia também boa música” (Nê, 68a); “Alexandre chegou a fazer um parto” (Nê, 68a).

O contexto do pantanal fazia também com que o comércio que o mascate realizava se cumprisse apenas duas vezes por ano, ou uma somente, nos lugares mais ermos “os mascates traziam de tudo para os peões comprarem” (Gê, 81a); “o Gamarra além de comerciar os seus produtos, contava o que acontecia na cidade” (Má, 70a); “os mascates vendiam de tudo que os peões precisassem. As compras eram pagas pelo patrão e descontadas em seu salário”. (Jô, 75a).

Atualmente o comércio não é mais assim no pantanal. Em alguns aspectos, parece que não mudou, permanece igual, como na alegria que ainda causa a chegada do mascate num lugar onde não se pode fazer compras e na dificuldade de acesso, embora com melhores condições de transporte. Mas a forma de comerciar é que mudou, com notas, carnês bancários e prazos para pagamento. “Eles cortam o pantanal sem preguiça, e em cada parada, onde ficam normalmente um dia e uma noite, despejam todo o material em cima de uma mesa e depois das escolhas feitas, recolhem tudo de novo e pé na estrada novamente, enfrentando viagens cheias de imprevistos: pneus furados, atoleiros de lama e areia, sol escaldante”. (Mô, 67a).

As respostas dos sujeitos evidenciam, em registros significativos, os desafios de vida desses valentes mascates que enfrentaram muitos perigos de toda espécie, para desempenhar a sua atividade. Não é uma atividade comum, mas uma atividade cheia de riscos e sofrimentos.

A entrevista oral é um procedimento que faz falar, e, dessa forma, não tem uma linearidade. A história vai sendo montada pela pesquisadora, é um quebra-cabeça, e a memória do sujeito funciona como um suporte na reconstrução das experiências vividas.

A relação dos mascates com os moradores parecia não ter problemas sérios. “Tocar faz bem à alma dizia o mascate, o violão e o cavaquinho são instrumentos que nunca nos abandonam” (Nê, 68a); “como a fazenda era muito grande, ele demorava bastante tempo por lá e era uma ocasião cheia de festa, churrasco e cantoria”. (Má, 70 a).

Como no pantanal domina a atividade pastoril, à noite, todos se reúnem no galpão para o que eles chamam de cantoria com a roda do mate chimarrão (herdado dos gaúchos); é um costume, que todas as fazendas têm e sempre existe um tocador e cantador de moda de viola. Com mais um mascate cheio de talentos musicais, é que a cantoria ia noite adentro. “Anastácio era a personagem mais esperada da fazenda. Tanto os homens como as mulheres queriam ver as novidades. Fazia um roteiro para passar de fazenda em fazenda. Carregava o seu filho, um menino de 17 anos para atravessar as bitolas arenosas do pantanal (Jô, 75a).

Os mascates escreviam jornal, contavam histórias para crianças, faziam partos em mulheres que se acalmavam com a sua presença, tudo isso como parte de uma relação amistosa entre mascates e pantaneiros. Ficando nas fazendas mais tempo do que previam pelos fatores do tempo e do solo, os mascates envolviam-se com a vida dos moradores tornando-se pessoas queridas como se fossem da família.

Depois de passar por um tempo desaparecida, em função do comércio de bebidas alcoólicas, a atividade do mascate, está de cara nova, passou por uma transformação.

Cabeludo vendia muito livro e ensinava também às crianças o alfabetário. Levava muitos jornais, que distribuía de graça e insistia para os peões lerem. Entendia muito de mecânica e consertava motor de luz da fazenda, gerador. Ensinou o que pôde de mecânica ao pessoal da Nhecolândia, por onde passava. Conseguiu até fazer um avião Stetsom, com um motor de fusca e decolou com Lucílio Medeiros, seu amigo. O grande problema de Cabeludo era seu freezer, terror dos fazendeiros locais, pois tinha muita bebida. Foi a bebida alcóolica a responsável pelo desaparecimento dos mascates do pantanal. Ele continua sendo a personagem esperada, por causa das compras – os pantaneiros ficam loucos pelas novidades; mas o seu comércio mudou. (Eli 60 a).

Como já foi mostrado, o pagamento é feito por meio de carnê e os mascates costumam fazer uma palestra sobre o “que é ser um bom pagador”, para que não se perca o prazo e nem se pague multa e outras coisas mais. A entrevistada disse que eles obedecem o prazo direitinho e fazem questão disso. Como podemos ver, a atividade do mascate hoje passou por mais essa mudança – ensinar os pantaneiros a lidar com o mercado.

O mascate Cabeludo faz parte de uma leva de mascates que, embora esperados pelos moradores das fazendas, não eram desejados pelos seus proprietários por causa da venda da pinga que prejudicava o trabalho e causava alvoroço nas fazendas.

O desmembramento dos grandes latifúndios, por força dos pais que foram distribuindo as terras para seus herdeiros, o auge da crise pecuária em 1970 que fez com que os velhos fazendeiros vendessem as suas fazendas e mudassem para a cidade, mudou o cenário da região pantaneira. O transporte continua deficitário, ainda contamos com as bitolas para transitar de uma fazenda para outra, as mesmas utilizadas pelos atuais mascates. Alguns meios de transporte do início da colonização, ainda continuam ligando o pantanal à cidade, o rural ao urbano, e sustentando a economia da região. Os patrões e empregados já não têm o mesmo grau de instrução, nem as mesmas condições objetivas de vida.

Nas respostas, as memórias dos sujeitos organizadas em forma de depoimentos, tecem, embora não linearmente, o percurso da atividade do mascate. Foi preciso organizá-las. São fontes valiosas no esforço de reconstruir e compreender os inúmeros aspectos presentes nas histórias individuais dos mascates, em suas atividades e na história da sua atividade.

Rubinstein (1977) aponta que em sua atividade, o sujeito realiza diferentes tarefas que podem não estar vinculadas entre si, mas que são significativas e que fazem parte do sujeito. As tarefas estão determinadas pela motivação. Assim, o mascate realizou diferentes tarefas que transcenderam a sua atividade, mas que foram complementares à sua identidade. São as chamadas “tarefas educativas” que não fazem parte dos conteúdos escolares, mas que fazem parte da Educação.

Este trabalho limita-se a assinalar alguns aspectos da singularidade pantaneira numa perspectiva de valorização desses aspectos, sem esquecer que ela faz parte de uma universalidade, em que a humanidade vive a era do pluralismo.

Abaixo, uma amostra do que o mascate Acelino viu de sua vida.

3.3 A VOZ DO MASCATE : ACELINO EM BUSCA DE SI MESMO - NA VISÃO DA PESQUISADORA

Era uma vez um homem chamado Acelino, conhecido como Chumbo Grosso, que aos 75 anos de idade, não alfabetizado, partiu numa longa viagem em busca de si mesmo. Viajou, andou e encontrou um mascate, nos pantanais da Nhecolândia, onde viveu e praticou a atividade de comercializar os seus produtos. Vendia de tudo, era bem recebido e gostava do que fazia.

Acelino começou a dialogar com ele:

- Por que Chumbo Grosso?

- Foi o apelido que recebi, desde criança por ser gordo e pesado.

- Por que analfabeto?

- Pelas condições em que vivi. Não gostaria de ser analfabeto, mas as condições objetivas de minha vida me deixaram assim. Ninguém é analfabeto porque quer. Essa questão de dizer que as pessoas não estudam porque não querem ou porque são preguiçosas não é verdade, eu não pude estudar, pelas condições de vida aqui do pantanal. Aqui não tinha escola e eu não podia ir para a cidade, mas aprendi muita coisa na escola do trabalho, como por exemplo arrumar cerca, lidar com o boi, amansar cavalo, boi baguá. Ensinei muito peão a fincar poste, passar arame, fazer acera. Assim, como aprendi, também ensinei, e na escola da vida, fizemos as nossas trocas. O que um sabe, passa para o outro. Isso tudo é Educação.

Sempre percorri as estradas com um carro de boi emprestado de um fazendeiro, e aí olha só a minha responsabilidade.

Como mascate, não tenho tempo para fazer versos, que é a minha verdadeira vocação, trabalho muito, tudo é difícil, só depois de aposentado, vou deixar fluir minha vocação.

-Você trabalha sozinho?

-Não, tenho um ajudante, o Robertão e por isso, percorro as fazendas Laranjeiras, Campo Alto, Nhuvaí, Boqueirão, ele me ajuda. Sozinho não seria capaz. As fazendas são longe uma das outras, custa para chegar, enfrento muita cheia, cansaço, atolo, problemas muito sérios de transporte, bastante areia e sempre tenho que ter um acompanhante. As condições físicas do pantanal são muito ruins. Procuro viajar sempre à noite, pois é bem mais fresco, me livro do calor que é intenso, mas não me livro dos mosquitos e chego ao amanhecer nas fazendas, por lá fico por, pelo menos dois dias, vendendo e muitas vezes fazendo algum tipo de serviço.

- Que tipo de serviço?

- Serviços de fazenda. Como sou acostumado ensino e ajudo os peões na lida do campo.

- E o comércio, como é feito?

-Compro meus mantimentos sempre em Corumbá, para depois revender. Já comercializei um pouco de tudo - roupas, mantimentos, mas antes o que mais vendia era bebida alcóolica como pinga e álcool puro. Os peões bebem álcool puro na falta da pinga.

_ Ah, sim, você é um daqueles mascates que não obedecem a Lei Seca?

-Relaciono-me muito bem com os moradores da fazenda, exceto com os proprietários delas, pois, como a maioria dos mascates que passam naquela região, sempre vendo bebida alcoólica, burlando a lei, o que causa transtornos nas fazendas, gerando brigas e

arruaças. A bebida é pagamento garantido, só vendo se o peão der o dinheiro no ato da compra e assim não tenho prejuízo, como acontece com os outros mantimentos que comercializo. O lucro com a bebida é grande, pois cobro o triplo do preço que vale, e o peão paga, sem reclamar, escondido do patrão.

-Então você deve ter ficado rico, às custas do comércio dos mascates...

-Mas assim mesmo, a bebida não consegue me garantir o sustento, pois sempre fui muito perseguido pelos fazendeiros. Para os proprietários das fazendas, minha chegada tem sido motivo mais de tristeza do que de alegria, uma garrafa de pinga, custa muito, sai muitas vezes por um preço alto demais, depois há briga com faca, um peão fura o outro, a condução é difícil, ocorre morte, confusão. Não só briga, ocorre muito de peão montar de fogo, e cair na rodada do cavalo. Embora a bebida alcoólica tenha dado lucro, é uma prática proibida, condenada pelos patrões e por lei.

Por esses motivos, na maioria das vezes não pude retornar nas fazendas, recebia ordens dos fazendeiros para não voltar mais lá, por atrapalhar o bom andamento dos trabalhos.

- E com os moradores, como é o seu relacionamento?

Sempre sou muito bem recebido pelos empregados, as pessoas correm para me receber na maior alegria porque a vida na fazenda é calma e feliz. (sem cachaça). Troco muitas vezes minhas mercadorias, por carne de porco.

Nesse momento, Acelino e Chumbo Grosso encontram-se na encruzilhada da vida.

Chumbo Grosso conta-lhe que desistiu do seu trabalho como mascate porque teve mais prejuízo do que lucro, vendia fiado e depois quando voltava para receber, não encontrava mais o empregado na fazenda e o proprietário não se responsabilizava pelo mesmo, por causa da cachaça.

Por esses motivos, Chumbo Grosso fala que, na maioria das vezes, não pôde retornar nas fazendas, recebia ordens dos fazendeiros para não voltar mais lá, para não atrapalhar o trabalho nas fazendas.

Acelino entendeu que Chumbo Grosso, já aposentado, pertenceu a uma turma de mascates que, apesar de ser muito querida pelos moradores das fazendas, era odiada pelos proprietários delas, pelo mal que causava aos peões. Ficou numa camada intermediária, entre aqueles mascates cuja presença era muito esperada por todos e aqueles, cuja atividade foi transformada, ao longo do tempo. Acelino deu a mão a Chumbo Grosso para ampará-lo. Essa camada intermediária de mascates foi banida, por uns tempos, pelos fazendeiros do pantanal.

Chumbo Grosso hoje, dedica-se à primeira vocação, à poesia, até fez um poema pro amigo Robertão, de anos atrás, quando era mascate. Sua maior preocupação é encontrar um patrocínio para suas produções. Quer publicar um livro de poesias.

Hoje, a atividade do mascate na região pantaneira é quase inexistente; vemos um ou outro cumprindo o seu ofício. Sabemos da presença de dois mascates que passam no mês de outubro, na região da Nhecolândia. Sua atividade se modificou, mas a importância do seu trabalho continua, em função da precariedade do acesso à região que o pantaneiro ainda tem que enfrentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos pesquisar, neste trabalho, a história da atividade do sujeito mascate lembrando que ela se construiu ao longo do tempo, passando por diferentes transformações. Essas transformações foram explicadas a partir dos pressupostos da teoria de Vigotski.

Acompanhar a atividade do mascate num contexto tão singular como é o Pantanal, considerando as condições objetivas de vida e de trabalho dos sujeitos, significou acompanhá-la em seu movimento de transformação.

O procedimento utilizado, nesta pesquisa foi a Entrevista, como forma de recolher as memórias dos sujeitos selecionados. Entendemos que as memórias em depoimentos são fontes valiosas para o entendimento da construção da história da vida das pessoas.

Os depoimentos foram organizados em episódios a partir das Entrevistas que representam a maneira como os sujeitos contam as suas memórias, e a partir daí compreender a atividade do mascate narrada nessas memórias. As memórias são individuais, mas também sociais porque envolvem todo um contexto onde os fatos aconteceram.

Nosso objetivo foi o de analisar as Entrevistas para explorar de que forma elas poderiam contribuir para uma melhor compreensão da relação entre os sujeitos mascates em suas práticas e o entorno sócio-histórico.

Podemos dividir a história da atividade dos mascates em três momentos:

a) O início de sua atividade - que vai desde a colonização do Pantanal até a metade do Século XX mais ou menos. A esta etapa colocamos as entrevistas 1-2-3-4-6 e 10.

O mascate tinha que enfrentar duras dificuldades de vida e de trabalho, andar de carro de boi ou a cavalo para chegar ao seu destino, ser cúmplice da natureza, abrir bitolas, comerciar os seus produtos muitas vezes na base do escambo, ou não, mas ser a alegria das fazendas. Seu relacionamento era feito na base da convivência amigável, sendo um companheiro com quem os pantaneiros podiam contar nos momentos difíceis e alguém que pudesse trazer, além dos produtos, um pouco de luz para aqueles ermos. Os mascates enchiam de alegria as fazendas quando chegavam com seus carros cheios de tecidos coloridos, novidades e mil coisas que enchiam os olhos dos pantaneiros.

Trabalhavam muitas vezes na base de troca, o escambo era muito comum naquela época, assim deixavam suas mercadorias na fazenda e levavam de lá couro, crina de cavalo, cola de gado (rabo de boi), carne.

O pagamento, quando em dinheiro, era sempre feito pelo proprietário da fazenda, ou às vezes, o mascate pegava uma nota de crédito com ele, para trocar em Corumbá.).

b) De meados do Século XX mais ou menos, até o seu final. A esta etapa colocamos duas entrevistas - 7 e 8. Os mascates resolveram comercializar bebidas alcoólicas também, pinga de preferência dos peões, visando o lucro e desrespeitando a Lei Seca que existia no Pantanal, para o bom andamento do trabalho nas fazendas. Os mascates descobriram esse comércio, pois, acharam que dava um lucro muito bom, mas foram perseguidos pelos donos das fazendas. Isso fez com que os proprietários das fazendas, os pecuaristas, os expulsassem, pois, apesar do serviço que prestavam aos moradores levando produtos que eles precisavam, acabaram banidos do pantanal.

c) Início do Século XXI - A esta etapa colocamos duas entrevistas (5 e 9). O mascate chega de caminhão-furgão, com o nome da firma, pintado nas portas. Enfrenta ainda as intempéries do tempo, mas com muito mais conforto, seu comércio é feito com carnê que o Capataz assina e o proprietário se responsabiliza, mas os empregados fazem muita questão de corresponder. O mascate ensina o que é ser um bom comprador. Não vende mais bebida alcoólica. A proibição é muito rígida e o mascate é consciente disso. Ainda é a alegria das fazendas. Quando chega todos ficam muito felizes. Sua relação com os moradores é muito mais comercial, hoje ele funciona como um elo entre a fazenda e a cidade ,o rural e o urbano. Os proprietários também gostam da sua chegada.

Os mascates pedem para o empregado não fazer depósitos no caixa eletrônico e observar o dia exato do vencimento do carnê para não pagar juros e ainda observam: “a pontualidade dos pagamentos aumenta e facilita seu crédito” e todos respeitam religiosamente as instruções recebidas.

O que pudemos evidenciar a princípio, é que o mascate, em suas idas e vindas pela região pantaneira, chegando nas fazendas, permanecendo, relacionando-se com os moradores por meio de sua presença, comerciando os seus produtos de localidade a localidade, apesar de todos os percalços encontrados, realizou trocas de saberes, propiciando um processo educativo na prática.

Nas aprendizagens realizadas por meio das tarefas educativas parece ter despertado nas pessoas que ali viviam o gosto pelo conhecimento. Evidenciou-se também que essas pessoas, além da mudança dos fatores socioeconômicos e culturais, tiveram uma participação relevante na atividade do mascate, resignificando-a, através das trocas realizadas.

A atividade do mascate transformou as fazendas da região pantaneira, ao mesmo tempo em que foi transformada pelo seu entorno social e se constituiu como um fator de fixação do homem na região.

As trocas realizadas pelo mascate com os moradores das fazendas expressam processos educativos, na medida em que houve aprendizagens por parte dos sujeitos.

É necessário dar importância à atuação do sujeito pantaneiro sobre seu contexto, suas experiências culturais baseadas na relação que ele tem com seu ecossistema, pois, as suas práticas sociais dependem de como ele enxerga e representa o universo natural, que ele cria a partir do seu próprio universo cultural. Procuramos investigar a constituição do sujeito que vive na região pantaneira, evidenciando a educação expressa em seu fazer, e para isso foi importante verificar as formas como esse homem produz a sua existência material.

Segundo Alves (2003, p.19), “essas formulações, ao darem autonomia a aspectos isolados da realidade humana, elidem tanto a sua unidade quanto a sua complexidade”. O autor segue afirmando que a consequência desse tipo de análise tem sido muito grave. Em Mato Grosso do Sul, existem autores que procuram revelar, equivocadamente, traços culturais e educacionais do espaço regional. E isso é prejudicial, pois, ao buscar o entendimento do que somos (a nossa especificidade), têm enfatizado o que nos diferencia e, nesse sentido, o universal deixa de ser parâmetro.

Alves aponta ainda que, o critério excludente, acaba por revelar-se cientificamente insuficiente e os trabalhos, quase sempre, ficam sendo manifestações de um regionalismo estreito e estéril. E, esses estudos que caem no regionalismo e em certos estereótipos do senso comum, negam as semelhanças que nos marcam.

O desenvolvimento desse sujeito, de sua vida, exige uma interação constante dele com o meio natural, uma troca de substância entre eles. É o pantanal que dita o planejamento de tudo. Esta não é uma relação de subordinação, porém, de convivência em paz, já que é o pantaneiro que tem que se organizar para viver a sua realidade.

Sabemos que outras pesquisas poderão ser feitas sobre o assunto, em outras oportunidades. Agora tentamos resgatar, ainda que num recorte, as vivências de pessoas que conviveram de perto com os mascates e com o próprio mascate.

Não temos conhecimento de pesquisas que registrem experiências sobre este tema, nesse sentido, deixamos a nossa leitura sobre a forma de organização do trabalho do mascate pantaneiro.



Jacaré

Realização: MEDEIROS, 2012.

O Jacaré é considerado “o gari do pantanal” por sua habilidade de limpeza dos terrenos; por isso ele é sempre bem considerado pelos empregados e donos das fazendas; onde tem jacaré, as águas ficam limpas.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. L. **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande: Ed da UNIDERP, 2009.

_____. **Pantanal da Nhecolândia e modernização tecnológica: estudos da expectativas dos pecuaristas colhidas em suas memórias**. Campo Grande: Ed Uniderp, Ed UFMS, 2003.

AMARAL, V.; SILVA, M. C. **Fazenda Rio Negro**. Campo Grande: ED. UNIDERP, 2007.

ARANTES, M. T. **A comitiva Campo Grande**: Secretaria de Estado de Educação, 1994.

BARROS, A. **Gente Pantaneira**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

AROUXA, V. **Vida de Mascate**. Informativo do Sistema Fecomércio. Campo Grande: Ano III, Edição 21, p. 6.

BARROS, M. Lides de Campear. In: **Gramática Expositiva do Chão** (Poesia Quase Toda) Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1990.

BOCK, A. M. B. **A Perspectiva Sócio-Histórica na Formação em Psicologia** (Org). Petrópolis: Vozes, 2003.

BOSI, E. **Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CATANI, D. B. In: SOUZA, E. C.; Abrahão, M. H. M. B (Orgs.) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: ED/PUC RS, 2006.

CAVALCANTI PROENÇA, M. **No Termo de Cuiabá**. São Paulo: Gráfica da Revista dos Tribunais, 1958.

CHAVES, S. N. Memória e autobiografia: nos subterrâneos da formação docente. In: SOUZA, E. C. de.(Org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CIAMPA, A. C. **Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno**. Interações, São Paulo: VIII, n.6, p.87-101, jul/dez 1998.

_____. Identidade. In. LANE, S.T.M; CODO, W.(Orgs). **O Homem em Movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

DUARTE, N. **As pedagogias do “aprender aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, 2002.

_____. **Vigotski e o aprender a aprender: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana**. Campinas: Autores Associados, 2000.

FINOCCHIO, A. L. **A construção da subjetividade humana**. Campo Grande ED. UFMS, 1998.

HABWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro 1990.

IAROCHEVSKI, M. F.; GURGUENIDZE, G.S. Epílogo. In: VIGOTSKI, L.S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOZULIN, A. O Conceito de Atividade na Psicologia Soviética. Vigotski, seus discípulos, seus críticos. In: DANIELS, H. (Org.). **Uma introdução a Vygotsky**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2002.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004

_____. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1995.

_____. **Actividad, Consciencia y Personalidad**. Buenos Aires: Ciências Del Hombre, 1978 (a).

_____. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978 (b).

LEVERGER, AUGUSTO. **Navegação do Rio Paraguay**. Trabalho datilografado, Cuiabá, 1846.

LURIA, A. R. **A Construção da Mente**. São Paulo: Icone, 1992.

MACIEL, J. B. **A Pecuária nos Pantanais de Mato Grosso**. Tese apresentada ao 3º Congresso de Agricultura e Pecuária. Corumbá. Trabalho Datilografado. 1922.

MARX, K. Para a Crítica da Economia Política. In: MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1985. vol. 1. (Coleção Os Pensadores).

MITJÁNS, A. M. Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem. In: TACCA, M.C.V.R.(Org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Alínea, 2006.

MORETTINI, M. T.; URT, S.C. **Cancioneiro do Pantanal**. São Paulo: Editora Life, 2009.

NOLASCO, E. C **Raído**. Dourados, MS, v.4. 4, n. 7, p. 31-42, jan./jun. 2010.

NOGUEIRA, A. X. **Pantanal: homem e cultura**. Campo Grande: UFMS, 2002.

_____. **O que é Pantanal**. Campo Grande: Brasiliense, 1996.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento – Um processo Histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PESSOA, F. **Antologia poética de Fernando Pessoa**. Introdução e seleção de Walmir Ayala. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2004. (Coleção antologias)

PROENÇA, A. C. **Rodeio a Céu Aberto- A Bravura do Pantaneiro**. São Paulo: Life Editora, 2009.

_____. **Memória Pantaneira** (Org). Campo Grande: Ed . Oeste, 2003.

PROENÇA, A. C. **Pantanal-Gente**, Tradição e História, Campo Grande, Ed. UFMS, 1997.

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos Orais: do Indizível ao Dizível**. São Paulo: Ciência e Cultura, FFLGH, USP, 1987, 39 (3).

REGO, T. C. **Memórias de Escola Cultura escolar e constituição de singularidades**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

REGO, T. C.; AQUINO, J. G.; OLIVEIRA, M. K. In: SOUZA, E. C. (Org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: ED/PUCRS, 2006.

REY, F.G. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Pioneira, 2003.

RUBINSTEIN, S. C. **Princípios de Psicologia Geral**. Lisboa: Estampa, 1977.

SOUZA, E. C. de. (Org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

THOMPSON, N. **A voz do passado – História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TULESKI, S. C. **A relação entre texto e contexto na obra de Lúria – Apontamentos para uma leitura marxista**. Maringá: UEM, 2011.

_____. **Vygotski: A Construção de uma Psicologia Marxista**. Maringá: UEM, 2008.

URT, S. C. **Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens**. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, 1992.

VARGAS, I. A. **Território Identidade Paisagem Governança no Pantanal Mato Grossense: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa**. Tese de Doutorado, Curitiba, 2006.

VIGOTSKY, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS

Roteiro de perguntas, para o caso dos sujeitos não relatarem dados importantes para a clareza da pesquisa. Como:

I – Dados de Identificação

a – Nome do sujeito

b – Sexo

c – Profissão

d- Nome da Fazenda

e – Nome do Proprietário

II) Atividade do Mascate

a – Como realizavam a atividade;

b- Quais os produtos que comercializavam;

c- De que forma transportavam seus produtos;

d- Quanto tempo demoravam nas fazendas;

e – Quais obstáculos enfrentavam para transportar suas mercadorias;

f – Como realizavam as transações comerciais;

g- O que significava para a fazenda a chegada do mascate;

h – Os moradores da fazenda faziam encomenda aos mascates;

i – Quantas fazendas eles visitavam por viagem.

APÊNDICE B - ENTREVISTA 1

ENTREVISTA COM O PROPRIETÁRIO DA FAZENDA SANTA CRUZ – PANTANAL DA NHECOLÂNDIA 14 MIL HECTARES - JÔ, 75 ANOS.

Os textos descritivos que se seguem são respostas das entrevistas realizadas com os sujeitos com base no roteiro elaborado. Optamos por colocar apenas as respostas das perguntas

Quando me casei, na década de 60, então com 24 anos, fui morar em minha fazenda no Pantanal da Nhecolândia e lá conheci e tive contato com um mascate de nome Anastácio, que era muito alegre e trabalhador sendo a personagem mais esperada da fazenda.

O mascate Anastácio era tão aguardado por todos que lá viviam, que na sua chegada havia uma verdadeira festa, tanto os homens quanto as mulheres se preparavam, colocavam sempre a sua melhor roupa para recebê-lo.

Ele sempre chegava tocando um berrante, todos corriam em sua direção, ansiosos pelas novidades.

Encostava seu carro de boi na maior árvore que avistava e lá estendia sua lona, apinhada de todo tipo de material.

Em seu carro de boi havia de tudo um pouco: remédios, maquiagem, lampião a querosene (lâmpada morcego), linha, agulha, livros de estória, lápis, caderno, borracha, cigarro, mantimento, perfume, brinquedo para as crianças.

A única coisa que era proibido levar para as fazendas era bebida alcoólica

O mascate Anastácio saía sempre de Aquidauana, carregado (era lá que ele abastecia seu carro de boi) e seguia um roteiro de fazenda em fazenda passando primeiro pela fazenda Retirinho, depois Boa vista, Centenário, Barra Mansa até chegar em Santa Cruz.

Demorava cerca de três a quatro dias em cada fazenda, trabalhava muitas vezes na base de troca, o escambo era muito comum naquela época, assim deixava suas mercadorias na fazenda e levava de lá couro, crina de cavalo, cola de gado (rabo de boi), carne.

Normalmente o mascate recebia diretamente do proprietário da fazenda, que anotava o que cada peão comprava e depois descontava do salário. Eu sempre impunha limite para cada um gastar.

O mais interessante neste mascate era que ele era um contador de histórias. Conhecia todas as fábulas, mitos e contos pantaneiros. À noite todos da fazenda se reuniam para escutar suas histórias, principalmente as crianças, que ficavam vidradas e com medo do que ele tinha para contar.

O primeiro encontro das crianças pantaneiras com as histórias inaugurou-se com Anastácio.

Os contos do mascate começaram a fazer um estranho e novo sentido para aquela população que vivia tão longe de tudo!

À medida que contava, gesticulava muito, fazendo os objetos ganharem vida.

Anastácio contava que gostava muito de ler! E que de tanto ler, resolveu sair mundo afora, contando histórias. E que quanto mais lia, mais contava, num círculo infinito de dar e receber.

Lembro-me muito do mascate relatar a história do lobo guará que vivia sozinho e morto de fome, atrás da primeira presa fácil que encontrasse para dar o seu bote.

Gostava também de contar suas aventuras nas caminhadas que fazia, trabalhando.

Já tinha lutado com onça parda, corrido de queixada, atolado e encontrado “boca de sapo” dentro de corixo, aguçando a imaginação das crianças, que o escutavam sem piscar os olhos!

Eram histórias que muitas vezes ele criava, mas eram temperadas com as caretas que gostava de fazer e mudanças constante de voz. Gostava de partilhar suas aventuras, alegrias e aprendizados, que eram também pedaços de seus sonhos!

Assim eram as noites do mascate por lá, com churrasco, cantoria e histórias.

Anastácio sentia muita dificuldade para chegar nas fazendas, só viajava período de seca, e muitas vezes, ficava uns 04 meses sem aparecer, às vezes também carregava seu filho mais velho, um meninote de 17 anos, para ajudá-lo na difícil tarefa de atravessar as bitolas arenosas do pantanal com o carro pesado, atolando sempre e tendo que descer, tirar um pouco de areia com a pá, para seguir em frente.

O que ficou de lembrança desta época foi a alegria que a chegada de Anastácio proporcionava a todos e as suas interessantes, fascinantes e inesquecíveis histórias.

APÊNDICE C- ENTREVISTA 2

ENTREVISTA COM O PROPRIETÁRIO DA FAZENDA SÃO GABRIEL – PANTANAL DA NHECOLÂNDIA, 11 MIL HECTARES – GÊ, 81 ANOS.

Desde pequeno, convivi com a figura do mascate no pantanal. Morei anos em minha fazenda Marilândia no pantanal do Paiaguás e quando me casei há cinquenta anos atrás, fui morar com minha esposa na Fazenda São Gabriel, no Pantanal da Nhecolândia, então com trinta anos de idade, na fazenda esta herdada por minha esposa, Su, e lá conheci e tive contato com um mascate de nome/apelido Nhozinho Freire, que era muito trabalhador e ficou anos abastecendo aquela região.

Nos primeiros anos na fazenda São Gabriel, antiga fazenda Palmares, Sr. Nhozinho chegava de carro de boi toldado, vindo de Corumbá, lugar de onde trazia suas mercadorias e percorria cerca de 20 km por dia até chegar na primeira fazenda.

Mais tarde, já na década de 80, o Mascate trocou o carro de boi toldado por uma caminhonete.

Seu roteiro compreendia as fazendas Firme, Santa Filomena, São José da Formosa, Paraíso, Alegria, Cocais, Aguazuinho, Santa Rita, São Gabriel, Santo Antônio.

O mascate passava cerca de duas a três vezes por ano na fazenda, nos períodos de seca.

O mascate Nhozinho Freire era muito falante, ficava cerca de 05 dias em cada uma das fazendas vendendo e trocando suas mercadorias com todos da fazenda, desde os peões até a família do proprietário. Recordo-me que nos anos de 1975/1980 era muito comum haver algum movimento, no final de semana, como bailes, corridas de cavalo, festas como: São Sebastião, Sr. Divino, e estas festas eram relatadas para o mascate que anotava tudo em uma caderneta, depois que chegava em Corumbá relatava o que acontecia nas fazendas, para um senhor (não me recordo o nome) que gostava muito de escrever, e assim era feito um pequeno jornal, naquela época era escrito de próprio punho, sobre quem estava presente nestas festas, quem ganhava as corridas, quem dançava melhor, qual casal era o mais animado, etc

Este jornal percorreu todas aquelas fazendas através do mascate Nhozinho Freire e as pessoas gostavam muito de recebê-lo.

O mascate levava em seu carro de boi e depois em sua caminhonete as mais diversas mercadorias como: fumo, mantimentos (arroz, feijão, farinha), linha, maquiagem, espelho, perfume, livros didáticos, etc.

Recordo-me que havia um acordo entre os fazendeiros de não permitir que os mascates comercializassem bebida alcoólica, naquela região.

Nhozinho estava sempre acompanhado de um ajudante e costumava trocar suas mercadorias por galinha, peixe seco, às vezes por novilha, etc.

O pagamento, quando em dinheiro, era sempre feito por nós, proprietários das fazendas, ou às vezes, o mascate pegava uma nota de crédito, para trocar em Corumbá.

As fazendas eram longe uma das outras, o mascate normalmente ficava com seu ajudante acampado na fazenda até vender sua mercadoria, enquanto isso prestava algum serviço ao proprietário, como amansar burro bravo, procurar boi baguá, ajudar a peonada na carneada, etc.

Su, minha esposa, lembra-se de encomendar cartilha ao mascate Nhozinho, para ensinar as primeiras letras as nossas filhas mais velhas que moraram na fazenda até completarem 07 anos, quando foram para Corumbá, internas, fazer o primário.

Quando o mascate chegava trazendo suas mercadorias era o dia mais alegre da fazenda, pois as crianças ganhavam balas e os adultos ficavam cheios de novidades trazidas da cidade que não conheciam, ou que ansiavam por ter.

Nhozinho trazia mais que mercadorias, trazia esperança, colorido, diversão, movimento, distração para aquele mundão quente e tão igual!

O que ficou guardado na minha memória e de minha esposa Su, foi a correria de todos na fazenda rumo ao carro de boi de Nhozinho Freire, assim que o mesmo despontava na porteira.

APÊNDICE D - ENTREVISTA 3

ENTREVISTA COM O ARRENDATÁRIO DA FAZENDA 2 IRMÃOS, DE PROPRIEDADE DE EURICO DE BARROS - PANTANAL DA NHECOLÂNDIA - 10 MIL HECTARES - NÊ, 68 ANOS.

Quando arrendei a fazenda Dois Irmãos, há trinta anos atrás, conheci e tive contato com um mascate de nome Alexandre que andava num carro de boi vindo de Corumbá percorrendo as fazendas.

Além da fazenda Dois Irmãos o mascate vendia seus produtos nas fazendas: Mangabinha, Aliança, Campo Neta, São Vicente, Campina, São Pedro, Cáceres, Alegria e Santa Gertrudes.

O mascate Alexandre vendia de tudo (linha, agulha, arroz, feijão, lençol, cobertor, roupa de cama em geral, etc).

Chegava na fazenda e ficava por três dias, até satisfazer a todos com seus produtos.

Alexandre era um moço bem apessoado, tocador de violão e cavaquinho. Gostava muito de ensinar os peões a tocar.

Era a melhor coisa que havia por aquelas bandas a chegada de Alexandre! Trazia alegria e a certeza de bailão na fazenda!

Sempre que chegava, além de trazer novidades de todo tipo, trazia também boa música.

Era afinado no violão e cavaquinho, tanto que vários peões encomendaram de Alexandre violão e cavaquinho.

Ensinou vários deles a tocar, insistia dizendo que o dom para a música surge, na maioria dos casos, naturalmente.

Ensinava a todos que a dedicação é a palavra de ordem para que o sonho de se tornar um grande músico pudesse se realizar

Assim, toda a peonada da Fazenda Dois Irmãos tinha algum instrumento musical, influenciado pelo mascate.

Tocar faz bem para alma repetia sempre o mascate, o violão e o cavaquinho são companheiros que nunca nos abandonam!

Quem possui algum instrumento nunca está sozinho!

Alexandre ensinou a todos as notas musicais, cada vez que chegava na Fazenda trazia embaixo do braço uma nova partitura.

Certa ocasião Alexandre, chegando na fazenda, foi chamado por uma parteira, para ajudar a realizar um parto, já que a parturiente estava muito nervosa e precisava de escutar uma boa música para se acalmar.

Alexandre começou a tocar sem parar!

Logo em seguida, a parteira viu que não tinha condições de fazer mais o parto, pois, a moça voltava a ficar nervosa, então o mascate enfrentou mais esta atividade: fez o parto, cortou o umbigo, deu o banho, embrulhou o bebê e pôs no colo da mãe. Alexandre entoou um chorinho para o lindo pantaneirinho, diante dos olhos esbugalhados da parteira.

E assim foi feito, nasceu um lindo pantaneirinho ao som de um chorinho!

À Noite todos se reuniram no galpão para comemorar.

Eu e minha esposa recordamos com carinho de Alexandre, pois sua chegada era uma festa sem igual!

Alexandre vive na memória de todos aqueles que viveram naquela época, conheceram sua figura garbosa, apreciaram seus badulaques e desfrutaram de sua cantoria.

APÊNDICE E - ENTREVISTA 4

ENTREVISTA COM UMA DAS HERDEIRAS DA FAZENDA BAÍA DAS PEDRAS, PROPRIEDADE DE JOSÉ LIMA - PANTANAL DA NHECOLÂNDIA – 18 MIL HECTARES - MÁ - 70 ANOS.

Vivi no Pantanal da Nhecolândia cerca de 12 anos seguidos entre 1960 a 1972, na fazenda que hoje, herdei um pedaço, chamada Baía das Pedras.

Lá conheci um mascate chamado Gamarra que passava de mês em mês na fazenda e levava diversas mercadorias como: remédios, roupas diversas, botina, tecido, linha, agulha, todo tipo de armarinho, bala, jujuba, chupeta doce, guloseimas para as crianças.

O Mascate Gamarra ia de carreta (carro de boi) saía de Aquidauana, onde fazia suas compras e chegava carregado de novidades nas fazendas.

Quando ele chegava era uma festa, todas as crianças da fazenda, inclusive minhas três filhas o esperavam ansiosamente, pois, sempre trazia algo diferente.

O mascate Gamarra estava sempre acompanhado de sua mulher, passava cerca de 04 a 05 dias na fazenda, pois vendia as suas mercadorias para todos os peões.

Por ser a Fazenda Baía das Pedras muito grande (cerca de 18.000 hectares), como todas da região pantaneira, era longe para o mascate Gamarra ir em seguida para outras fazendas vizinhas, então ele acabava descansando esses dias por lá.

Os dias que o mascate Gamarra ficava na fazenda, eram sempre marcados por festa, havia churrasco toda noite.

Em certas épocas, ele chegava no dia da solta (festa típica em que se mata o boi e é oferecido para todos o testículo do mesmo, depois de assado), também tinha muita cantoria, pois um dos peões da Baía das Pedras, (Sr. Jorge), assador de carne, era afinado no violão.

O mascate Gamarra levava sua própria comida, mas, na fazenda Baía das Pedras, nunca deixei ninguém cozinhar, gostava de ser uma boa anfitriã!

Sempre sabia pelo mascate Gamarra, as coisas novas da cidade, uma vez que o mascate levava jornais e me contava o que estava acontecendo na sociedade Aquidauanense e Corumbaense.

Lembro-me ainda que sempre costurei, então encomendava de Gamarra revistas que tivessem moldes, com os últimos lançamentos.

O mascate Gamarra era bom de matemática, só fazia conta de cabeça e tentou ensinar alguns peões a fazerem o mesmo.

O mascate dizia aos moradores daquela região que era preciso aprender um pouco de matemática, dizia que as contas eram tão necessárias quanto as coisas mais essenciais que precisamos para sobreviver.

Estava sempre com um pequeno graveto nas mãos e no pomar da fazenda, no chão, onde tinha muita areia, ensinou os pantaneiros a calcularem.

Para se ter sempre dinheiro, era preciso saber calcular, repetia sempre Gamarra.

Lembro-me com saudade da figura do mascate, pois não tive mais notícias dele, não sei se ainda é vivo, se mora em Aquidauana ou Corumbá, se tem algum tipo de trabalho, simplesmente perdi-o de vista.

APÊNDICE F - ENTREVISTA 5

ENTREVISTA COM A PROPRIETÁRIA DA FAZENDA CENTENÁRIO - PANTANAL DA NHECOLÂNDIA - 18 MIL HECTARES - MÔ - 67ANOS.

Hoje em dia, passa na minha fazenda, na época de outubro, dois mascates vendendo os mais variados produtos.

Porém já não se fazem mascates como antigamente! Não existem mais carros de bois, ou carroças cruzando as picadas desertas do desconhecido...

É interessante notar como no século XXI a presença dos mascates ainda cause expectativa, alegria e felicidade nos lugares distantes. Só que atualmente, eles chegam em caminhão-furgão fechado, com grande quantidade de mercadorias. São, geralmente, materiais de cama, mesa e banho (lençóis, fronhas, colchas, cobertores, toalhas de mesa e banho...)

Às vezes, trazem colchões, travesseiros e até jogos de panelas.

O pessoal da fazenda, que vai muito pouco à cidade, se delicia frente ao colorido das estampas, das novidades.

Eles olham com curiosidade, escolhem e sonham. Além de tudo, para a felicidade geral, ainda há a possibilidade de dividir em 06 parcelas, valor esse que sempre cabe no salário recebido mensalmente.

Os mascateiros vêm de longe! Lá do norte do Paraná, percorrendo as fazendas que encontram pelo caminho, valorizando seus produtos e fazendo a propaganda boca a boca.

Têm até firma constituída: “ENXOVAIS SERRANA DO NORTE”, com logotipo estampado no caminhão, blocos de carnês que são devidamente preenchidos na frente do comprador, com endereço (incluindo CEP), telefone e nome dos vendedores.

No caso destes que passam na minha fazenda Centenário, o endereço é: Rua Maria de Lourdes Nogari 105 , CEP 86.490-000, Ribeirão do Pinhal, PR.

Os vendedores Gilson e Maurício já são velhos conhecidos.

Pedem para o empregado não fazer depósitos no caixa eletrônico e observar o dia exato do vencimento do carnê para não pagar juros e ainda observam: “**a pontualidade dos pagamentos aumenta e facilita seu crédito**”... e todos respeitam religiosamente as instruções recebidas.

Meu capataz, Laurindo Sabiá, tem sempre um carnê novo a cada passagem dos mascates.

Na Centenário, eles chegam sempre no mês de outubro, (uma vez por ano) depois de passarem pelas fazendas Campo Alegre, Jacuí, Barranco, Campo Novo, Maringá, Barra Mansa e seguem para a fazenda Primavera e outras que estiverem no caminho.

Assim, eles cortam o Pantanal, sem preguiça de, em cada parada (onde ficam normalmente um dia e uma noite), despejarem todo material em cima de uma mesa e depois das escolhas feitas, recolherem tudo de novo e... pé na estrada novamente, enfrentando viagens cheias de imprevistos: pneus furados, atoleiros tanto na lama como na areia, embaixo de um sol escaldante e muita poeira...

Quando os mascates vão embora, deixam nos empregados uma grande alegria pelas novas coisas obtidas e responsabilidade pelos pagamentos em dia. Mas todos esperam com ansiedade a cada mês de outubro.

APÊNDICE G - ENTREVISTA 6

ENTREVISTA COM A COZINHEIRA DA FAZENDA PORTO ALEGRE, PROPRIEDADE DE TÂNIA MARIA FREITAS DE BARROS MACIEL - PANTANAL DA NHECOLÂNDIA - 21 MIL HECTARES - DÊ, 50 ANOS.

Sou atualmente cozinheira da fazenda Porto Alegre há mais ou menos 15 anos e quando morei na fazenda Aguazuinho de propriedade de Belmiro Maciel de Barros, em 1978, já vendida para Elízio Curvo, conheci um mascate de nome Mané Ambrózio que percorria toda aquela região, passando pelas fazendas: Aguazuinho, Porto Alegre, São Pedro, Cocais, Laranjeira, Campo Alto, de carro de boi e vendia todo tipo de mercadoria, mas principalmente linha, agulha e tecidos.

Mané Ambrózio ficou percorrendo aquela região até mais ou menos 1985 e depois não tive mais notícias dele.

O mascate Mané Ambrózio era muito aguardado por todos da fazenda, pois a gente passava muito tempo sem ir à cidade, ficava sem mantimentos, devido a dificuldade de transporte.

Chegava a ficar até 3 anos, sem ir a Corumbá, cidade mais próxima da fazenda onde a gente morava, por isso torcia muito pela chegada do mascate, já que ele trazia e contava novidades.

Embora Mané Ambrózio vendesse suas mercadorias por um preço bem salgado, muito acima do que era vendido no comércio de Corumbá, ainda assim valia a pena comprar, porque era acostumada a ficar na fazenda, não me sentia bem na cidade, não gostava de sair para fazer compras, gostava muito que as compras viessem até nós e não, ao contrário.

Mané Ambrózio viajava sempre acompanhado de sua mulher, Ermelinda e possuíam uma pequena confecção de roupa em Corumbá, motivo pelo qual sempre vendia preferencialmente, tecidos e aviamentos.

Apontava tudo que vendia em uma caderneta e pedia para o comprador assinar e depois recebia o valor diretamente com o proprietário da fazenda, que descontava do salário de seu empregado.

Passavam cerca de 05 (cinco) dias em cada fazenda e Ermelinda, esposa de Ambrózio, ensinava nesse período, as mulheres da fazenda, a costurarem.

Aprendi a cortar roupa, molde de roupa com Ermelinda, a fazer camisa, short, vestido, a cortar calça.

Aprendi a costurar todo tipo de roupa e a partir desse aprendizado, não precisei mais comprar em Corumbá para meu marido e para minhas crianças.

Comprava somente o tecido e aviamentos do mascate.

Apreendi também com Ermelinda a fazer doce de compota, até sabia fazer mais ou menos, mais Ermelinda ensinou a fazer calda, a não errar o ponto de tirar do fogo, a ajeitar nos vidros de uma maneira bonita, arrumada.

Passei a fazer doce de laranja, caju, goiaba, rapadura, queijo Nicola e meu marido ia para a beira do asfalto vender para quem passasse pela estrada, para assim, ganhar um dinheirinho a mais.

O único inconveniente da chegada do mascate na fazenda é que ele vendia muita bebida aos peões (pinga) principalmente e por várias vezes, houve confusão, briga, entre eles, pelo excesso de álcool.

Mas assim mesmo recorro com saudades do mascate e sua mulher, guardando um carinho especial, por aquela mulher, que com muita paciência e simpatia, ajudou a vestir minha família.

APÊNDICE H - ENTREVISTA 7

ENTREVISTA COM O PEÃO DA FAZENDA PORTO ALEGRE, PROPRIEDADE DE TÂNIA MARIA FREITAS DE BARROS MACIEL - PANTANAL DA NHECOLÂNDIA - 21 MIL HECTARES - ZÔ, 53 ANOS.

Sou Antônio, mais conhecido com o apelido de Zorba, peão da fazenda Porto Alegre há mais de 15 anos e nos anos de 1985, quando morei na fazenda Santa Filomena, atualmente de propriedade de Marcelo Azambuja, vivia por lá um mascate de nome Mané Crispim.

Mané Crispim tinha como parador a fazenda Santa Filomena, onde passava parte de seu tempo.

Crispim vendia de tudo um pouco, desde mantimentos, até roupas, calçados, livros, mas gostava de vender traia de arreoio (que ele mesmo fabricava).

Muitos peões encomendavam a traia com ele, que deixava nas fazendas e depois passava para receber.

Percorria o pantanal de carro de boi, o que era muito sofrido, devido ao calor, a dificuldade de se chegar ao destino, depois comprou uma Toyota Bandeirante, o que lhe facilitou muito a vida.

Seu roteiro incluía as fazendas Paraízo, Ipanema, Porto Alegre, Berenice, São Bento, São Vicente, Guanandi, Santa Eugênio.

Ficava cerca de dois a três dias em cada fazenda e tinha muita habilidade para mexer com couro e cal.

Aprendi a fazer com Crispim sola de sapato, chinelo, cinto, alforge.

Ele ensinava como fazia para curtir o couro, curtia no angico, limpava com cal, punha para secar, botava para bater e passava vidro em cima.

Muitos peões foram capazes de melhorar seus arreios, com os ensinamentos de Crispim.

Ensinou também alguns peões novatos, sem muita prática, a lidar com boi: a cangá, descangá o boi, amansar, etc.

Era um mascate com muita prática no manejo do dia-a-dia de uma fazenda.

Relacionava-se muito bem com os moradores da fazenda, exceto com os proprietários da mesma, pois como a maioria dos mascates que passavam naquela região, sempre vendia bebida alcoólica, burlando a lei, o que causava transtornos nas fazendas, gerando brigas e arruaças.

APÊNDICE I - ENTREVISTA 8

ENTREVISTA COM O CAPATAZ DA FAZENDA PARAÍZO, DE PROPRIEDADE DE ARNALDO PUCCINI MEDEIROS E IRMÃOS - PANTANAL DA NHECOLÂNDIA – 11 MIL E 500 HECTARES - ELI, 60 ANOS.

Sou capataz da Fazenda Paraizo desde 1995 até hoje e fui muito amigo de um mascate que vendia seus produtos desde aquela época até mais ou menos 2005, seu nome era Dorvalino, mais conhecido como Cabeludo.

Cabeludo chegava sempre na fazenda com um caminhão azul, escrito na porta: Caminhão da Felicidade e desenhado um Pássaro Azul.

Anunciava sua chegada por meio de um alto falante: “Atenção fazenda Paraizo, está chegando o caminhão do Cabeludo” e todos corriam a seu encontro.

Cabeludo vendia de tudo um pouco: verdura, cama, móveis, bolacha, bala, livros, etc.

Em cima do caminhão levava um freezer abarrotado de bebida gelada (coisa rara de se ter no pantanal) encostava nas fazendas e começava a vender.

Ficava normalmente um dia e uma noite em cada fazenda. Deixava seus produtos, anotava tudo o que cada um pegava e passava no outro mês para receber. Recebia diretamente de cada comprador.

Percorria as fazendas Cáceres, Santa Filomena, Alegria, Paraizo, Ipanema, Nhumirim, Porto Alegre, etc.

Gostava muito de fazer trova e de ensiná-las as crianças da fazenda.

Recordo de Cabeludo gritando com seu alto falante: “Comadre, Compadre, corram, chegou o Cabeludo trazendo quase tudo”

Cabeludo vendia muito livro e ensinava também às crianças o abecedário.

Levava muitos jornais, que distribuía de graça e insistia para os peões lerem.

Entendia muito de mecânica e consertava motor de luz da fazenda, gerador e ensinou o que pôde de mecânica ao pessoal da Nhecolândia, por onde passava.

Conseguiu até fazer uma avião Stetsom, com um motor de fusca e decolou com Lucílio Medeiros, seu amigo.

O grande problema de Cabeludo era seu freezer, terror dos fazendeiros locais, pois tinha muita bebida.

Foi a bebida alcóolica a responsável pelo desaparecimento dos mascates do pantanal.

Hoje quase não há mais a figura dos mascates, os fazendeiros se uniram para bani-los do Pantanal, já que tinham grandes prejuízos com seus peões.

Por causa da bebida, o peão brigava de faca, se acidentava, era necessário chamar avião para socorrê-los, enfim, o prejuízo era enorme , maior que a alegria que sentiam com a chegada destes mascates.

Nunca mais vi nem soube notícias de Cabeludo.

APÊNDICE J - ENTREVISTA 9

ENTREVISTA COM O PRAIEIRO DA FAZENDA PARAÍZO, DE PROPRIEDADE DE ARNALDO PUCCINI MEDEIROS E IRMÃOS - PANTANAL DA NHECOLÂNDIA – 11 MIL E 500 HECTARES - ENI, 50 ANOS.

Sou, praieiro da fazenda Paraizo, há mais de três anos, trabalhei de ajudante do mascate Domingão, que até hoje vende seus produtos de barco pelo Pantanal da Nhecolândia.

Domingão carrega em seu barco comida, bebida, roupa de cama, tecido, vestidos prontos, camisa, botina, etc.

Vai percorrendo com seu barco, vendendo seus produtos e atracando nos portos próximos a fazendas.

Anuncia sua chegada por um programa de rádio a difusora de Corumbá que passa às 12:00 horas, chamado Alô Pantanal.

O programa anuncia que Domingão naquele dia vai atracar em determinado porto e as pessoas das fazendas próximas correm para lá, ver as novidades do barco do Domingão.

Os portos percorridos pelo mascate são: Porto Figueira e Santa Luzia, Porto Rolon, Colônia São Domingos, Porto Breto, Porto de Lurdes, etc

As mulheres fazem muitas encomendas para Domingão, principalmente de tecidos e roupa de cama.

Domingão passa a cada 20 dias nos portos, vende os produtos e passa para receber no mês seguinte.

Como ajudante do mascate, eu pilotava o barco, enquanto Domingão cuidava das mercadorias e de seu violão.

Domingão também gosta muito de tocar violão e de dançar e normalmente promove uma festa a cada parada de seu barco.

É muito conhecido no pantanal, por ser divertido, alegre, todos ficam ansiosos esperando a festa a cada porto e as novidades trazidas por ele.

Embora as mercadorias de Domingão sejam caras, a festa que ele promove a cada chegada, movimentava muito aquela região e deixa sempre um gostinho de quero mais.

APÊNDICE K - ENTREVISTA 10

ENTREVISTA COM O MASCATE, NÃO ALFABETIZADO, EXERCEU A PROFISSÃO DE MASCATE DOS 35 AOS 40 ANOS NO PANTANAL DA NHECOLÂNDIA - ACE , MAIS CONHECIDO COMO CHUMBO GROSSO, 75 ANOS.

Chumbo Grosso, é como sou conhecido ,fui mascate durante cinco anos no Pantanal da Nhecolândia, depois larguei a profissão e fui ser empreiteiro, porque era mais fácil de ganhar dinheiro, o pagamento pelo serviço era mais garantido e era melhor recebido aonde ia.

O apelido Chumbo surgiu porque era uma criança muito pesada e Grosso por responder sempre de maneira brusca as perguntas dos outros, apelido este, que ainda hoje me acompanha.

Embora analfabeto, gosto muito de poesia, possuo uma sobrinha que redige para mim e tenho intenção de lançar um livro em Corumbá, com minhas principais produções.

À época que trabalhei como mascate, não tinha tempo para poesia, trabalhava muito, tudo era difícil, só agora, aposentado, pude deixar fluir minha vocação.

Na época em que fui mascate, percorria as fazendas em um carro de boi emprestado de Rui de Barros, tinha uma ajudante de nome Robertão e percorria as fazendas Laranjeiras, Campo Alto, Nhuvai, Boqueirão, etc

As fazendas eram longe uma das outras, custava para chegar, enfrentava muita cheia, era cansativo, atolava muito e sempre tinha que ter um acompanhante.

Para meu ajudante e amigo Robertão, também fiz uma poesia.

Comercializava um pouco de tudo; roupas, mantimentos, mas o que mais vendia era bebida alcoólica como pinga e álcool puro.

Comprava meus mantimentos sempre em Corumbá, para depois revender.

A bebida era pagamento garantido, só vendia se o peão desse o dinheiro no ato da compra e assim não tinha prejuízo, como acontecia com os outros mantimentos que comercializava.

O lucro com a bebida era grande, pois cobrava o triplo do preço que valia e o peão pagava, sem reclamar.

Mas assim mesmo, a bebida não conseguiu garantir-me o sustento, pois fui muito perseguido pelos fazendeiros.

Procurava viajar sempre à noite, pois era bem mais fresco e chegava ao amanhecer nas fazendas, por lá ficava por pelo menos dois dias, vendendo e muitas vezes fazendo algum tipo de serviço.

Trocava muitas vezes minhas mercadorias, por carne de porco.

Era também ótimo para alguns serviços, como; arrumar cerca, lidar com o boi, amansar cavalo, boi baguá, etc.

Ensinei muito peão a fincar poste, passar arame, fazer acero.

Sempre fui muito bem recebido pelos empregados, a vida na fazenda era calma e feliz.

Mas, desisti do meu trabalho como mascate porque tive mais prejuízo do que lucro, vendia fiado e depois quando voltava para receber, não encontrava mais o empregado na fazenda e o proprietário não se responsabilizava pelo mesmo.

Embora a bebida alcoólica tenha dado lucro, era uma prática proibida, condenada pelos patrões e depois por lei.

Para os proprietários das fazendas, minha chegada era mais motivo de tristeza do que de alegria, uma garrafa de pinga, custava muito, saía muitas vezes por um preço alto demais, havia briga com faca, um peão furava o outro, a condução era difícil, ocorria morte, confusão.

Não só briga, ocorria muito de peão montar de fogo e cair na rodada do cavalo.

Por esses motivos ,na maioria das vezes, era proibido de retornar nas fazendas, recebia ordens dos fazendeiros para não voltar mais lá, por atrapalhar o bom andamento das fazendas.

APÊNDICE L – QUADROS DE ANÁLISE DOS EPISÓDIOS IDENTIFICADOS

QUADRO A - A CHEGADA DO MASCATE

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Nê	O mascate Alexandre vendia de tudo (linha, agulha, arroz, feijão, lençol, cobertor, roupa de cama em geral. Chegava na fazenda e ficava por 3 dias, até satisfazer a todos com seus produtos. Alexandre era um moço bem apessoado, tocadador de violão e cavaquinho. Gostava muito de ensinar os peões a tocar. Era a melhor coisa que havia por aquelas bandas a chegada de Alexandre, trazia alegria e a certeza do bailão da fazenda. Sempre que chegava, além de trazer novidades, trazia boa música.	Alexandre quando chegava era festa para fazenda. Sua chegada trazia festa para a fazenda	A chegada de Alexandre na Fazenda
Jô	Anastácio era a personagem mais esperada na fazenda. Era aguardado por todos que lá viviam. Na sua chegada havia uma verdadeira festa, tanto para os homens como para as mulheres que se preparavam, colocavam sempre a sua melhor roupa para recebê-lo. Ele sempre chegava tocando um berrante. Todos corriam em sua direção ansiosos pelas novidades. Encostava seu carro de boi na maior árvore e lá estendia sua lona apinhada de todo tipo de material.	Anastácio era muito esperado por todos que viviam na fazenda. As mulheres punham as melhores roupas para recebê-lo.	A chegada de Anastácio era muito comemorada
Má	Quando Gamarra chegava era uma festa, todas as crianças da fazenda, inclusive as minhas 3 filhas o esperavam ansiosamente, pois sempre trazia uma coisa nova. Chegava carregado de novidades na fazenda.	Quando Gamarra chegava, a fazenda virava uma festa, com cantoria à noite e tudo.	A chegada de Gamarra na fazenda deixava todo mundo feliz.
Gê	O mascate Nhozinho Freire era falante, quando chegava tinha festas, bailes, corridas de cavalo. O mascate apontava tudo o que acontecia numa caderneta, depois passava para um senhor que gostava muito de escrever e que fazia um jornal com as notícias da fazenda.	Quando o mascate Nhozinho chegava tinha festas, bailes e corridas de cavalo.	A chegada do mascate era mais uma festa para a fazenda.
Mô	A chegada dos mascates ainda causa alegria, expectativa e felicidade nos lugares distantes. Só que atualmente eles chegam em caminhão-furgão fechado. O pessoal se delicia com o colorido das estampas, com as novidades.	A chegada dos mascates traz alegria com as novidades.	A chegada dos mascates ainda traz muita alegria e felicidades para a fazenda
Dê	O mascate Mané Ambrósio era muito aguardado por todos da fazenda, pois a gente passava muito tempo sem ir à cidade, ficava sem mantimentos, devido a dificuldade de transporte. Chegava a ficar até 3 anos, sem ir a Corumbá, cidade mais próxima da fazenda onde a gente morava, por isso torcia muito pela chegada do mascate, já que ele trazia e contava novidades.	A chegada do mascate era muito aguardada na fazenda.	A chegada do mascate na Fazenda
Zô	Mané Crispim tinha como parador a fazenda Santa Filomena, onde passava parte de seu tempo.	Mané Crispim chegava sempre na fazenda	A chegada de Mané Crispim

QUADRO A - A CHEGADA DO MASCATE (continuação)

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Eli	Cabeludo chegava sempre na fazenda com um caminhão azul, escrito na porta: Caminhão da Felicidade e desenhado um Pássaro Azul. Anunciava sua chegada por meio de um alto falante: “Atenção fazenda Paraíso está chegando o caminhão do Cabeludo” e todos corriam a seu encontro.	Cabeludo chegava de caminhão	Cabeludo gritava que estava chegando
Eni	Domingão chega de barco e vai atracando nas fazendas. Anuncia sua chegada pelo programa “Alô Pantanal” As pessoas das fazendas vizinhas correm para lá.	Domingão vem de barco.	Domingão utiliza programa da difusora.
Chumbo Grosso	Trabalho com carro de boi. Minha luta é muito dura, por isso tenho um ajudante Robertão. Embora eu seja analfabeto, gosto de fazer versos quem escreve para mim é minha sobrinha	Chumbo Grosso vem de Carro de boi	Sua chegada era esperada.

QUADRO B - PRESENÇA DO MASCATE

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Nê	O mascate Alexandre chegava na fazenda e ficava por 3 dias até satisfazer a todos com seus produtos. Tocador de violão e cavaquinho gostava muito de ensinar os peões a tocar. Era a melhor coisa que havia naquelas bandas. Trazia alegria e a certeza do bailão na fazenda. Sempre que chegava, além de trazer novidades de todo tipo, trazia também boa música.	A permanência de Alexandre na fazenda era a melhor coisa que havia por aquelas bandas	A permanência de Alexandre na fazenda era muito feliz.
Jô	O mascate Anastácio demorava cerca de 3, 4 dias na fazenda, trabalhava na base da troca, o escambo era muito comum. Contava histórias para as crianças que adoravam a convivência com ele. Eram muitas histórias e a convivência muito feliz.	A convivência com Anastácio era muito feliz na fazenda.	A permanência de Anastácio era muito alegre e feliz
Má	Quando Gamarra chegava era uma alegria, todas as pessoas inclusive as minhas 3 filhas corriam para recebê-lo. Ele passava 4 a 5 na fazenda, com bailes, festas e churrasco. Ensinava Matemática para os peões, explicando para eles a importância de saber calcular. Gamarra trazia-me revistas com moldes de costura	A permanência de Gamarra na fazenda era muito importante para todos e para aqueles que ele ensinava.	Como a fazenda era muito grande Gamarra acabava ficando vários dias ali descansando.

QUADRO B - PRESENÇA DO MASCATE (continuação)

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Gê	Nhozinho Freire era muito falante, ficava cerca de 5 dias em cada uma das fazendas vendendo e trocando seus produtos com todos da fazenda, desde os peões até a família do proprietário. Sempre que os mascates ficavam nas fazendas aconteciam as festas religiosas. Chegaram a fazer um jornal.	A permanência do mascate na fazenda chegou a produzir um jornal.	Muito relevante a permanência do mascate na fazenda.
Mô	O pessoal da fazenda se delicia frente ao colorido das estampas, das novidades. Olham com curiosidade, escolhem e sonham. Para a felicidade geral podem comprar de uma outra maneira. Ficam na fazenda até que todos façam as suas compras e valorizam os seus produtos. No século XXI, a presença dos mascates ainda causa alegria, expectativa, felicidade, nos lugares mais distantes.	A permanência dos mascates na fazenda é para as pessoas fazerem suas compras. Ficam até que todos fiquem satisfeitos.	A presença do mascate é muito celebrada pelos peões e todos na fazenda.
Dê	Passavam cerca de 05 (cinco) dias em cada fazenda e Ermelinda, esposa de Ambrósio, ensinava nesse período, as mulheres da fazenda, a costurarem.	Dê aprendia coisas com Ermelinda	Troca de Saberes
Zô	Mané Crispim tinha como parador a fazenda Santa Filomena, onde passava parte de seu tempo.	Mané Crispim demorava nas fazendas	Mané Crispim parava no seu destino
Eli	Ficava normalmente um dia e uma noite em cada fazenda. Deixava seus produtos, anotava tudo o que cada um pegava e passava no outro mês para receber. Recebia diretamente de cada comprador. Percorria as fazendas Cáceres, Santa Filomena, Alegria, Paraizo, Ipanema, Nhumirim, Porto Alegre, etc.	O Mascate demorava na fazenda, não tinha pressa de ir embora, voltava para receber.	Ficava um dia e uma noite, depois voltava.
Eni	O programa anuncia que Domingão naquele dia vai atracar em determinado porto e as pessoas das fazendas próximas correm para lá, ver as novidades do barco do Domingão. Os portos percorridos pelo mascate são: Porto Figueira e Santa Luzia, Porto Rolon, Colônia São Domingos, Porto Breto, Porto de Lourdes, etc. As mulheres fazem muitas encomendas para Domingão, principalmente de tecidos e roupa de cama. Domingão passa a cada 20 dias nos portos, vende os produtos e passa para receber no mês seguinte.	Domingão usava o Programa da Difusora para marcar sua presença nas fazendas.	As mulheres faziam muitas encomendas para Domingão.

QUADRO C - PRESENÇA DO MASCATE (continuação)

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Chumbo Grosso	Embora analfabeto, gosto muito de poesia, possuo uma sobrinha que redige para mim e tenho intenção de lançar um livro em Corumbá, com minhas principais produções. À época que trabalhei como mascate, não tinha tempo para poesia, trabalhava muito, tudo era difícil, só agora, aposentado, pude deixar fluir minha vocação. Na época em que fui mascate, percorria as fazendas em um carro de boi emprestado de Rui de Barros, tinha uma ajudante de nome Robertão e percorria as fazendas Laranjeiras, Campo Alto, Nhuváí, Boqueirão, etc. As fazendas eram longe uma das outras, custava para chegar, enfrentava muita cheia, era cansativo, atolava muito e sempre tinha que ter um acompanhante. Para meu ajudante e amigo Robertão, também fiz uma poesia.	Chumbo Grosso percorria as fazendas com seu ajudante Robertão, de carro de boi.	Chumbo Grosso sofria para correr as fazendas

QUADRO D - COMÉRCIO DOS MASCATES

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Nê	Alexandre andava num carro de boi vindo de Corumbá percorrendo as fazendas, vendia seus produtos nas fazendas por onde passava. Vendia de tudo: linha, agulha, arroz, feijão, lençol, cobertor, roupa de cama em geral. Trazia novidades de todo tipo. Os moradores da fazenda tinham um carinho muito grande por Alexandre que satisfazia a todos com seus produtos.	O mascate vendia de tudo que os peões precisassem. O mascate satisfazia a todos com seus produtos.	O mascate comerciava de tudo. E satisfazia todos os moradores da fazenda, com seus produtos.
Jô	Encostava seu carro de boi na maior árvore que avistava e lá estendia sua lona apinhada de todo tipo de material. Em seu carro de boi havia de tudo um pouco: remédios, maquiagem, lampião a querosene (lâmpião morcego) linha, agulha, livros de história, lápis, caderno, borracha, cigarro, mantimento, perfume, brinquedo para as crianças. Seguia um roteiro pelas fazendas, de uma em uma. Demorava cerca de 3 a 4 dias, trabalhava muitas vezes, na base do escambo, deixando mercadorias na fazenda e levando couro, crina de cavalo, cola de gado (rabo de boi) carne. Recebia diretamente de mim, proprietário da fazenda, que anotava o que cada um comprava e depois descontava no salário, mas eu, impunha um limite para cada um gastar.	O mascate comerciava de tudo, muitas vezes na base do escambo. Os peões tinham um limite para gastar.	Os mascates levavam de tudo para os peões comprarem

QUADRO D - COMÉRCIO DOS MASCATES (continuação)

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Má	O mascate passava de mês em mês na fazenda e levava de tudo, remédio, roupas diversas, botinas, tecido, linha, agulha, todo tipo de armarinho, bala, jujuba, chupeta doce, guloseimas para as crianças. Ia de carro de boi e chegava carregado de novidades. Estava sempre acompanhado da mulher que o ajudava em seu comércio e por isso demorava mais na fazenda, descansada, fazia bailes, ensinava as crianças e além de tudo era professor de Matemática. Quando via que os peões atrapalhavam-se nas contas, tentava ajudá-los com seus conhecimentos matemáticos incentivando-os com a importância de saber fazer bem as operações matemáticas.	O mascate Gamarra, além de comercializar seus produtos, ainda ensinava os peões a fazerem os cálculos matemáticos.	O Gamarra além de comercializar seus produtos, contava o que acontecia na cidade.
Gê	Nhozinho Freire era um mascate muito bom, que passava umas duas vezes por ano na fazenda e ficava uns 5 dias. Trazia muitas coisas boas, vendia e trocava suas mercadorias com os empregados até com o patrão. Gostava muito de escrever e quando aconteciam os bailes, as corridas, ele escrevia tudo numa caderneta e dava para um senhor que transformava as notícias num jornal, escrito do próprio punho. Este jornal percorreu todas aquelas fazendas através do mascate Nhozinho Freire e as pessoas gostavam muito de recebê-lo.	O mascate além de vender seus produtos, ainda fazia circular um jornal pelas fazendas.	Além de comerciante, o mascate era jornalista
Mô	Não existem mais carros de boi ou carroças cruzando as picadas abertas do desconhecido. Atualmente eles chegam em caminhões furgões fechados com grande quantidade de mercadorias. São geralmente materiais de cama, mesa e banho, lençol, fronhas, colchas, cobertores, toalhas de mesa e banho. Trazem colchões, travesseiros e até jogos de panela. As pessoas que não costumam ir à cidade se deliciam com as estampas e as novidades. Elas têm a possibilidade de dividir.	Os peões compram as novidades que são trazidas pelos mascates e pagam pelo Carnê	Os mascates procedem Como os vendedores Urbanos.

QUADRO D - COMÉRCIO DOS MASCATES (continuação)

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Dê	<p>Embora Mané Ambrósio vendesse suas mercadorias por um preço bem salgado, muito acima do que era vendido no comércio de Corumbá, ainda assim valia a pena comprar, porque era acostumada a ficar na fazenda, não me sentia bem na cidade, não gostava de sair para fazer compras, gostava muito que as compras viessem até nós e não, ao contrário. Mané Ambrósio viajava sempre acompanhado de sua mulher, Ermelinda e possuíam uma pequena confecção de roupa em Corumbá, motivo pelo qual sempre vendia preferencialmente, tecidos e aviamentos. Apontava tudo que vendia em uma caderneta e pedia para o comprador assinar e depois recebia o valor diretamente com o proprietário da fazenda, que descontava do salário de seu empregado. Passavam cerca de cinco dias em cada fazenda e Ermelinda, esposa de Ambrósio, ensinava nesse período, as mulheres da fazenda, a costurarem. Aprendi a cortar roupa, molde de roupa com Ermelinda, a fazer camisa, short, vestido, a cortar calça. Aprendi a costurar todo tipo de roupa e a partir desse aprendizado, não precisei mais comprar em Corumbá para meu marido e para minhas crianças.</p>	<p>A cozinheira Dê observa que aprendeu muito com a Ermelinda mulher do Mané Ambrósio, realizou muitas trocas de saberes, e assim chegou até a ganhar um dinheirinho e não precisava mais comprar certos produtos.</p>	<p>A esposa de Mané Ambrósio ensinava tudo para Dê e isso fazia dele um mascate muito esperado</p>
Zô	<p>Ficava cerca de dois a três dias em cada fazenda e tinha muita habilidade para mexer com couro e cal. Aprendi a fazer com Crispim sola de sapato, chinelo, cinto, alforge. Ele ensinava como fazia para curtir o couro, curtia no angico, limpava com cal, punha para secar, botava para bater e passava vidro em cima. Muitos peões foram capazes de melhorar seus arreios, com os ensinamentos de Crispim. Ensinou também alguns peões novatos, sem muita prática, a lidar com boi: a cangá, descangá o boi, amansar, etc. .Era um mascate com muita prática no manejo do dia-a-dia de uma fazenda.</p>	<p>Mané Crispim tinha muitas outras habilidades além de mascate, e ajudava muito a peonada</p>	<p>A peonada precisava muito de Mané Crispim. Era um mascate com grandes habilidades.</p>
Eli	<p>Ficava normalmente um dia e uma noite em cada fazenda. Deixava seus produtos, anotava tudo o que cada um pegava e passava no outro mês para receber. Recebia diretamente de cada comprador. Percorria as fazendas Cáceres, Santa Filomena, Alegria, Paraizo, Ipanema, Nhumirim, Porto Alegre, etc. Gostava muito de fazer trova e de ensiná-las às crianças da fazenda. Recordo de Cabeludo gritando com seu alto falante: “Comadre, Compadre, corram, chegou o Cabeludo trazendo quase tudo” Cabeludo vendia muito livro e ensinava também às crianças o alfabetário. Levava muitos jornais, que distribuía de graça e insistia para os peões lerem</p>	<p>Cabeludo comerciava diretamente com o comprador e usava o alto-falante.</p>	<p>Cabeludo vendia livros</p>

QUADRO D - COMÉRCIO DOS MASCATES (continuação)

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Eni	<p>O programa anuncia que Domingão aquele dia vai atracar em determinado porto e as pessoas das fazendas próximas correm para lá, ver as novidades do barco do Domingão. Os portos percorridos pelo mascate são: Porto Figueira e Santa Luzia, Porto Rolon, Colônia São Domingos, Porto Breto, Porto de Lourdes, etc. As mulheres fazem muitas encomendas para Domingão, principalmente de tecidos e roupa de cama. Domingão passa a cada 20 dias nos portos, vende os produtos e passa para receber no mês seguinte. Como ajudante do mascate, eu pilotava o barco, enquanto Domingão cuidava das mercadorias e de seu violão. Domingão também gosta muito de tocar violão e de dançar e normalmente promove uma festa a cada parada de seu barco. É muito conhecido no pantanal, por ser divertido, alegre, todos ficam ansiosos esperando a festa a cada porto e as novidades trazidas por ele.</p>	<p>O Programa da Difusora anuncia os horários de Domingão nas fazendas de um modo muito prático. Sua chegada tem festa com cantoria e tudo.</p>	<p>Domingão se fazia anunciar por meio do programa de rádio.</p>
Chumbo Grosso	<p>Comercializava um pouco de tudo; roupas, mantimentos, mas o que mais vendia era bebida alcoólica como pinga e álcool puro. Comprava meus mantimentos sempre em Corumbá, para depois revender.</p> <p>A bebida era pagamento garantido, só vendia se o peão desse o dinheiro no ato da compra e assim não tinha prejuízo, como acontecia com os outros mantimentos que comercializava. O lucro com a bebida era grande, pois cobrava o triplo do preço que valia e o peão pagava, sem reclamar. Mas assim mesmo, a bebida não conseguiu garantir-me o sustento, pois fui muito perseguido pelos fazendeiros. Procurava viajar sempre à noite, pois era bem mais fresco e chegava ao amanhecer nas fazendas, por lá ficava por pelo menos dois dias, vendendo e muitas vezes fazendo algum tipo de serviço.</p>	<p>O problema de Chumbo Grosso era que ele comercializava bebidas alcoólicas e isso prejudicava o bom andamento da vida nas fazendas.</p>	<p>Chumbo Grosso levava bebida alcoólica para vender e isso causava problema muito grande p/ os fazendeiros.</p>

QUADRO E - RELAÇÃO DO MASCATE COM OS MORADORES

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Nê	Alexandre era afinado no violão e os empregados encomendavam dele violão e cavaquinho. Ensinou muitos deles a tocar, insistia dizendo que o dom da música surge na maioria dos casos, naturalmente. Ensinava a todos que a dedicação é a palavra de ordem para que o sonho de se tornar um grande músico possa se realizar. Toda a peonada da Fazenda 2 Irmãos tinha algum instrumento musical, influenciada pelo mascate. Tocar faz bem para a alma repetia sempre o mascate, o violão e cavaquinho são instrumentos que nunca nos abandonam. Quem possui um instrumento musical nunca está sozinho. Alexandre ensinou a todos as notas musicais. Cada vez que chegava na fazenda trazia embaixo do braço uma partitura.	Alexandre além de vender produtos era um professor de música na fazenda. Incentivava a todos com o seu gosto apurado pelas canções.	Alexandre /Mascate / Professor
Jô	Anastácio era a personagem mais esperada da fazenda. Chegava tocando berrante e todos corriam em sua direção, ansiosos pelas novidades. Tanto os homens como as mulheres queriam ver as novidades. Fazia um roteiro para passar de fazenda em fazenda. Demorava cerca de 5 dias na fazenda, que eram dias de festa. Comerciava na base da troca, deixando mercadorias e levando outras. O proprietário da fazenda pagava as contas e descontava no salário no final do mês, mas tinha um limite combinado para que os empregados não ficassem endividados. Anastácio sentia dificuldade para chegar até a fazenda, por isso viajava no período da seca. Às vezes carregava seu filho de 17 anos para ajudá-lo na difícil tarefa de atravessar as bitolas arenosas do Pantanal com o carro pesado, atolando sempre e tendo que descer tirar um pouco de areia com a pá, para seguir em frente.	Apesar de todas as dificuldades que sentia para chegar, Anastácio ia sempre e era esperado com muita alegria na fazenda.	Anastácio /mascate /comerciava produtos e trazia alegria
Má	Gamarra levava a sua própria comida, mas eu não deixava, pois, na minha fazenda eu gosto de receber. Ele trazia as coisas novas da cidade, e os jornais porque sabia que eu gostava de ler as novidades. Como eu sempre gostei de costurar, ele trazia revistas com moldes para mim, revistas que tivessem os últimos lançamentos. Como a fazenda era muito grande, ele demorava bastante por lá e era uma ocasião cheia de festas, churrasco e muita cantoria.	A convivência com Gamarra era muito boa, os dias que ele ficava conosco eram muito alegres.	Gamarra/mascate /alegria de todos
Gê	Quando Nhozinho chegava tinha todo aquele movimento de final de semana. Eram festas dos santos, comércio dos produtos, cantoria, carreras, tudo de bom. Nhozinho gostava muito de escrever, então anotava numa caderneta tudo que acontecia, as pessoas que estavam presentes e depois passava para um senhor que fazia um jornal do próprio punho e distribuía pelas fazendas. Foi o 1º jornal da Nhecolândia. As pessoas se interessavam muito pelo Jornal.	A chegada de Nhozinho era uma festa com danças religiosas e cantorias.	Nhozinho/mascate /Jornalista

QUADRO E - RELAÇÃO DO MASCATE COM OS MORADORES (continuação)

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Mô	Os mascates chegam de caminhão-furgão fechado com um grande estoque de mercadoria, trazem colchões, travesseiros e até jogos de panelas. Dividem as compras em 6 parcelas que cabem no orçamento das pessoas. Os mascates utilizam carnê e os empregados pagam religiosamente. As pessoas olham com curiosidade tudo o que o mascate traz e ficam muito felizes com a sua chegada porque raramente vão à cidade.	Os mascates vêm de longe, do norte do Paraná, fazendo propaganda de seus produtos.	Mascates /empresários
Dê	<p>Mané Ambrózio viajava sempre acompanhado de sua mulher, Ermelinda e possuíam uma pequena confecção de roupa em Corumbá, motivo pelo qual sempre vendia preferencialmente, tecidos e aviamentos. Apontava tudo que vendia em uma caderneta e pedia para o comprador assinar e depois recebia o valor diretamente com o proprietário da fazenda, que descontava do salário de seu empregado.</p> <p>Passavam cerca de 05 (cinco) dias em cada fazenda e Ermelinda, esposa de Ambrózio, ensinava nesse período, as mulheres da fazenda, a costurarem. Aprendi a cortar roupa, molde de roupa com Ermelinda, a fazer camisa, short, vestido, a cortar calça. Aprendi a costurar todo tipo de roupa e a partir desse aprendizado, não precisei mais comprar em Corumbá para meu marido e para minhas crianças. Comprava somente o tecido e aviamentos do mascate. Aprendi também com Ermelinda a fazer doce de compota, até sabia fazer mais ou menos, mais Ermelinda ensinou a fazer calda, a não errar o ponto de tirar do fogo, ajeitar nos vidros de uma maneira bonita, arrumada. Passei a fazer doce de laranja, caju, goiaba, rapadura, queijo Nicola e meu marido ia para a beira do asfalto vender para quem passasse pela estrada, para assim, ganhar um dinheirinho a mais.</p>	Mané Ambrózio como sua mulher Ermelinda tinham uma ótima relação com os moradores da fazenda. Faziam excelentes trocas de saberes uns com os outros.	Dê aprendeu muitas coisas com Ermelinda, mulher do mascate
Zô	<p>Ficava cerca de dois a três dias em cada fazenda e tinha muita habilidade para mexer com couro e cal.</p> <p>Aprendi a fazer com Crispim sola de sapato, chinelo, cinto, alforge. Ele ensinava como fazia para curtir o couro, curtia no angico, limpava com cal, punha para secar, botava para bater e passava vidro em cima. Muitos peões foram capazes de melhorar seus arreios, com os ensinamentos de Crispim. Ensinou também alguns peões novatos, sem muita prática, a lidar com boi: a cangá, descangá o boi, amansar, etc.</p> <p>Era um mascate com muita prática no manejo do dia-a-dia de uma fazenda. Relacionava-se muito bem com os moradores da fazenda, exceto com os proprietários da mesma, pois como a maioria dos mascates que passavam naquela região, sempre vendia bebida alcoólica, burlando a lei, o que causava transtornos nas fazendas ,gerando brigas e arruaças.</p>	Mané Crispim fazia excelentes atividades nos momentos que ficava na fazenda enquanto vendia seus produtos. O problema era com a bebida que levava para vender.	A relação era muito boa mas o problema era o comércio de bebida.

QUADRO E - RELAÇÃO DO MASCATE COM OS MORADORES (continuação)

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Eli	<p>Ficava normalmente um dia e uma noite em cada fazenda. Deixava seus produtos, anotava tudo o que cada um pegava e passava no outro mês para receber. Recebia diretamente de cada comprador. Percorria as fazendas Cáceres, Santa Filomena, Alegria, Paraizo, Ipanema, Nhimirim, Porto Alegre, etc. Gostava muito de fazer trova e de ensiná-las as crianças da fazenda. Recordo de Cabeludo gritando com seu alto falante: “ Comadre, Compadre, corram, chegou o cabeludo trazendo quase tudo” Cabeludo vendia muito livro e ensinava também às crianças o abecedário. Levava muitos jornais, que distribuía de graça e insistia para os peões lerem. Entendia muito de mecânica e consertava motor de luz da fazenda, gerador. Ensinou o que pôde de mecânica ao pessoal da Nhecolândia , por onde passava. Conseguiu até fazer uma avião Stetsom, com um motor de fusca e decolou com Lucílio Medeiros, seu amigo.</p>	<p>Além dos produtos que levava, Cabeludo levava livros e jornais , ajudava os moradores em outras atividades e insistia para os peões lerem.</p>	<p>Cabeludo se relacionava muito bem com os moradores e fazia outras atividades nos dias que ficava nas fazendas.</p>
Eni	<p>Vai percorrendo com seu barco, vendendo seus produtos e atracando nos portos próximos a fazendas.</p> <p>Anuncia sua chegada por um programa de rádio a difusora de Corumbá que passa às 12:00 horas, chamado Alô Pantanal. O programa anuncia que Domingão naquele dia vai atracar em determinado porto e as pessoas das fazendas próximas correm para lá, ver as novidades do barco do Domingão. As mulheres fazem muitas encomendas para Domingão, principalmente de tecidos e roupa de cama. Domingão passa a cada 20 dias nos portos, vende os produtos e passa para receber no mês seguinte. Como ajudante do mascate, eu pilotava o barco, enquanto Domingão cuidava das mercadorias e de seu violão. Domingão também gosta muito de tocar violão e de dançar e normalmente promove uma festa a cada parada de seu barco. É muito conhecido no pantanal, por ser divertido, alegre, todos ficam ansiosos esperando a festa a cada porto e as novidades trazidas por ele. Embora as mercadorias de Domingão sejam caras, a festa que ele promove a cada chegada, movimentava muito aquela região e deixa sempre um gostinho de quero mais.</p>	<p>De barco Domingão percorria as fazendas, sendo ajudado pelo programa Alô Pantanal, levando muitas novidades e promovendo festas com violão e danças.</p>	<p>Domingão era anunciado pelo Programa Alô Pantanal Percorrendo as fazendas de barco.</p>

QUADRO E - RELAÇÃO DO MASCATE COM OS MORADORES (continuação)

Sujeito	Discurso	Essência do discurso	Síntese
Chumbo Grosso	<p>Eu também fazia alguns serviços, como; arrumar cerca, lidar com o boi, amansar cavalo, boi baguá, etc.</p> <p>Ensinei muito peão a fincar poste, passar arame, fazer acero. Sempre foi muito bem recebido pelos empregados, a vida na fazenda era calma e feliz. Mas, desisti do meu trabalho como mascate porque tive mais prejuízo do que lucro, vendia fiado e depois quando voltava para receber, não encontrava mais o empregado na fazenda e o proprietário não se responsabilizava pelo mesmo. Embora a bebida alcoólica tenha dado lucro, era uma prática proibida, condenada pelos patrões e depois por lei. Para os proprietários das fazendas, minha chegada era mais motivo de tristeza do que de alegria, uma garrafa de pinga, custava muito, saía muitas vezes por um preço alto.</p>	Chumbo Grosso era excelente pessoa quando chegava, ajudava na lida da fazenda, o problema era o comércio de bebida alcoólica	A chegada de Chumbo Grosso era problemática para os donos das fazendas em virtude da bebida que ele trazia.

QUADRO F - TRANSFORMAÇÃO DA ATIVIDADE DO MASCATE

Sujeito	Discurso
Nê	Certa vez, Alexandre, chegando na fazenda foi chamado por uma parteira para ajudar a realizar um parto, já que a parturiente estava muito nervosa e precisava de escutar uma boa música para se acalmar. E assim foi feito, nasceu um lindo pantaneirinho, ao som de um chorinho entoado por Alexandre.
Jô	O mais interessante neste mascate era que ele era um contador de histórias. Conhecia todas as fábulas, mitos e contos pantaneiros. À noite todos na fazenda se reuniam para escutar suas histórias, principalmente as crianças que ficavam vidradas e com medo do que ele tinha pra contar. O primeiro encontro das crianças pantaneiras com as histórias inaugurou-se com Anastácio. Os contos do mascate começaram a fazer um estranho e novo sentido para aquela população que vivia tão longe de tudo. À medida que contava, gesticulava muito fazendo os objetos ganharem vida. Anastácio contava que gostava muito de ler, e que de tanto ler, resolveu sair pelo mundo contando histórias.
Má	O mascate dizia aos moradores daquela região que era preciso aprender um pouco de Matemática, dizia que as contas são tão necessárias quanto as coisas mais essenciais que precisamos para viver. Estava sempre com um pequeno graveto nas mãos e no pomar da fazenda, no chão, onde tinha muita areia, ensinou os pantaneiros a calcular. Para ter sempre dinheiro, é preciso sabe calcular, repetia Gamarra.
Gê	Era comum nos finais de semana haver algum movimento na fazenda, com Carreras, Festas Religiosas e o mascate participava. Este mascate gostava muito de escrever e então foi anotando numa caderneta tudo acontecia nas festas, as pessoas presentes, fazendo um relato completo. Depois passava para um senhor, cujo nome não me lembro, que transformava tudo num jornal, de próprio punho que distribuía para as fazendas, que adoravam receber jornal.

QUADRO F - TRANSFORMAÇÃO DA ATIVIDADE DO MASCATE (continuação)

Sujeito	Discurso
Mô	Os mascates vêm de longe, lá do norte do Paraná, percorrendo as fazendas que encontram pelo caminho, valorizando seus produtos e fazendo propaganda boca a boca. Tem até firma constituída: ENXOVAIS SERRANA DO NORTE, com logotipo estampado no caminhão, blocos de Carnê que são devidamente preenchidos na frente do comprador, com endereço, incluindo CEP, telefone e nome dos vendedores. Pedem para o empregado não fazer depósito em caixa eletrônico e observar o dia exato do vencimento do carnê para não pagar juros e observam “a pontualidade dos pagamentos aumenta e facilita o crédito”.
Dê	O único inconveniente da chegada do mascate na fazenda é que ele vendia muita bebida aos peões (pinga) principalmente e por várias vezes, houve confusão, briga, entre eles, pelo excesso de álcool.
Zô	Ficava cerca de dois a três dias em cada fazenda e tinha muita habilidade para mexer com couro e cal. Aprendi a fazer com Crispim sola de sapato, chinelo, cinto, alforje. Ele ensinava como fazia para curtir o couro, curtia no angico, limpava com cal, punha para secar, botava para bater e passava vidro em cima.
Eli	Em cima do caminhão levava um freezer abarrotado de bebida gelada (coisa rara de se ter no pantanal) encostava nas fazendas e começava a vender. Ficava normalmente um dia e uma noite em cada fazenda. Deixava seus produtos, anotava tudo o que cada um pegava e passava no outro mês para receber. Recebia diretamente de cada comprador. Percorria as fazendas Cáceres, Santa Filomena, Alegria, Paraizo, Ipanema, Nhumirim, Porto Alegre, etc. Gostava muito de fazer trova e de ensiná-las as crianças da fazenda. Recordo de Cabeludo gritando com seu alto falante: “ Comadre, Compadre, corram, chegou o cabeludo trazendo quase tudo” .
Eni	O programa anuncia que Domingão naquele dia vai atracar em determinado porto e as pessoas das fazendas próximas correm para lá, ver as novidades do barco do Domingão. Os portos percorridos pelo mascate são: Porto Figueira e Santa Luzia, Porto Rolon, Colônia São Domingos, Porto Breto, Porto de Lurdes, etc. As mulheres fazem muitas encomendas para Domingão, principalmente de tecidos e roupa de cama. Domingão passa a cada 20 dias nos portos, vende os produtos e passa para receber no mês seguinte. Como ajudante do mascate, eu pilotava o barco, enquanto Domingão cuidava das mercadorias e de seu violão.
Chumbo Grosso	As fazendas eram longe uma das outras, custava para chegar, enfrentava muita cheia, era cansativo, atolava muito e sempre tinha que ter um acompanhante. Para meu ajudante e amigo Robertão, também fiz uma poesia. Comercializava um pouco de tudo; roupas, mantimentos, mas o que mais vendia era bebida alcoólica como pinga e álcool puro. Comprava meus mantimentos sempre em Corumbá, para depois revender. A bebida era pagamento garantido, só vendia se o peão desse o dinheiro no ato da compra e assim não tinha prejuízo, como acontecia com os outros mantimentos que comercializava. O lucro com a bebida era grande, pois cobrava o triplo do preço que valia e o peão pagava, sem reclamar. Mas assim mesmo, a bebida não conseguiu garantir-me o sustento, pois fui muito perseguido pelos fazendeiros.

APÊNDICE M - TCLE -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Educação
Cursos de Mestrado e Doutorado



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver.

Este estudo está sendo conduzido por Beatriz Teixeira Morettini Medeiros.

1. Título do projeto de Pesquisa: O MASCATE PANTANEIRO: ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E AS PROPRIEDADES RURAIS DO PANTANAL

2. Delineamento do Estudo e Objetivos:

A pesquisa objetiva investigar o processo de constituição do sujeito mascate pantaneiro, no desempenho de suas atividades, em seu contexto social. O referencial teórico-metodológico adotado será a abordagem histórico-cultural da Psicologia, representada por Vigotski e seus colaboradores, principalmente Luria e Leontiev. Serão utilizadas as contribuições dos psicólogos soviéticos para a compreensão do sujeito como histórico-concreto e para o entendimento da constituição do psiquismo humano que se faz por meio da apropriação da cultura expressa nos processos educativos.

3. Procedimentos de Pesquisa:

Optou-se por uma pesquisa qualitativa para acompanhar esses sujeitos em seu processo de mudança. Serão selecionados 5 (cinco) sujeitos que exerceram a profissão de mascate no Pantanal, ou conviveram com esses mascates, utilizaram os seus serviços ou participaram de suas vidas e de seu trabalho, para que sejam colhidos seus relatos, narrativas de suas memórias. Como procedimento, será utilizada a análise de conteúdo das narrativas de vida dos personagens que sairão dos próprios relatos dos sujeitos.

4. Garantia de Acesso ao protocolo de Pesquisa: Em qualquer etapa de desenvolvimento do protocolo os sujeitos participantes terão acesso à pesquisadora Beatriz Teixeira Morettini Medeiros para esclarecimento de eventuais dúvidas, que poderá ser encontrada pelos telefones (67) 3306 8342 ou (67) 9985 0009. Se por ventura existir alguma dúvida quanto aos procedimentos éticos envolvidos na pesquisa, por favor, entrar em contato com a orientadora, Professora Dr^a Sônia da Cunha Urt, no telefone (67) 3345 7585.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do Sujeito da Pesquisa

5.Garantia de Liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de retirar a qualquer momento seus consentimentos de participação na pesquisa, sem qualquer prejuízo pessoal.

6.Garantia de Confidencialidade: Os dados relativos da pesquisa advindas dos depoimentos descritos serão analisados conforme a metodologia da pesquisa exploratória, sem identificação dos sujeitos participantes.

7.Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes, e dever da pesquisada, mantê-los (a) informados (a) sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

8.Garantia de Isenção de Despesas e/ou Compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional, esta será integralmente absorvida pelo orçamento da pesquisa.

9.Garantia Científica Relativa ao Trabalho dos Dados Obtidos: Há garantia incondicional quanto a preservação exclusiva da finalidade científica do manuseio dos dados obtidos.

10. Termo de Consentimento

Eu _____, declaro para os devidos fins que fui suficientemente informado(a) a respeito do protocolo de pesquisa em estudo e que li, ou que foram lidas para mim, as premissas e Condições deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Concordo em participar da pesquisa proposta por intermédio das condições aqui expostas e a mim apresentadas pelo(a) pesquisador(a). Declaro ainda que ficaram suficientemente claros para mim os propósitos dos estudos, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade científica e de liberdade, quanto a minha participação, de isenção de despesas e/ou compensações, bem como a garantia de esclarecimentos permanentes.

Rubrica do pesquisador

Rubrica do Sujeito da Pesquisa

Autorizo que os dados fornecidos sejam revelados para fins exclusivamente científicos, a fim de configurar os objetivos da pesquisa sobre a constituição do sujeito mascate pantaneiro, no desempenho de suas atividades, em seu contexto social.

Para esclarecimentos e dúvidas, entre em contato com o Comitê de Ética da UFMS, pelo telefone: (67) 3345-7187.

Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa.

Assinatura do sujeito participante

Campo Grande, MS __/__/__

DECLARAÇÃO

Declaro que obtive livremente, de forma apropriada e voluntariamente, o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TECLE) do sujeito em questão, para efetiva participação na pesquisa.

Campo Grande, __/__/__

APÊNDICE N - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



Título:

O Mascate Pantaneiro: Estudo sobre as Relações entre a Constituição do Sujeito e as Propriedades Rurais do Pantanal

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 06952612.2.0000.0021

Pesquisador: Beatriz Teixeira Morettini Medeiros

Instituição:

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 87577

Data da Relatoria: 30/08/2012

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa objetiva investigar o processo de constituição do sujeito mascate pantaneiro, no desempenho de suas atividades, em seu contexto social. O referencial teórico-metodológico adotado será a abordagem histórico-cultural da Psicologia, representada por Vigotski e seus colaboradores, principalmente Luria e Leontiev. Serão utilizadas as contribuições dos psicólogos soviéticos para a compreensão do sujeito como histórico-concreto e para o entendimento da constituição do psiquismo humano que se faz por meio da apropriação da cultura expressa nos processos educativos. Optou-se por uma pesquisa qualitativa para acompanhar esses sujeitos em seu processo de mudança. Serão selecionados 5 (cinco) sujeitos que exerceram a profissão de mascate no Pantanal, ou conviveram com esses mascastes, utilizaram os seus serviços ou participaram de suas vidas e de seu trabalho, para que sejam colhidos seus relatos, narrativas de suas memórias. Como procedimento, será utilizada a análise de conteúdo das narrativas de vida dos personagens que sairão dos próprios relatos dos sujeitos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Estudar o processo de constituição do mascate pantaneiro no trabalho de transportar produtos para as fazendas, entendendo-o como um processo educativo, em movimento e em mudança; Estabelecer as relações entre esse sujeito e o contexto das propriedades rurais do Pantanal, considerando a apropriação da cultura que se efetiva por meio da educação.

Objetivo Secundário:

Identificar os fatores que interferiram na constituição do sujeito mascate no Pantanal; Selecionar as formas de trabalho (seus processos educativos) desse sujeito; Levantar os fatores que prejudicaram e que facilitaram o seu trabalho; Identificar as formas de intercâmbio entre os mascates e as propriedades rurais; Evidenciar o processo de aprendizagem presente nas atividades desse sujeito mascate que expressa o modo como se deu a apropriação da cultura desse contexto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Não há riscos nem físicos nem psíquicos

Benefícios: Com a pesquisa serão beneficiadas, tanto as pessoas que vivem nessa região como os sul-mato-grossenses que poderão perceber o Pantanal muito além de suas cores e aves - o Pantanal daqueles que lá vivem e trabalham e que manifestam na sua singularidade a realização do universal, a expressão da organização da sociedade.

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS Bairro: Caixa Postal 549 CEP: 79.070-110

UF: MS Município: CAMPO GRANDE

Telefone: ((67) 33)45-7-187 Fax: ((67) 33)45-7-187 E-mail: bioetica@propp.ufms.br UFMS
UFMS

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de relevância social e histórica, na busca de resgatar a presença de um sujeito extinto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Adequado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 31 de Agosto de 2012

Assinado por:

Edilson dos Reis

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS Bairro: Caixa Postal 549 CEP:

79.070-110

UF: MS Município: CAMPO GRANDE

Telefone: (67) 3345-7187 Fax: (67) 3345-7187 E-mail: bioetica@propp.ufms.br